

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem

MACHADO DE ASSIS NA TERRA DO TIO SAM:
ANÁLISE CONTRASTIVA, DE BASE
SISTÊMICO-FUNCIONAL, DAS DIFERENÇAS DE
REPRESENTAÇÕES DE MUNDO DO NARRADOR
BIZARRO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS
CUBAS E DE SUA TRADUÇÃO THE POSTHUMOUS
MEMOIRS OF BRÁS CUBAS

Thisiany Mary Vieira de Oliveira

THISIANY MARY VIEIRA DE OLIVEIRA

MACHADO DE ASSIS NA TERRA DO TIO SAM:
ANÁLISE CONTRASTIVA, DE BASE
SISTÊMICO-FUNCIONAL, DAS DIFERENÇAS DE
REPRESENTAÇÕES DE MUNDO DO NARRADOR
BIZARRO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS
CUBAS E DE SUA TRADUÇÃO THE POSTHUMOUS
MEMOIRS OF BRÁS CUBAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Tradução e Práticas Discursivas

Orientador: Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior

Mariana

Agosto de 2012

Folha de aprovação

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA EM 13 DE AGOSTO DE 2012 PELA
BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA PELOS PROFESSORES:

Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior (orientador)
(UFOP)

Profa. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes
(UFMG)

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves
(UFOP)

*A quem me amou primeiro...
Ao único que é digno de receber a honra e a glória, a força e o poder...
Ao rei eterno, imortal, invisível, mas real...
A Deus, dedico esta dissertação.*

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, a quem dedico esta dissertação, pois abriu esta porta do mestrado em minha vida e fez com que tudo cooperasse para a minha formação. Glórias a Ti, Senhor Jesus!

À UFOP, especialmente ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais, que tanto me apoiou ao longo deste mestrado.

À CAPES, por financiar a realização de um dos meus sonhos.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior, por me ajudar a crescer intelectualmente, pela paciência, por tamanha compreensão em momentos de dificuldades por mim vivenciados e por sempre atender aos meus pedidos de ajuda. Nunca me esquecerei de você, querido professor.

Aos professores do ICHS José Luiz, William, Margareth e Sérgio, que estiveram comigo ao longo da minha graduação e, durante o mestrado, ensinaram-me tanto.

À professora Elzira, por estar presente e atuante durante todo esse tempo e por resolver vários problemas de ordem burocrática.

À minha amada mãe, por repetir tanto “VOCÊ CONSEGUE!”. Mãe, você é exemplo de mulher, de mãe, de vencedora. Amo você demais!

Ao Hélio, Tetéia, Cacá, Pi e Vovó Sinhá, por ajudarem a cuidar do Silvinho quando eu estive ausente. Vocês são mais do que especiais para mim!

À minha sogra pelas vezes que me acompanhou à Mariana.

Aos meus avôs, vovô Silvio e vovó Sinhá, por cuidarem de mim. Apesar de meu avô não estar mais entre nós, não poderia deixar de incluí-lo nestes agradecimentos. Lembro que todos os dias eles me perguntavam: “Você vai pra Mariana hoje?”. Quando a resposta era sim, meu avô dizia: “Vai com Deus, minha filha”. Eu via nos olhos da minha vovozinha a preocupação. Obrigada, vovó!

Ao meu amado, Daniel. Nem sei como agradecer tanto apoio. Na graduação você me levou por dois anos quase todos os dias, caso contrário, eu não me formaria. Na pós, o mesmo aconteceu várias vezes. Além disso, suportou o meu distanciamento e, muitas vezes, o meu nervosismo. Meu amor, quero viver todos os dias da minha vida ao seu lado.

Ao meu filho, Silvinho, que nasceu em meio a livros, notebook, textos... Cada vez que olho para o seu rostinho, encontro forças para continuar.

Aos amigos que estiveram sempre torcendo e orando por mim: Karla e Herlan, Ricardo e Viviane, Luciana e Davi, Pastor Jacy e Neide, Poliane e Geandro. Você são amigos/irmãos.

Aos meus companheiros de trajetória na pós-graduação: Lílian, Karen, Fernando, Andrea, Vanessa. Obrigada por me ouvirem em épocas de tamanha ansiedade.

Por fim, a todos os meus amigos e familiares que acreditam e se orgulham de mim.

*“O olho do homem serve de fotografia ao invisível,
como o ouvido serve de eco ao silêncio”.*
(Machado de Assis - Esaú e Jacó, capítulo XL)

Resumo

Machado de Assis é considerado um dos mais importantes autores brasileiros. Em virtude disso, a Editora da Universidade de Oxford publicou, em inglês, no ano de 1997, uma de suas mais famosas obras, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, traduzida por Gregory Rabassa. Este trabalho apresenta uma breve descrição do romance, original e tradução, por meio do sistema de transitividade, proposto por M. A. K. Halliday (2004), utilizando, para tal, a Gramática Sistêmico-Funcional como base teórica para desenvolver a análise.

A partir da aplicação do sistema de transitividade, o objetivo deste trabalho é investigar as representações de mundo do narrador de *Memórias póstumas*, em contraponto com sua tradução *The posthumous memoirs of Brás Cubas*, considerando as escolhas dos processos e circunstâncias vinculados a esse participante.

Levando-se em consideração que o sistema de transitividade é o meio pelo qual a representação de mundo dos participantes envolvidos em processos é ativada, podemos afirmar que é possível observar as características de personagens distintos, por meio dos processos nos quais eles estão envolvidos. A partir da análise do sistema de transitividade, esta pesquisa visa a compreender o papel do personagem Brás Cubas como representação de uma realidade de mundo típica da época em que o romance ocorre. São analisados, nesta dissertação, 30 excertos relacionados a este personagem, na obra original e em sua tradução. A hipótese lançada é a de que Brás Cubas se revela como um elemento passivo diante dos eventos sociais da época em que Machado de Assis escreveu a obra em questão.

Os resultados encontrados mostram que, no original, o perfil ideacional do personagem Brás Cubas é constituído especialmente por processos materiais, mentais e verbais, fato que o faz ser representado como um sujeito ativo, reflexivo e falante. Na tradução, por outro lado, as escolhas de Rabassa influenciaram a formação ideacional do personagem, uma vez que as experiências de mundo deste foram representadas lexicogramaticalmente por processos relacionais em sua grande maioria. Tal fato faz com que Brás Cubas seja interpretado como um sujeito

que, basicamente, se relaciona com o mundo ao seu redor por meio de seus atributos.

Palavras -chave: Gramática Sistêmico-Funcional; Transitividade; Estilística; Tradução.

Abstract

Machado de Assis is considered to be one of the most important Brazilian authors. Because of that, the Oxford University Press has published, in English version in the year of 1997, one of its most famous works, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, translated by Gregory Rabassa. This work presents a brief description of the novel, the original and the translated, through the transitivity system proposed by M. A. K. Halliday (2004), using the Systemic Functional Grammar as the theoretical basis for developing the analysis.

From the transitivity system application, the aim of this work is to investigate the narrator's representations of world in *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in contrast to its translation to English in *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, considering the choices of processes and the circumstances related to this participant.

Taking into consideration that the transitivity system is the mean in which the world representation of the involved participants in processes is activated, we can affirm that it is possible to observe the characteristics of distinct characters, through the processes in which they are involved. From the transitivity system analysis, this research aims at comprehending the role of the character Brás Cubas as a representation of a typical world reality of the time the novel happens. In this thesis, 30 excerpts related to this character are analyzed, in the original work and in its translation. The hypothesis is that *Brás Cubas* reveals himself as a passive element facing the social events of that time in which Machado de Assis wrote the present work.

The results show that, in the original work, the ideational profile of the character *Brás Cubas* is mainly constituted by material, mental and verbal processes, which represents him as an active, reflexive and speaker subject. On the other hand, in the translation, the choices Rabassa made had an influence in the ideational formation of the character, once the experiences of his world were represented lexicogrammatically by relational processes in its biggest majority. Such fact makes *Brás Cubas* to be interpreted as a subject who, basically, relates to the world surrounding him by his attributes.

Keywords: Systemic Functional Grammar; Transitivity; Stylistic; Translation

Lista de Gráficos

GRÁFICO 1 - Pontos percentuais de processos nos <i>corpora</i> de estudo.....	59
GRÁFICO 2 - Pontos percentuais de processos modificados para processos relacionais no <i>corpus</i> de estudo.....	65

Lista de Excertos

Excerto 1	30
Excerto 2	31
Excerto 3	31
Excerto 4	32
Excerto 5	32
Excerto 6	32
Excerto 7	32
Excerto 8	33
Excerto 9	51
Excerto 10	51
Excerto 11	61
Excerto 12	62
Excerto 13	62
Excerto 14	62
Excerto 15	63
Excerto 16	63
Excerto 17	63
Excerto 18	64
Excerto 19	64
Excerto 20	64
Excerto 21	66
Excerto 22	67
Excerto 23	69
Excerto 24	70
Excerto 25	71
Excerto 26	72

Excerto 27.....	73
Excerto 28	74
Excerto 29	76
Excerto 30	77
Excerto 31	78
Excerto 32	79
Excerto 33	80
Excerto 34	81
Excerto 35	82
Excerto 36	83
Excerto 37	85
Excerto 38	85
Excerto 39	87
Excerto 40	88
Excerto 41	89
Excerto 42	90
Excerto 43	91
Excerto 44	92
Excerto 45	94
Excerto 46	95
Excerto 47	96
Excerto 48	97
Excerto 49	98
Excerto 50	99

Sumário

Introdução	14
Escopo	14
Obra analisada	17
Justificativa	18
Objetivos	24
Capítulo 1 – Referencial teórico: o sistema de transitividade como modelo de análise estilística	25
Capítulo 2 – A Linguística Sistêmico-Funcional e sua atuação junto à Linguística Literária	34
Capítulo 3 – Interfaces entre a Linguística Literária e os Estudos da Tradução de base sistêmico-funcional	40
Capítulo 4 – Metodologia	50
4.1 – Os contextos de cultura e de situação em <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	55
Capítulo 5 – Análise e discussão dos dados	59
5.1 – Representação do personagem Brás Cubas por meio de tipos de processos	59
5.2 – Análise textual da representação do personagem Brás Cubas na obra original e em sua tradução	65
Discussão e considerações finais	101
Referências bibliográficas	111

Introdução

Escopo

Durante o período de graduação no curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, entre os anos de 2001 e 2006, cursei algumas disciplinas relacionadas aos estudos da tradução. Em todos os casos, quando fazíamos alguma atividade prática, analisávamos traduções da língua inglesa para a portuguesa e não o oposto. Nessa época, pouco ou quase nada se falava sobre traduções de obras brasileiras para outras línguas, sendo esta constatação referente apenas à minha experiência durante o período de graduação e às disciplinas que cursei.

Instigada por essa realidade vivida, na formulação do pré-projeto de pesquisa, durante o processo seletivo para o ingresso no Mestrado em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, o primeiro ponto a ser levantado era saber se havia muitas traduções de obras brasileiras para o inglês. Escolhi esta língua, especificamente, pelo fato de estar em constante contato com ela, seja por intermédio de minha profissão como professora de língua inglesa, seja por meio de leituras em geral.

A resposta para esse levantamento surgiu durante uma pesquisa sobre o assunto, em livrarias virtuais. Percebi que, atualmente, há várias obras da Literatura Brasileira traduzidas não apenas para a língua inglesa, mas também para o alemão, o italiano, o espanhol, entre outras línguas. Na verdade, autores brasileiros e suas obras literárias apresentam-se cada vez mais famosos no âmbito internacional. Podemos dizer que literaturas canônicas de escritores brasileiros são, hoje, reconhecidas e valorizadas internacionalmente pela sua qualidade e peculiaridade. Exemplos desse reconhecimento podem ser notados nas traduções de romances, para a língua inglesa, de escritores renomados, como são os casos de João Ubaldo Ribeiro, em *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*; Mário de Andrade, em *Macunaíma* e *Amar – verbo intransitivo*; Clarice Lispector, em *Perto do coração selvagem* e *A descoberta do mundo*; Machado de Assis, em *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

As obras brasileiras possuem suas peculiaridades, e uma delas é a construção de personagens com características que representam, muitas vezes, o modo de agir e de pensar do contexto de situação¹ ao qual pertencem, como é o caso de *Macunaíma*². Mas também podem representar as experiências pessoais dos próprios personagens, construídas a partir dos valores de seus autores. Valores que, muitas vezes, respondiam a questões de ordem política, social e cultural da época do romance. Quase sempre, essa resposta representava um modo de subversão ou, quando menos, a problematização das questões vigentes, como, por exemplo, o personagem Dom Casmurro, criado por Machado de Assis que retrata as relações sociais e o comportamento da elite brasileira da época. Além disso, muitas obras de nossa literatura carregam consigo uma crítica social marcada pela ironia. É o caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, também escrito por Machado, por meio do discurso *post mortem* do defunto-autor. Segundo Lajolo (1980, p. 102):

Machado recria, em seus romances, o mundo carioca (e brasileiro) de uma sociedade arcaica, cujos hábitos antigos e cerimoniosos e cujas atitudes convencionais dissimulavam, na boa educação e nos modos polidos, toda a violência de uma sociedade escravocrata, onde o apadrinhamento e o “jeitinho” solucionavam, sempre que necessário, as situações geradas por uma estrutura social assentada nos privilégios e numa divisão desigual dos bens.

Pensar, portanto, que a Literatura Brasileira tem alcançado outras nações, por meio de suas traduções, e atraído leitores devido às suas peculiaridades, fez-me questionar sobre a representação de nossa cultura, de nossa estrutura social e da própria crítica muitas vezes presente em nossa literatura traduzida para outra língua.

¹ Por contexto de situação entende-se, na teoria hallidayana, o registro ao qual pertence o texto e de onde ele emergiu. O registro, nesse caso, compõe-se de três elementos ou variáveis: o campo, que diz respeito às representações textuais das experiências de mundo dos participantes, reais ou fictícios, do texto sob análise; as relações ou posicionamentos hierárquicos entre os interactantes, veiculados pelo texto; e o modo ou forma de materialização linguística do texto (RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Comunicação pessoal: conceitos de contexto de situação e de cultura. Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem. Mariana, MG, 2010, Brasil). Para os propósitos desta pesquisa, a variável do campo revela-se fundamental.

² A obra *Macunaíma* foi escrita por Mário de Andrade e publicada em 1928. Por ser uma obra de cunho modernista, ela retrata o povo brasileiro de acordo com a identidade nacional observada pelos escritores modernistas durante a primeira fase desse movimento, por meio do folclore e da diversidade cultural apresentada na trama do romance. O personagem que intitula a obra é a própria representação dessa diversidade cultural, com os costumes e hábitos de uma população advinda da miscigenação.

Com o propósito de responder a essas indagações, decidi analisar, numa primeira instância, a tradução para a língua inglesa de uma antologia de contos brasileiros, *Oxford anthology of the brazilian short story* (JACKSON, 2006), escritos pelos mais famosos autores de nossa literatura, como Machado de Assis, Lima Barreto, Lygia Fagundes Telles, João Guimarães Rosa, entre outros. No entanto, pela diversidade de contos e autores com características distintas, percebi que esse *corpus* não seria viável. Nesse momento, iniciei uma busca por outras obras. Lembrei-me, então, que, ao estudar algumas obras canônicas da literatura nacional, como *O guarani*, *O cortiço*, *Senhora* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, várias análises eram feitas na tentativa de desvendar as características dos personagens que as compunham. Especialmente pelo fato de eles serem a representação real das opiniões da época, da cultura de determinada região e do comportamento da sociedade de forma geral.

A gama de personagens com características distintas dentro do *oeuvre* da nossa literatura é imensa. Podemos citar, como exemplo, o personagem Bentinho que, em *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, narra sua história com Capitu, de forma subjetiva, revelando o ciúme latente em seu interior; *Gabriela Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, que por meio de seus atributos físicos de mulher nordestina conquistava a atenção dos homens e a inveja das mulheres; *Iracema* (1865), de José de Alencar, a virgem dos lábios de mel que vive um amor quase impossível com um branco, além de desvendar as belezas do Ceará; *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, o herói sem nenhum caráter que possui como característica principal a preguiça e apresenta, durante sua trajetória, alguns aspectos do folclore brasileiro de forma cômica e bem humorada; a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, que tem como narrador um defunto que decide contar suas memórias. O personagem principal, Brás Cubas, que intitula a obra, foi tão importante na literatura nacional que instigou não só a curiosidade de brasileiros, mas também a de americanos³, franceses⁴, espanhóis⁵ e alemães⁶, por meio de suas traduções.

³ ASSIS, Machado de. *The posthumous memoirs of Brás Cubas*. Trad. Gregory Rabassa. New York: Oxford University Press, 1997.

⁴ ASSIS, Machado de. *Mémoires Posthumes de Bras Cubas*. Trad. Adrien Delpech. Paris: A. M. Métailé, 1998.

No momento em que percebi como nossos personagens possuem atributos distintos em suas construções, de acordo com seus autores ou criadores, a ponto de alcançarem e seduzirem leitores de terras além-mar, alguns questionamentos surgiram: o que faz desses personagens figuras tão especiais? De que forma eles são representados em outra língua? Por meio de quais elementos linguísticos essas representações são reveladas? O narrador e personagem principal das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, original e tradução, foi, então, o escolhido para me ajudar na busca de respostas para essas inquietações. Neste trabalho de pesquisa, portanto, analiso, em paralelo com a obra original, a tradução feita por Gregory Rabassa, *The posthumous memoirs of Brás Cubas*, lançada em 1997 pela editora da Universidade de Oxford, mais de um século após a edição original.

Obra Analisada

Memórias póstumas de Brás Cubas (1881) inicia a trilogia formada por *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899). Segundo Hansen (1997), os três livros podem ser classificados como romances satírico-alegóricos, características que refletiam uma visão de mundo do próprio autor de *Brás Cubas*, Machado de Assis. Com traços de escrita peculiares a Lawrence Stern e Xavier de Maistre, Machado desenvolveu seus personagens como elementos de representações de mundo de uma época do Império, em que a sátira imiscuía-se no convívio político-social como gênero discursivo que traduzia uma realidade muitas vezes contrária às opiniões dos cidadãos de seu século (BOSI, 2006).

O livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* é considerado um ícone na Literatura Brasileira, uma vez que representa um marco na inauguração do Realismo no romance brasileiro (MEDINA RODRIGUES, 2001). Essa consideração é legítima devido ao fato de ser um livro diferente dos que eram escritos na mesma época. Em primeiro lugar, por não fazer distinção entre as vertentes do bem e do mal; em segundo, por não ser uma história linear, mas digressiva, como são as memórias ou

⁵ ASSIS, Machado de. *Memorias Postumas de Blas Cubas*. Trad. Jose Angel Cilleruelo Garcia. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

⁶ ASSIS, Machado de. *Die Nachtraglichen Memoiren des Bras Cubas*. Trad. Wolfgang Kayser Manesse. Suíça: Manesse, 2003.

lembranças dos indivíduos de forma geral. Segundo Medina Rodrigues (2001, p. 15), “nos romances românticos, houvera clara distinção entre as vertentes do bem e do mal. Neles, a sociedade mostrava ideais e projetos. Nas Memórias, ao contrário, a sociedade é sem futuro e sem retorno, e a vida vai na valsa dos caprichos”.

O fato mais intrigante, no entanto, é o de um defunto utilizar sua voz como autor e contador de suas memórias. Esse ser do além é o próprio narrador-autor que, apegado aos acontecimentos de sua vida, decide desvendá-los, agora sob outra ótica: a de um defunto.

Justificativa

A escolha do personagem de Machado de Assis, Brás Cubas, tem a ver, primeiramente, com seu papel desenvolvido na obra que marcou a literatura no Brasil, inaugurando o Realismo no romance brasileiro. Ao prefaciar a edição de 2001 de *Memórias póstumas*, pela Ateliê Editorial, Antônio Medina Rodrigues apresenta a obra da seguinte forma:

As Memórias Póstumas de Brás Cubas são um romance estranho na literatura brasileira. A começar pela “sobrenaturalidade” do narrador, que se diz defunto, e que narra a vida que tivera. São um livro que não tem um centro, e não nos oferece uma esperança moral, metafísica ou política. Por tal motivo, elas surpreenderam a crítica da época, ainda envolvida com o Romantismo. *As Memórias* inauguram o Realismo no romance brasileiro (1881) (MEDINA RODRIGUES, 2001, p. 15).

O fato de as *Memórias* apresentarem um defunto como autor e personagem principal da obra impactou a crítica da época e ainda hoje instiga pesquisadores modernos, como Medina Rodrigues e Alfredo Bosi, que buscam compreender o personagem que analisa sua vida e a revive após a sua morte. Bosi, ao escrever um livro sobre o narrador de *Memórias póstumas*, intitulado *Brás Cubas em três versões* (2006), caracteriza-o como sendo um narrador bizarro, no sentido de extravagante e esquisito, por ser, ao mesmo tempo, o personagem principal da obra e um defunto, ou um defunto-autor. Por outro lado, Antônio Medina Rodrigues (2001) caracteriza o personagem como um tolo e, para alguns, um sujeito insensível, volúvel e até

mesmo exibicionista. No entanto, ele deixa claro que todas essas características são, na verdade, uma sátira inspirada pelo romance digressivo inglês do século XVIII, de Lawrence Stern, autor do *Tristram Shandy*.

Há de se convir, portanto, que Brás Cubas tem um papel singular dentro do acervo de personagens brasileiros. Ele é capaz de analisar psicologicamente seus atos e mesmo os dos outros personagens que permeiam suas memórias, sem perder de vista a realidade da sociedade brasileira que era refletida em suas próprias ações e nas de cada um dos personagens que o ajudaram a compor a história de sua morte e vida, ou vida e morte (BOSI, 2006).

Além disso, há de se levar em consideração a tradução da obra e seu tradutor. *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi traduzido para a língua inglesa por Gregory Rabassa e publicada pela editora da Universidade de Oxford em 1997. Rabassa tem sido reconhecido como um dos mais conceituados tradutores de obras latino-americanas, tendo traduzido mais de quarenta exemplares, dos quais podemos citar *Quincas Borba*, de Machado de Assis; *A Maçã no escuro*, de Clarice Lispector; *Capitães de areia* e *O sumiço da Santa*, de Jorge Amado; além de obras de autores de língua espanhola, como Julio Cortázar e Gabriel García Márquez. Pela tradução da obra de Cortázar, *Hopscotch* (1966), Rabassa recebeu um importante prêmio para a classe de tradutores, o *National Book Award for Translation*. Como renomado tradutor, Rabassa tem contribuído para a disseminação da literatura latino-americana em países anglófonos e já recebeu outros prêmios por isso, um deles o *National Medal of Arts*, em 2006, na classe tradutor literário⁷.

Segundo Franco e Graham (1997), a necessidade de se traduzir obras latino-americanas surgiu a partir do reconhecimento de que elas foram negligenciadas por anos nos países anglófonos. A causa de tal negligência é explicada pelo fato de que ao longo do século XIX a sociedade latino-americana ainda estava desenvolvendo características sociopolíticas próprias. A atuação de Rabassa foi fundamental na propagação das obras latinas, especialmente ao apresentar escritos latino-americanos à revista literária *Odyssey Review*. Na época, ele ainda era um dos assistentes de edição da revista, que foi lançada em

⁷ De acordo com a Wikipédia. Data de acesso: 15 de fevereiro de 2011.

Richmond, no ano de 1961, pela então recém-formada Sociedade Literária Latino Americana e Europeia (*Latin American and European Literature Society*). O objetivo da referida revista era o de “fortalecer os laços literários e culturais existentes, além de estabelecer novos laços entre os Estados Unidos e os países da América Latina bem como os da Europa⁸” (MUNDAY, 2008, p. 127). Atualmente, a literatura latino-americana é reconhecida por sua riqueza de detalhes e por seus exóticos personagens, como é o caso de Brás Cubas.

Em se tratando das traduções realizadas por Rabassa, Munday (2008) afirma que o estilo do tradutor era marcado por equivalências brilhantes no nível lexical e o considera como um gigante da tradução literária latino-americana, capaz de transcender o estilo individual do autor. Para Rabassa, o tradutor deve ouvir as vozes dos personagens, por meio de uma boa leitura, tese defendida por ele para se atingir uma boa tradução (cf. MUNDAY, 2008).

No caso da obra de Machado de Assis, Rabassa é o segundo a traduzir *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A primeira tradução foi feita por William L. Grossman no ano de 1952/1985. Segundo Munday (2008), as duas traduções diferem especialmente pelo fato de Rabassa se manter muito próximo da obra original em termos léxico-gramaticais. Fato que não aconteceu com a primeira tradução realizada por Grossman, a começar pelo título. Na tradução deste, o título é domesticado e poético, sendo *Epitaph of a small winner*, enquanto que, na tradução realizada por Rabassa, o título permanece praticamente idêntico ao original, *The posthumous memoirs of Bras Cubas* (MUNDAY, 2008, p. 142). A esse respeito, Gregory Rabassa comenta que:

Eu nunca poderia aceitar os títulos atribuídos a eles em uma tentativa evidente de traduzir os livros de um modo um pouco mais explicável e acessível no início para os leitores pouco entendidos das coisas brasileiras. É um resumo, até bastante mesquinho, do que Machado foi e ele fica aquém das suas intenções para seu personagem Brás Cubas, cujo nome próprio poderia ter tido conotações simbólicas estendidas: Brás - Brasil, Cubas (barris) - expectativas de um bêbado⁹ (RABASSA, 2005, p. 158).

⁸ Minha tradução de: *to strengthen existing literary and cultural ties and to establish new ones between the United States and the countries of Latin America and Europe*. (MUNDAY, 2008, p. 127)

⁹ Minha tradução de: *I could never accept the asinine titles assigned them in an evident attempt to render the books a bit more explicable and approachable at the start for readers far-removed from things Brazilian. It is a rather small-minded summary of what Machado was up to and it falls short of*

Além disso, a comparação realizada por Munday (2008, p. 145) das duas traduções mostrou que o “estilo de Rabassa é caracterizado por mais calques sintáticos e traduções palavra por palavra, evitando qualquer tentativa de uma expressão idiomática mais orientada para a língua alvo”¹⁰.

Dessa forma, por ser uma tradução recente, com características próprias de um renomado tradutor e até mesmo pelo fato de seu tradutor ter um estilo menos invasivo em relação a mudanças de ordem interpessoal e ideológica, segundo Munday (2008, p. 145), é que a tradução *The posthumous memoirs of Brás Cubas* foi escolhida para fazer parte da análise contrastiva da obra original e da tradução de Rabassa, a se realizar nesta pesquisa.

A proposta é compreender como a representação discursiva do personagem Brás Cubas se dá na obra de Machado e na tradução realizada mais de um século após a publicação da original. Esta pesquisa preenche uma lacuna no trabalho de Munday (2008), uma vez que o foco será analisar a construção discursiva do personagem principal, no original e na tradução, do ponto vista da metafunção ideacional, com foco na representação via transitividade. Munday (2008), por sua vez, privilegiou a metafunção interpessoal com foco na ideologia. Para desenvolver a análise e compreender o perfil linguístico atribuído ao personagem em questão, foi escolhido o “sistema de transitividade”, desenvolvido por M. A. K. Halliday (2004). É um sistema considerado ferramenta muito eficaz no que tange a análise de personagens em obras originais, ou em comparações de obras originais com suas traduções (HALLIDAY, 2001). Também, e principalmente, esse sistema foi escolhido por prestar um papel fundamental para o entendimento da construção discursiva dos personagens de um ponto de vista representacional em relação ao registro de produção e circulação da obra literária.

Halliday (2004), em sua Gramática Sistêmico-Funcional, define a oração como a unidade mínima em que os significados de diferentes tipos ou funções – textual, interpessoal e experiencial – apresentam-se integralmente. Em termos

his intentions for his character of Brás Cubas, whose name very might have had extended symbolic connotations: Brás - Brazil, Cubas (kegs) - drunken expectations (RABASSA, 2005, p. 158).

¹⁰ Minha tradução de: *Rabassa's style is characterized by more syntactic calques and word-for-word translations, eschewing any attempt at a more target-language oriented idiom* (MUNDAY, 2008, p. 145).

textuais, temos a oração como mensagem. Logo, utilizamos a função textual para organizar as informações ideacionais e interpessoais presentes na língua por meio de relações de “tema” e “rema”. Em termos gerais, “tema” é o primeiro elemento da oração, a informação dada, a saber, o elemento que define sobre o quê a mensagem diz respeito. “Rema” é o restante da oração, a parte que contém alguma informação nova a respeito do “tema”. Em termos interpessoais, temos a oração como troca de informações, envolvendo o falante e os outros participantes que interagem com ele, seja de maneira escrita ou falada. Nesse caso, os significados interpessoais são realizados lexicogramaticalmente por meio dos sistemas de “modo oracional” e “modalidade”, em que os participantes são vistos como sujeitos sociais, com papéis definidos, além de apresentarem uma relação de hierarquia entre eles. Já em termos experienciais, a oração representa as vivências ou experiências de mundo de participantes envolvidos em processos. Neste último caso, o sistema gramatical pelo qual essas experiências são ativadas é o de transitividade, por meio de processos realizados pelos participantes da oração.

Assim, para analisar a representação do personagem Brás Cubas, suas vivências e experiências de mundo, a ponto de descrever seu perfil ideacional, devemos analisar as orações cujo personagem principal é o próprio Brás Cubas, partindo da observação das escolhas linguísticas realizadas, primeiramente, pelo autor da obra e, numa segunda instância, pelo tradutor. A partir dessa afirmação, dois questionamentos foram levantados: i) Será que as escolhas linguísticas do sistema de transitividade, feitas por Machado de Assis, para representar Brás Cubas como um personagem satírico que subvertia a tradição e os costumes de sua época, foram respeitadas na tradução? ii) As escolhas de transitividade do original e da tradução revelam um Brás Cubas ativo e subversivo em relação aos problemas sociais que a obra machadiana questionava?

Pensando nesses questionamentos e levando em consideração o sistema de transitividade, foi realizado um estudo piloto de alguns excertos destinados à escrita do artigo “Uma abordagem estilística das representações memorialísticas do narrador bizarro em Memórias Póstumas de Brás Cubas” (RODRIGUES-JÚNIOR; OLIVEIRA, 2010). Este texto trata da importância do personagem Brás Cubas para a Literatura Brasileira, apresenta uma pequena explicação sobre o sistema de

transitividade e como ele pode se aliar aos estudos literários. Em seguida, mostra a análise de alguns excertos retirados do primeiro capítulo da obra de Machado de Assis e conclui, com base na análise desses trechos, que Brás Cubas, na obra original, é um sujeito mais indeciso e cauteloso do que o personagem da tradução realizada por Gregory Rabassa.

Após a escrita do artigo, eu desenvolvi o texto da qualificação desta pesquisa. Nele, foi apresentada a análise de mais excertos retirados da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em contraste com outros retirados da tradução. As análises apresentadas em ambos os textos, do artigo e da qualificação, foram desenvolvidas a exemplo de Halliday (1981), Montgomery (1993) e Munday (2008), cujos trabalhos mostram como as escolhas dos processos estão intimamente ligadas à representação de personagens no contexto literário.

A escrita do artigo e do texto de qualificação, com suas respectivas análises, aliados aos estudos relacionados ao personagem Brás Cubas, realizados por pesquisadores da área da Literatura Brasileira como Lajolo (1980), Medina Rodrigues (2001), Bosi (2006, 2010), entre outros, possibilitou-me compreender de que forma Machado de Assis construiu Brás Cubas a partir das escolhas linguísticas relacionadas aos processos ligados a este personagem.

Dessa forma, partindo da análise dos excertos do primeiro capítulo da obra original e da tradução para a escrita do artigo e do texto da qualificação, com base nos processos neles apresentados em contexto contrastivo e do que eles representam em termos linguísticos para a construção do personagem, bem como das leituras dos críticos literários sobre a obra machadiana, mais especificamente sobre Brás Cubas, a hipótese desta pesquisa foi formulada: o personagem de Machado de Assis, Brás Cubas, revela-se como um elemento passivo diante dos eventos sociais que Machado tencionou apresentar em sua obra.

De acordo com as análises realizadas no artigo e no texto para a qualificação, no texto fonte, Brás Cubas mostra-se como um sujeito passivo por meio de processos do tipo “hesitar”, “dever abrir”. Já na tradução a representação do personagem é diferente, uma vez que ele inicia suas memórias com o processo “debated”, em detrimento do “hesitate” como uma possível textualização para o processo hesitar.

Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a linguagem literária em *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi utilizada para representar o personagem principal, Brás Cubas, por meio da análise contrastiva, das escolhas dos processos e circunstâncias vinculados a esse participante.

Os objetivos específicos se dividem em: (i) mapear o sistema de transitividade nos dados escolhidos para a análise linguística, a partir da obra original em comparação com sua tradução, seguindo Halliday (1981), Montgomery (1993), Munday (2008) e Rodrigues-Júnior e Oliveira (2010); (ii) contribuir para o enriquecimento da crítica literária no que tange à representação de personagens por meio das escolhas linguísticas realizadas por seus autores.

Capítulo 1

Referencial teórico: o sistema de transitividade como modelo de análise estilística

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) tornou-se uma teoria sólida para os estudos da linguagem e, ao mesmo tempo, produtiva, por ter sido cada vez mais aplicada a campos de estudos distintos, visando explicar a língua em uso. Ela surgiu a partir dos estudos desenvolvidos por Michael Alexander Kirkwood Halliday, com base em uma teoria cuja perspectiva é sistêmica, isto é, “uma teoria de significados como escolhas, pela qual a linguagem, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretado como cadeias de escolhas que se imbricam”¹¹ (HALLIDAY, 1994, p. xvi). Gouveia define a LSF como:

Uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico. Em concreto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso (GOUVEIA, 2009, p. 14).

A concepção de Halliday a respeito da linguagem como sistema surgiu, a priori, de Saussure (1916), de cuja obra Halliday (1978) extraiu a noção de dimensão sintagmática e paradigmática. Em seguida, ele as associou à noção de sistema advinda de Firth (1957), que privilegiava o contexto de uso da língua. Vale ressaltar que a dimensão sintagmática diz respeito à estruturação da oração, denominada por Halliday como “cadeia”, enquanto que a paradigmática está relacionada às escolhas que os usuários da língua fazem com base no sistema da própria língua, que carrega consigo um amplo e abstrato conjunto de opções léxico-gramaticais (BLOOR; BLOOR, 1995). Dessas duas teorias, de Saussure e Firth, Halliday desenvolveu a GSF: Gramática Sistêmico-Funcional (1985; 1994; 2004).

O objetivo dessa Gramática é o de compreender o papel da linguagem e o modo como ela é utilizada por seus falantes, levando-se em consideração seu

¹¹ Minha tradução de: *a theory of meaning as choice, by which a language, or any other semiotic system, is interpreted as networks of interlocking options* (HALLIDAY, 1994, p. xiv).

contexto de uso e o amplo leque de escolhas léxico-gramaticais que podem ser selecionadas pelos participantes e agentes quando enredados em ações que envolvem o uso da língua para fins de comunicação.

A linguagem é descrita por Gouveia da seguinte forma:

A linguagem serve para expressarmos conteúdo, para darmos conta de nossas experiências de mundo, seja este o real, exterior ao sujeito, seja este o da nossa própria consciência, internos a nós próprios; mas a linguagem serve também para estabelecermos e mantermos relações sociais uns com os outros, para desempenharmos papéis sociais, incluindo os comunicativos, como ouvinte e falante; e por fim a linguagem providencia-nos a possibilidade de estabelecermos relações entre partes de uma mesma instância de uso de fala, entre essas partes e a situação particular de uso de linguagem, tornando-as, entre outras possibilidades, situacionalmente relevantes (GOUVEIA, 2009, p. 15).

Assim, a linguagem pode ser caracterizada como funcional, sendo que sua função é produzir significados, os quais são influenciados pelo contexto social e cultural nos quais as trocas de informações acontecem. Desse modo, o processo de uso da linguagem é definido como semiótico, ou seja, de produção de significados por meio de escolhas léxico-gramaticais (EGGINS, 2004, p. 3). No entanto, qualquer forma de linguagem é concretizada pelo texto, quer seja este escrito ou falado e que faça sentido para o indivíduo que conheça a língua utilizada. Daí a importância de compreendermos a definição de texto que, segundo Halliday (2002), é uma unidade semântica que não é composta de frases ou sentenças, mas realizada por meio dessas “materializações” léxico-gramaticais. Da perspectiva funcional, depreende-se que o texto também é o produto de seu ambiente, sendo o resultado de um processo contínuo de escolhas linguísticas, cujo propósito é criar significados. Além disso, Halliday caracteriza o texto como “um evento sociológico, um encontro semiótico por meio do qual os significados que constituem o sistema social são trocados”¹² (HALLIDAY, 2002, p. 50). O texto é, portanto, fruto da interação social; e a linguagem é, ao mesmo tempo, sistema e texto.

¹² Minha tradução de: *A text is a sociological event, a semiotic encounter through which the meanings that constitute the social system are exchanged* (HALLIDAY, 2002, p. 50).

A característica essencial do texto é, portanto, a interação. A troca de significados é um processo interativo, e o texto é o meio pelo qual essa troca acontece. A fim de que os significados que constituem o sistema social sejam trocados entre os membros, eles devem ser primeiramente representados de maneira simbólica e de modo que possa haver essa troca. A maneira mais acessível das formas disponíveis é a linguagem. Logo, os significados são decodificados em e por meio do sistema semântico, e dado em forma de texto (HALLIDAY, 2002, p. 51).¹³

Para tanto, o contexto, para a LSF, é de grande relevância, visto que os “textos variam sistematicamente de acordo com seus valores contextuais, ou de acordo com a natureza contextual na qual eles são usados” (HALLIDAY, 2004, p. 27).

De acordo com Halliday (2004), o contexto é dividido em contexto de cultura e de situação. O contexto de cultura está diretamente relacionado ao gênero, como os literários, autobiografias, sonetos etc., e os não literários, como uma fofoca, uma troca de opiniões, entre outros. “O gênero diz respeito ao modo como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para alcançá-las” (GOUVEIA, 2009, p. 27). Portanto, um texto mostra-se coerente com seu contexto cultural por meio do conceito de gênero. Mas ele também é coerente em relação a seu contexto de situação, por meio do conceito de registro. Este “pode ser definido como variação de acordo com o uso, ou seja, é uma noção que dá conta do fato de usarmos tipicamente certas e reconhecíveis configurações de recursos linguísticos, em certos contextos” (GOUVEIA, 2009, p. 27). Segundo Halliday e Hasan (1989, p. 10):

A situação na qual se realiza a interação linguística dá aos participantes uma grande quantidade de informações sobre os significados que estão sendo trocados e os significados que são suscetíveis de serem trocados. E o tipo de descrição ou interpretação do contexto de situação que vai ser a mais adequada para o linguista é o que o caracteriza nesses termos, ou seja, em termos que permitem a ele ou a ela fazer previsões sobre significados de modo

¹³ Minha tradução de: *The essential feature of text, therefore, is that it is interaction. The exchange of meanings is an interactive process, and is the means of exchange: in order for the meanings which constitute the social system to be exchanged between members they must first be represented in some exchangeable symbolic form, and the most accessible of the available forms is language. So the meanings are encoded in (and through) the semantic system, and given the form of text* (HALLIDAY, 2002, p. 51).

que o ajudará a explicar como as pessoas interagem¹⁴.

A partir da descrição da linguagem e de seu precioso papel para a sociedade, como sua própria representação dentro de um contexto de cultura¹⁵ e de um contexto de situação, Halliday (2004) apresenta três metafunções da linguagem, que receberam os nomes de ideacional, interpessoal e textual. Tais metafunções estão diretamente relacionadas aos conceitos de campo, relação e modo, respectivamente.

A metafunção ideacional refere-se à maneira pela qual usamos a linguagem para representar nossas vivências e experiências de mundo, para idealizar nossas realidades, sejam elas físicas ou mentais. Para isso, possuímos um arcabouço linguístico que nos permite realizar escolhas léxico-gramaticais. São essas escolhas que refletem e representam o modo como pensamos, sentimos e vivenciamos o mundo ao nosso redor, assim como representamos nossas percepções mais íntimas. A metafunção ideacional, portanto, destaca-se no campo das ideias do nosso conhecimento e está diretamente relacionada à variável de campo (*field*), ou seja, ao que ocorre num determinado contexto de situação, à natureza da ação social e às atividades nas quais os participantes da ação estão engajados. Ela se divide em experiencial e lógica. No entanto, estas estão intimamente ligadas, uma vez que a função ideacional/experiencial representa nossas experiências e a lógica organiza os conteúdos a fim de estruturar a nossa experiência de mundo.

A metafunção interpessoal relaciona-se com o registro de relação (*tenor*), ou seja, com a interação, com o modo como codificamos os significados de nossas atitudes ou relações interpessoais. Em outras palavras, é a maneira como utilizamos a linguagem para interagirmos uns com os outros quando, por exemplo, compartilhamos alguma informação ou requeremos algo.

¹⁴ Minha tradução de: *The situation in which linguistic interaction takes place gives the participants a great deal of information about the meanings that are being exchanged, and the meanings that are likely to be exchanged. And the kind of description or interpretation of the context of situation that is going to be the most adequate for the linguist is one that characterises it in those terms: that is, in terms that enable him or her to make predictions about meanings, of a kind that will help to explain how people interact* (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 10).

¹⁵ Na teoria da LSF, o termo “contexto de cultura” está atrelado ao de gênero como forma de prática social. Para a LSF, os gêneros definem as formas semióticas de ação em sociedade, daí ser um conceito socioantropológico no conjunto de discussões da teoria, ancorado na relação entre linguagem em uso e cultura (RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. Comunicação pessoal. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Mariana, MG, 2010.).

Já a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais num todo coerente (GOUVEIA, 2009) e está relacionada ao modo (*mode*). Ela representa a forma como os falantes de uma língua estruturam sua mensagem, escrita ou falada, por meio de orações, complexos oracionais e parágrafos. Essa organização deve ser coerente para se atingir uma boa compreensão.

Assim, apresentadas as três metafunções, pautar-me-ei na metafunção ideacional, pois é nela que Halliday apresenta o sistema de transitividade que demonstra como as escolhas linguísticas influenciam a constituição da representação de participantes envolvidos em processos, aparato teórico desta pesquisa.

De acordo com Halliday (2004), as experiências de mundo real ou ficcional são constituídas linguisticamente nas orações, por meio das escolhas lexicais feitas por quem as constituiu. Essas escolhas têm, normalmente, a ver com os objetivos dos participantes e com as circunstâncias nas quais eles se inserem. É justamente a seleção linguística de nossas experiências que constitui o sistema de transitividade. As experiências de mundo real ou ficcional, representadas nas orações, têm como núcleo os processos que carregam consigo o peso semântico da oração, uma vez que esses processos representam nossos sentimentos, ações, decisões, nosso discurso, estado de espírito, nossa relação com o mundo ao redor, entre outros. Ou seja, a oração, para Halliday, é

Um modo de representação da experiência de mundo dos participantes envolvidos em processos e o sistema gramatical por meio do qual essa representação é ativada é o da transitividade, isto é, sistema que constrói o mundo experiencial com base em tipos de processos (RODRIGUES-JÚNIOR; OLIVEIRA, 2010, p. 28).

Os processos variam de acordo com tais vivências ou experiências de mundo, uma vez que eles são as “representações linguísticas de atividades, ações e estados” (GOUVEIA, 2009, p. 30). Desse modo, eles representam tanto experiências externas, como ações e eventos, quanto experiências internas de estados emocionais, pensamentos, reflexão, recebendo a seguinte classificação: processos materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais. Vale ressaltar que os componentes que constituem esses processos são, segundo

Halliday (2004): (i) o *processo* em si, que é representado por um verbo ou locução verbal, dentro da oração; (ii) os *participantes* envolvidos no processo. Eles são o grupo nominal da oração, representados pelo sujeito e pelos objetos direto e indireto, de acordo com a gramática tradicional, e cuja categorização varia segundo o tipo de processo; e (iii) as *circunstâncias* associadas aos processos, realizadas por advérbios de lugar, tempo, modo e causa; locuções adverbiais e sintagmas preposicionados. Vejamos um exemplo, extraído do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que ilustra essa configuração:

Excerto¹⁶

O Lobo Neves	entrou	lentamente...
Ator	processo material	circunstância de modo

“O Lobo Neves” é o participante (ator) envolvido na representação oracional da realidade de mundo na qual ele experiencia aspectos do mundo ao seu redor. O núcleo da oração é representado pelo processo material “entrou”, que carrega o peso semântico da ação e que caracteriza a oração como uma materialização da experiência de mundo do Lobo Neves. Finalmente, temos como circunstância de modo “lentamente”, que define a maneira pela qual a ação ocorreu.

Os processos materiais são caracterizados como processos de *fazer* e *acontecer* (HALLIDAY, 2004). Eles são processos de ação que refletem uma quantidade de mudanças no fluxo de eventos por meio de algum gasto de energia.

Vejamos alguns exemplos, também retirados do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

¹⁶ Todos os trechos dos excertos da obra original foram retirados da seguinte edição: ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Excerto 2

se	(eu)	Poria	em primeiro lugar	o meu nascimento ou a minha morte
	ator [participante elidido] ¹⁷	processo material	circunstância	meta

No exemplo acima, temos um verbo de ação, *pôr*, portanto um processo material. No entanto, dentro do contexto literário apresentado pelo narrador das *Memórias*, *pôr* tem o sentido de “escrever sobre”, que também é caracterizado como um verbo de ação e, portanto, representa um processo material. Nesse caso, como participantes temos o *eu*, que se caracteriza como ator, devido ao processo realizado, a circunstância *em primeiro lugar* e a meta, que é o que se deseja alcançar, *o meu nascimento ou minha morte*.

Os processos mentais, por outro lado, são aqueles que refletem experiências internas, nossa percepção do mundo ao redor, afeição e cognição, por exemplo, sentir, pensar, ver, entre outros. Eles são realizados em nossa consciência e têm como participantes o experienciador, que é quem experimenta tais sensações, e o fenômeno, que é o que foi experimentado, sentido. Vejamos um exemplo:

Excerto 3

(Eu)	Sentia	um prazer satânico
experienciador (participante elidido)	processo mental	fenômeno

Os processos relacionais são aqueles representados basicamente pelos verbos ser, estar e ter, abrangendo outros verbos que sirvam para caracterizar e para identificar os participantes. Tais processos podem ser atributivos, nos quais os participantes são o portador e o atributo, ou identificativos, nos quais os participantes são o identificado e o identificador/valor. Observemos os exemplos:

¹⁷ Conforme explicam Rodrigues-Júnior e Oliveira (2010), em língua portuguesa, a ocorrência comum de participantes elididos no processo caracteriza-o tanto como elemento que representa o processo *per se*, como participante inserido na carga semântica do processo. Para discussões sobre esse fenômeno linguístico da língua portuguesa, à luz da teoria sistêmica, ver Gouveia e Barbara (2004).

Excerto 4

Eu	não	sou	propriamente	um defunto autor
Portador	polaridade negativa	processo relacional	circunstância de modo	atributo

Excerto 5

O melhor prólogo	é	o que contém menos coisas
Identificado	processo relacional	identificador

Os processos existenciais são aqueles que remetem a algo que existe. Temos como representação desses processos os verbos haver, com sentido de existir, e o próprio existir. Vale ressaltar que na língua portuguesa brasileira utilizamos, muitas vezes, o verbo ter com o sentido de haver, daí a importância de se observar o sentido das orações. O participante desses processos é apenas o existente.

Excerto 6

O fundo supersticioso	existia
existente	processo existencial

Os processos verbais são aqueles que se referem a dizer, expressar-se, comunicar. Seus participantes são o dizente, que é quem se comunica, a verbiagem, ou seja, o que é dito, e o receptor, para quem a mensagem é direcionada. Temos também o alvo, que corresponde à entidade afetada pelo processo de dizer. Exemplo:

Excerto 7

(Eu)	não	digo	nada	de minha tia materna
dizente (participante elidido)	polaridade negativa	processo verbal	verbiagem	alvo

Finalmente, chegamos aos processos comportamentais, que são, na verdade, um meio termo entre os processos materiais e os mentais. Eles são o reflexo de comportamentos humanos fisiológicos e psicológicos, como respirar, sorrir, sonhar etc. Seu único participante é o comportante, mesmo porque estes processos só aparecem nas formas verbais intransitivas. Vejamos o exemplo:

Excerto 8

(Eu)	expirei	às duas horas da tarde de uma sexta-feira (...)
comportante [participante elidido]	processo comportamental	circunstância de tempo

No entorno do que representa o sistema de transitividade, Simpson (1993, p. 87), afirma que “o fato de a transitividade ter provado ser um modelo analítico útil à estilística e à linguística crítica faz dela uma ponte de ligação entre a análise de narrativas ficcionais e outros tipos de discurso¹⁸”.

Uma vez que a Estilística é um método de interpretação textual no qual o foco maior reside na linguagem, e cuja importância se dá pelo fato de esta possuir várias formas, padrões e níveis que constituem a estrutura linguística, é relevante entender que o significado funcional de um texto atua como um caminho de entrada para suas várias interpretações (SIMPSON, 2004). Uma dessas interpretações é exatamente a análise do sistema de transitividade que permite desvelar como a representação de um personagem se dá por meio das orações por ele construídas, observando seu ponto de vista narrativo por meio dos discursos que produz (SIMPSON, 1993).

A análise estilística das escolhas do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para a constituição deste personagem, com base no sistema de transitividade desenvolvido por Halliday (2004), e das mesmas escolhas realizadas pelo tradutor da obra, Gregory Rabassa, possibilitar-me-ão explorar a linguagem e sua criatividade, a ponto de desenvolver um estudo analítico do personagem Brás Cubas na obra original e na tradução, por meio das orações por eles realizadas, autor e tradutor.

¹⁸ Minha tradução de: *The fact that transitivity has proved a useful analytic model in both stylistics and critical linguistics makes it a useful bridge between the analysis of narrative fiction and other discourse types* (SIMPSON, 1993, p. 87).

Capítulo 2

A Linguística Sistêmico -Funcional e sua atuação junto à Linguística Literária

O sistema de transitividade, como parte integrante da LSF, tem sido utilizado como uma ferramenta útil nos estudos relacionados ao campo da Língua Literária. Halliday, no artigo intitulado “*Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding’s The Inheritors*” (1981), analisou as escolhas linguísticas de Golding relativas a como os participantes (personagens) afetavam suas relações com o mundo exterior, nesse caso, com os novos habitantes – as pessoas. Para tanto, Halliday apresenta um estudo estilístico da obra, a fim de demonstrar a importância de se discutir e enfatizar o lugar de destaque da semântica associada ao estilo, assim como às teorias funcionais da linguagem, além de sua relevância para os estudos literários. Tomando por base o texto, esse linguista selecionou três importantes partes do livro, retiradas do início, do meio e do fim da narrativa, respectivamente, e observou a ocorrência de processos relacionados a ações, a estados mentais, a atributos, a comportamentos, entre outros, bem como a ocorrência de participantes e as circunstâncias envolvidas nesses processos. Halliday relacionou as escolhas léxico-gramaticais, feitas por Golding, ao significado apresentado nos excertos selecionados, de acordo com o sistema de transitividade, e fez algumas constatações a respeito da forma como os habitantes da tribo de neandertalenses experienciavam suas percepções de mundo.

Vale salientar que Halliday (1981) se pautou apenas na função ideacional da linguagem. Apesar de citar e explicar as metafunções textual e interpessoal, e acreditar que as três metafunções podem ser reconhecidas em qualquer oração, o autor mostra claramente que é na função ideacional que se manifestam as percepções de mundo dos indivíduos envolvidos em processos. Esta metafunção sugere que possuímos um arcabouço linguístico que nos permite fazer escolhas. Tais escolhas representam, semanticamente falando, a percepção e experiências de mundo dos participantes envolvidos nesses processos. Para Halliday, essa é a função da língua que permite ao falante, ou ao escritor, personificar, na linguagem, a experiência do mundo real ao seu redor, incluindo suas experiências internas, de

sua própria consciência, como suas reações e percepções, bem como suas atitudes linguísticas de fala e compreensão.

Na análise dos trechos selecionados, uma das constatações de Halliday (1981) foi o fato de grande parte dos excertos apresentarem objetos inanimados como agentes das orações. É o que acontece, por exemplo, na oração “*The bushes twitched again*”, retirada do livro *The Inheritors* e analisada por Halliday. Além disso, outra constatação, feita por ele, foi que em outra grande quantidade os agentes das orações eram representados pelas partes dos corpos dos personagens e não pelo personagem em si, como sugere a oração “*His nose examined this stuff and did not like it*”.

Após essas e outras constatações, Halliday (1981, p. 354) define a transitividade como “um conjunto de opções em que o falante decodifica suas experiências dos processos do mundo externo e do mundo interno de sua própria consciência, juntamente com os participantes desses processos e suas circunstâncias concomitantes”¹⁹. Para ele, o significado das escolhas léxico-gramaticais realizadas pelo falante ou pelo autor de uma obra literária personifica, de forma geral, sua exploração pessoal da diversidade funcional da linguagem.

Com base nessas ponderações, adoto a perspectiva estilística de Halliday (1981) para analisar as escolhas léxico-gramaticais feitas por Machado de Assis para a construção léxico-gramatical da narrativa de *Memórias póstumas* e, sobretudo, de seu personagem principal, com foco no sistema de transitividade. Com isso, será possível identificar algumas das características semânticas da visão e experiências de mundo de Brás Cubas.

A esse respeito, Montgomery, em um capítulo do livro intitulado *Language, character and action: a linguistic approach to the analyses of character in a Hemingway short story* (1993), demonstra sua preocupação em relação à construção de personagens em narrativas. O autor sugere a investigação do personagem de um dos contos de Hemingway, “*The Revolutionist*”. Para desenvolver essa investigação, Montgomery apresenta o sistema de transitividade

¹⁹ Minha tradução de: *transitivity is a set of options whereby the speaker encodes his experiences of the processes of the external world, and of the internal world of his own consciousness, together with the participants in these processes and their attendant circumstances* (HALLIDAY, 1981, p. 354),

como uma ferramenta que oferece um modo linguisticamente funcional e interpretativo para identificar o que incide sobre a representação ideacional do personagem.

Ao analisar o conto, Montgomery percebeu que seu título sugeria um personagem ativo, com características fortes e distintas de outros personagens que não possuem o mesmo atributo. No entanto, a partir da observação das orações, e principalmente dos processos nos quais o personagem é o protagonista, Montgomery pôde perceber que as características do Revolucionário não eram a representação fiel do título que lhe fora atribuído.

Portanto, ao realizar essa análise, Montgomery nos faz compreender a importância das escolhas adequadas dos processos, principalmente quando estes estão relacionados à construção de um personagem. Isto é, “se a noção de personagem é a expressão mais importante na obra ficcional, ressalta-se a relevância em compreender como personagens são constituídos e com base em quais escolhas linguísticas essa constituição se dá”²⁰ (MONTGOMERY, 1993, p. 141).

Simpson, no livro *Language, ideology and point of view* (1993), descreve como o modelo de transitividade pode ser usado para expressar as experiências de mundo de participantes de forma geral, por meio da linguagem. Associado ao estudo estilístico, o autor defende a ideia de que esse modelo funciona como uma ferramenta muito útil no que concerne à compreensão dos aspectos ideacionais do ponto de vista de um narrador, uma vez que exibe como as experiências em eventos e atividades são decodificadas na configuração gramatical da oração em si. Foi exatamente o que fizeram Halliday (1981) e Montgomery (1993): aliaram a estilística ao sistema de transitividade, com o intuito de compreender as escolhas lexicais feitas pelos autores de *The Inheritors* e *The Revolutionist*, respectivamente. De fato, os estudos de Montgomery (1993) e Simpson (1993) inspiraram-se em Halliday (1981).

É importante salientar, ademais, que a análise estilística integra-se ao sistema de transitividade com o propósito de explorar a linguagem, a criatividade na

²⁰ Minha tradução de: *If character is the major force in fiction, then it is important to discover how characters are constructed and on the basis of what kinds of linguistic choices* (MONTGOMERY, 1993, p. 141).

linguagem em uso, por meio de escolhas linguísticas. Segundo Simpson (2004, p. 03), “fazer estilística enriquece nosso modo de pensar sobre a língua. Além disso, explorar a linguagem nos oferece uma vantagem considerável na compreensão de textos, especialmente os literários”²¹.

Contudo, a nenhum dos três linguistas citados coube a atitude de julgar se tais escolhas foram corretas, adequadas ou convenientes. Como linguistas, tanto Halliday quanto Montgomery e Simpson preocuparam-se em analisar o modo como os personagens eram representados na oração.

No tocante a esta pesquisa, é relevante deixar claro que, assim como Halliday (1981) e Montgomery (1993), não analisarei se as escolhas de Machado de Assis foram ideais e, principalmente, não avaliarei a tradução de Gregory Rabassa. O texto será analisado como ele se apresenta, sob um olhar misto, de linguista e tradutora, conforme Halliday (2001).

No artigo “*Towards a theory of a good translation*”, Halliday (2001) destaca estes dois importantes grupos de profissionais que estudam a tradução e a teorizam: os tradutores e os linguistas. O autor esclarece que, para o linguista, a teoria da tradução é o estudo de como o texto traduzido é, ou seja, qual é a natureza do produto tradutório e sua relação entre o texto e a tradução. Por outro lado, para um tradutor, a mesma teoria apresenta-se como o estudo de como os textos traduzidos deveriam ser, o que constitui uma tradução eficaz, além de o que poderia contribuir para se alcançar um produto melhor. Halliday nos faz pensar nessa diferenciação do seguinte modo. Quando analisamos um texto traduzido, do ponto de vista linguístico, colocamos um dos dois objetivos: primeiramente, explicar por que o texto apresenta aquele significado, ou, de outra maneira, por que ele é compreendido daquela forma. Em segundo lugar, explicar por que o texto é valorizado da forma como se apresenta. Mas é muito importante também reconhecermos se o texto é realmente uma tradução e, se for, o que é considerado uma boa tradução. Nos dois casos, entretanto, Halliday considera mais difícil saber o porquê de um texto ser valorizado como tal e o que considerar como sendo uma boa tradução. Afinal, não podemos julgar se um texto é eficaz se não soubermos o que ele quer expressar. Assim, a

²¹ Minha tradução de: *Doing Stylistics thereby enriches our ways of thinking about language and, as observed, exploring languages offers a substantial purchase on our understanding of (literary) texts* (SIMPSON, 2004, p. 3).

perspectiva sistêmica assume a posição de que devemos teorizar a tradução a partir da observação da língua enquanto sistema. Já sob a perspectiva do tradutor, essa teorização deve ser realizada com o objetivo de melhoramento do produto, a partir da observação e envolvimento com a língua enquanto texto.

Para esta pesquisa levarei em consideração os apontamentos de Halliday (2001), mas também utilizarei a definição do termo tradução associado à estilística - Estilística Tradutória (*Translational Stylistics*) - e mencionado por Munday (2008). Esta foi, originalmente, proposta por Malmkjaer (*apud* Munday, 2008) como uma metodologia para a análise da motivação do escritor em uma tradução. Este termo vem explicar o porquê de a tradução ter sido formulada ou moldada de tal modo que passa a ter um significado muitas vezes distinto em relação ao texto fonte.

Assim, a tradução, com base na estilística e na gramática sistêmico-funcional, pode ser definida como a observação do texto enquanto sistema linguístico como um todo. Primeiramente, leva-se em consideração o texto como artefato e sua relação com o sistema que o constitui, bem como o texto como espécime, considerando, especialmente, o contexto de situação ou o registro no qual ele se insere, em contraposição ao texto original. Essa contraposição entre original e tradução tem a ver com as escolhas léxico-gramaticais feitas tanto pelo autor quanto pelo tradutor, uma vez que são elas que definem o estilo de ambos profissionais. No entanto, as escolhas possuem uma representatividade dentro do texto original ou do traduzido. É essa representação linguística que faz com que compreendamos um texto da forma como ele é.

No caso desta pesquisa, ao comparar *Memórias póstumas* original e tradução, eu me atentarei para as escolhas do autor e do tradutor e sua representatividade dentro do contexto de situação de ambas as obras, original e tradução. O intuito é analisar até que ponto as escolhas do tradutor podem ter modificado a representação do personagem Brás Cubas de acordo com o contexto do texto original.

Para tanto, vale compreender como os Estudos da Tradução associaram-se à Linguística Literária (Estilística) de base sistêmico-funcional, culminando em importantes trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos. Apresento, então, uma

síntese sobre a relação entre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a disciplina Estudos da Tradução no próximo capítulo.

Capítulo 3

Interfaces entre a Linguística Literária e os Estudos da Tradução de base sistêmico-funcional

Os Estudos da Tradução têm se firmado como disciplina há mais ou menos quatro décadas. Por esse motivo, poderemos considerá-la uma disciplina muito recente e de grande utilidade, uma vez que, após James Holmes (2000), na década de 70, ter desenvolvido um mapa da disciplina e apresentado um leque de divisões e subdivisões, podemos dizer que o conjunto de abordagens nos Estudos da Tradução tem aplicações variadas conforme os objetivos investigados. Por exemplo, se o objetivo é apresentar o avanço dos Estudos da Tradução ao longo dessas décadas, podemos dizer que este estudo se enquadra na linha dos estudos puros, que podem ser teóricos ou descritivos. Por outro lado, se o objetivo é usar ferramentas que auxiliem a compreensão e a pesquisa de determinada tradução, teremos como característica um estudo aplicado. Apesar dessa diferenciação, a categorização desenvolvida por Holmes não deve ser vista de forma estanque, ou seja, não deve haver uma hierarquia entre estes três ramos dos estudos da tradução - teóricos, descritivos e aplicados. Deve-se, sim, dar atenção a cada um, pois estão intimamente ligados. Segundo Munday (2001, p. 13), o objetivo de Holmes ao delinear as diversas áreas da disciplina foi permitir que o potencial dela fosse explorado, sobretudo porque, antes desse mapeamento, as várias áreas de estudo dentro da disciplina de tradução pareciam se confundir.

Após citar Holmes e fazer um breve comentário sobre o estabelecimento dos Estudos da Tradução como disciplina, Munday, em seu livro *Introducing translation studies* (2001, p. 19), apresenta um estudo sobre a evolução da disciplina a partir das primeiras concepções a respeito do tema. É época em que estudiosos e autores renomados, como São Jerônimo, Cícero, Lutero, Dryden, entre outros, utilizaram a técnica da tradução, exercendo uma enorme influência na história de nossa humanidade e, conseqüentemente, marcando a história da disciplina, que ainda hoje cresce e se alia a outras teorias para o seu aperfeiçoamento.

Uma dessas teorias é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) que, aplicada à tradução, tem propiciado o avanço de diversos estudos, por meio de uma

abordagem discursiva, como é o caso desta pesquisa. Vale ressaltar que a concepção de discurso, nesse sentido, diz respeito ao modo de “representação ou textualização de aspectos sociais e culturais pertinentes ao texto original sobre a cultura do texto traduzido” (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006, p. 42).

Os pioneiros na utilização das abordagens discursivas da tradução e que aplicaram a LSF como ferramenta de investigação em suas pesquisas foram House (1977), Blum-Kulka (1986), posteriormente, Mona Baker (1992) e Hatim e Mason (1990; 1997).

Iniciando por House, ressalto que o trabalho desta autora está relacionado à análise comparativa do par binário: texto de partida (TP) - texto de chegada (TC). House volta-se para a observação da qualidade da tradução e destaca os possíveis erros ou falhas de interpretação de traduções por meio da observação dos registros, conforme o campo, com as relações estabelecidas entre o autor e suas instâncias sociais, assim como o modo, que se refere ao grau de participação entre as partes envolvidas na comunicação, seja esta escrita ou falada (HOUSE, 1977).

Seguindo a linha hallidayana de raciocínio, House analisa o TP e o TC sob uma ótica ideacional e interpessoal. Ela observa o contexto de situação em que se insere o TP com o objetivo de apontar sua funcionalidade em relação ao seu contexto cultural. O mesmo é feito com o TC para, em seguida, compará-los e indicar se houve algum erro, na tradução, que possibilite alguma falha de interpretação no TC, de acordo com o seu contexto de situação, fato que interfere na qualidade da tradução. Dessa forma, segundo House (1997), na edição de revisão do modelo de 1977, a tradução pode ser categorizada como “tradução explícita” (*overt translation*) e “tradução implícita” (*covert translation*).

A “tradução explícita” caracteriza-se por se assemelhar ao original, mas, ao mesmo tempo, permite ao leitor identificar marcas distintas nos âmbitos cultural e discursivo relacionados ao texto original. Já a “tradução implícita” é aquela com a função de “recriar, reproduzir ou representar, no texto traduzido, a função que o original tem em seu contexto de cultura, representando a estrutura funcional de sua língua, assim como de seu discurso”²² (MUNDAY, 2001, p. 94). De qualquer forma,

²² Minha tradução de: *The function of a covert translation is to recreate, reproduce or represent in the translated text the function the original has in its linguacultural framework and discourse world* (MUNDAY, 2001, p. 94).

House (1997) afirma que ambas as categorias de tradução não devem ser vistas como um par binário em oposição. Apesar da distinção, elas se complementam. No entanto, para Munday (2001), House tem dificuldade em demonstrar essa complementaridade.

Blum-Kulka (1986), outra pioneira na área, apresenta um estudo sobre as mudanças (*shifts*) na coesão e coerência de textos traduzidos. Ela analisa como tais mudanças podem prejudicar a compreensão do TC, por parte de seus receptores, além de como podem modificar o sentido do TP. Segundo Munday (2001), a autora compreende que mudanças na coesão e na coerência são estratégias utilizadas pelos tradutores com o objetivo de explicitar ou mesmo clarear sentidos do texto original que, possivelmente, não pudessem ser entendidos pelos leitores do TC.

Blum-Kulka (1986) mostra como as mudanças na coesão da tradução, mais especificamente, podem trazer mudanças funcionais nos textos. Para comprovar sua hipótese, ela apresenta a análise de uma tradução hebraica da cena de uma peça em inglês, chamada *Old times*, de Pinter. Nessa análise, a autora percebeu que em ambas as línguas fazia-se necessário explicitar se os adjetivos referiam-se a substantivos femininos ou masculinos. Por outro lado, ao analisar a tradução de um romance de Júlio Cortázar, *Rayuela*, para o inglês, o mesmo não acontecia quanto aos pronomes. O exemplo é dado na seguinte frase, em espanhol, “*Encontraría a la Maga?*”, que em inglês seria difícil distinguir qual pronome utilizar: “*Would I/he/she/you find the (female) Magus?*”.

Segundo Rodrigues-Júnior, essa teórica afirma que as mudanças na coesão podem ocorrer

(i) como resultado de preferências estilísticas e linguísticas, relacionadas ao registro do texto traduzido, e/ou (ii) como evidência do fenômeno de explicitação, ou aumento das relações semânticas no texto traduzido ao compará-lo com o texto original, comum ao processo tradutório (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006, p. 46).

Já as mudanças na coerência, também para este autor, podem ocorrer devido “(i) a falhas de interpretação do leitor do texto traduzido (...), e/ou (ii) falhas de interpretação do tradutor, durante o processo tradutório, acerca dos significados implícitos do texto original” (RODRIGUES-JÚNIOR, 2006, p. 46). De qualquer modo,

Munday (2001) salienta que o TC deve ser coerente a fim de apresentar uma lógica para o seu receptor.

Outro estudo de grande influência entre os teóricos da tradução é o de Mona Baker (1992). Em seu livro, *In other words: a coursebook on translation*, Baker discute o conceito de equivalência nos níveis lexical, colocacional e gramatical, além da estrutura temática, da coesão e do nível pragmático. Há um interesse particular em analisar a aplicação de uma abordagem sistêmica em estruturas temáticas e de coesão, além da incorporação do nível pragmático para investigar o modo como as sentenças são usadas em situações de comunicação. Em relação às estruturas temáticas e de informação, Baker se dedica a analisar com mais atenção a função textual – tema e rema – fazendo uso de uma terminologia detalhada da gramática sistêmico-funcional, bem como da análise do discurso. No entanto, há um problema em relação a esse tipo de estudo: é o fato de cada língua possuir uma estrutura temática distinta, como acontece no par Português – Inglês.

Por fim, Baker (1992) considera os aspectos pragmáticos do texto original e de sua(s) tradução(ões), atentando-se para os conceitos de coerência, pressuposição e implicatura. Vale salientar que para a autora a “Pragmática é o estudo da linguagem em uso. É o estudo do sentido, não como o formulado pelo sistema linguístico, mas como o que é conveniente e manipulado pelos participantes de uma situação comunicativa”²³ (BAKER, 1992, p. 217). Dessa forma, a coerência relaciona-se à coesão e depende das expectativas e experiências de mundo dos seus receptores, no caso, os leitores das traduções. A pressuposição diz respeito ao conhecimento linguístico e extralinguístico que o tradutor acredita que seu receptor tenha, de forma a recuperar a mensagem do autor do texto original. Já a implicatura refere-se ao que o falante ou mesmo o autor do texto quer dizer ou o que isso implica, e não apenas o que ele simplesmente diz. O trabalho de Baker foi de extrema importância, principalmente por considerar as relações sociais, assim como seu contexto social de situação e de cultura.

Dois outros autores que utilizaram o modelo de linguagem de Halliday para suas perquirições na área dos Estudos da Tradução foram Hatim e Mason (1990,

²³ Minha tradução de: *Pragmatics is the study of language in use. It is the study of meaning, not as generated by the linguistics system but as conveyed and manipulated by participants in a communicative situation* (BAKER, 1992, p. 217).

1997). Eles, diferentemente de Mona Baker, deram maior atenção aos aspectos ideacional e interpessoal das traduções, de acordo com a teoria Sistêmico-Funcional desenvolvida por Halliday (1978). Assim, o aspecto semiótico do discurso recebe mais ênfase em detrimento do textual.

O que se pode dizer de mais relevante no trabalho de Hatim e Mason é o fato de eles salientarem que mudanças na estrutura de transitividade do texto original para a tradução são vistas como uma das principais causas de mudança na função ideacional do texto, afetando a representação do original. Tal fato relaciona-se à esta pesquisa, uma vez que, assim como Hatim e Mason, eu desejo investigar a função ideacional com ênfase nas falas do personagem Brás Cubas no texto original, bem como em sua tradução, com o objetivo de analisar as possíveis mudanças na transitividade desses dois registros.

Para chegarem a essa conclusão, Hatim e Mason analisaram a tradução para o inglês de um romance de Albert Camus, *L'étranger*, cujo personagem principal assassina um árabe na praia. Na obra original, os autores analisaram um trecho e perceberam a ocorrência de oito processos materiais, enquanto que na tradução essa ocorrência diminuiu significativamente. A conclusão de Hatim e Mason acerca do personagem principal, Meursault, foi a de que na obra original o mesmo procedia de forma mais ativa em relação aos acontecimentos ao seu redor, enquanto que na tradução o personagem tornou-se mais passivo. Tal mudança ocorreu devido às escolhas do tradutor que, de certa forma, pode ter enxergado na passividade do personagem uma característica chave de sua construção.

Assim, Hatim e Mason mostram como as mudanças nas escolhas do tradutor podem afetar a transitividade dos textos e, conseqüentemente, a interpretação dos leitores do TC acerca de um ou mais personagens, uma vez que suas características originais podem ter sido modificadas.

Por fim, outro trabalho recente na área dos Estudos da Tradução, tendo em vista uma abordagem sistêmica, é o de Munday (2008). O principal interesse deste pesquisador é em teoria da tradução, estudos de tradução baseado em *corpus* e literatura Latino-Americana.

Em seu livro *Style and ideology in translation* (2008), Munday apresenta “um interesse particular em examinar as escolhas linguísticas dos tradutores com o

intuito de identificar padrões para mapeá-los em um macrocontexto de produção ideológica e cultural²⁴ (MUNDAY, 2008, p. 6). Dessa forma, ele busca encontrar padrões repetidos do uso da linguagem na tradução, de maneira que essas repetições destaquem o estilo do tradutor, a fim de identificar se há algum efeito na narrativa, uma vez que a “voz” do autor ecoa através da “voz” do tradutor. Para Munday, todos os indivíduos possuem experiências e valores em sua formação (*background*) que refletem sua ideologia. Portanto, os autores passam essa ideologia a seus leitores e podem também acrescentá-las em sua tradução, modificando-a ou apenas direcionando a interpretação do texto. O texto traduzido é, então, uma mistura do texto fonte com o texto-alvo, que resulta das decisões conscientes ou inconscientes do tradutor (MUNDAY, 2008).

Para identificarmos, no entanto, a “voz” do autor ou do tradutor em uma obra, Munday sugere a utilização da estilística, associada à Linguística Sistêmico-Funcional, em especial os conceitos de contexto de situação e de cultura, com ênfase no registro, para a análise das escolhas linguísticas, sejam do autor ou do tradutor, uma vez que cada escolha apresenta um significado. Assim, a análise do registro, por meio do sistema de transitividade, modalidade e coesão, é apresentada por Munday (2008) como totalmente relacionada à semântica discursiva do texto e às suas formas léxico-gramaticais, as quais representam essas funções semânticas.

Nesse momento, é de suma relevância deixar claro que Munday (2008) utilizou a Linguística de Corpus em sua pesquisa. Apesar de ela ser uma ferramenta eficaz em estudos envolvendo corpora literários, minha opção por não utilizar a mesma metodologia deve-se ao fato de eu ter como objetivo geral identificar as características lexicogramaticais na construção do personagem de Machado de Assis e desenvolver seu perfil ideacional para, em um segundo momento, comparar com a tradução, como veremos na metodologia. O princípio utilizado nesta pesquisa é, portanto, o da análise minuciosa dos dados, segundo Hasan (1989), cuja base se assenta na redução dos dados para realizar uma descrição detalhada dos elementos ideacionais de Brás Cubas original em contraste com sua tradução.

²⁴ Minha tradução de: *Our particular interest is in the close examination of the linguistic choices of the translator in an effort to identify patterns and to map these to the macro-context of ideology and cultural production* (MUNDAY, 2008, p. 6).

Todos os trabalhos acima citados, além de serem considerados seminais, também abriram caminho para outros estudos em âmbito nacional, como esta pesquisa. Em relação ao personagem Brás Cubas, também é possível utilizar o sistema de transitividade (HALLIDAY, 2004) para investigar suas características mais sutis, por meio da análise de seu discurso *post-mortem*.

No campo da Linguística Literária, temos alguns trabalhos importantes, como a tese de Walter Carlos Costa (1992), Vasconcellos e Pagano (2005) e Pagano (2008).

Walter Carlos Costa (1992), professor da UFSC é um dos pioneiros em associar a LSF e a Tradução no Brasil. Em sua tese intitulada *A linguistic approach to the analysis and evaluation of translated texts – with special reference to selected texts by J. L. Borges*, Costa examina como os textos são produzidos e considera a tradução como um fenômeno textual, ao invés de um fenômeno simplesmente linguístico que ocorre no nível dos sistemas linguísticos. Além disso, a tradução é vista por ele como “retextualização”. Cada vez que um texto é traduzido, na verdade, um novo texto é produzido, o qual se torna independente. Portanto, sua interpretação e valor dependem apenas parcialmente das intenções originais do autor.

Costa também apresenta e discute os conceitos de gênero, dialeto, registro e estilo, bem como os padrões textuais e as relações transtextuais. Ao longo de sua tese, ele apresenta exemplos extraídos de alguns textos escritos por Jorge Luis Borges e suas traduções. Seu intuito é analisar os aspectos da tradução tanto no nível oracional, quanto em seu macrotexto e no nível transtextual, por meio de análises lexicais, gramaticais, escolhas idiomáticas, a organização “tema/rema”, as decisões ideacionais, textuais e interpessoais realizadas pelo tradutor, entre outras. Por fim, ele fala sobre os vários aspectos da tradução e suas implicações para o ensino desta competência.

Vasconcellos e Pagano, em um artigo intitulado “Explorando Interfaces: Estudos da tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de Corpus” (2005), fazem um apanhado sobre os principais trabalhos envolvendo a teoria de Halliday e os Estudos da Tradução, restringindo-se, no entanto, às metafunções ideacional e interpessoal. O objetivo do artigo é o de organizar informações a

respeito do que já foi feito nesta interface, LSF e Estudos da Tradução, bem como apontar novos direcionamentos já desenvolvidos e que poderão auxiliar futuros trabalhos.

As autoras iniciaram o artigo falando sobre os trabalhos de Halliday que as levaram a representar a linguagem como semiótica social. Em seguida, elas fizeram o que chamaram de “resgate histórico da associação da LSF e dos Estudos da tradução”, apontando Catford como um dos precursores em trabalhar com essa interface. No entanto, segundo elas, o modelo proposto por Catford não teve êxito, uma vez que, entre outros fatores, “apenas considera segmentos textuais descontextualizados como ilustrações de análises de traduções” (VASCONCELLOS; PAGANO, 2005, p. 185).

Após citar e comentar o trabalho desenvolvido por Catford (1965), as autoras também comentaram sobre os trabalhos de Leuven-Zwart (1989, 1990), bem como de Dourado, Gil e Vasconcellos (1995), cujo foco era as metafunções ideacional e interpessoal. Sobre outros trabalhos que não envolveram alguma metafunção específica, Pagano e Vasconcellos citam Hatim e Mason (1990), Bell (1991), Baker (1992), Walter Costa (1992), Chunshen Zhu (1993), Hale (1997), Vasconcellos (1997) e, por fim, House (2001). Todos esses trabalhos, além de apresentarem informações representativas sobre LSF, bem como dos Estudos da Tradução, falam também sobre a formação didática do tradutor.

As autoras finalizam o artigo falando sobre as contribuições da Linguística de Corpus e apresentam as reflexões finais a respeito de como a interface em questão pode auxiliar na pesquisa e na didática da formação do tradutor.

Pagano (2008), embasando-se em Halliday (2001), apresenta um capítulo de livro que trata especificamente das abordagens sistêmicas da tradução. Primeiramente, a autora concorda com o fato de que há uma diferenciação entre a análise da tradução sob a perspectiva de um tradutor e a de um linguista. Seguindo este viés, a Linguística Sistêmico-Funcional, com suas metafunções, ajudaria a compreender melhor uma tradução da forma como ela é, especialmente por sua relevância no ensejo das abordagens discursivas da tradução (a esse respeito, ver Munday, 2001, cap. 6)

Pagano apresenta as três metalinguagens da linguagem presentes na teoria hallidayana, a saber: a ideacional, a interpessoal e a textual. Como foi citado anteriormente, Halliday (2001) defende a supremacia da metalinguagem ideacional, no que concerne ao conceito de equivalência entre o texto original e sua tradução. Pagano, ao questionar tal primazia, sugere a análise de um trecho do livro *The Inheritors*, também analisado por Halliday, em 1981, porém, em três línguas diferentes e sob a ótica das três metalinguagens citadas. As línguas escolhidas foram o inglês (texto original), o português e o espanhol (como traduções). A autora, nesse momento, abre um parêntese em sua análise para elucidar os aspectos da re-textualização de traduções, embasando-se nos estudos realizados por Coulthard (1992).

Para esse autor, quando um tradutor trabalha um texto, ele, na verdade, o reescreve, re-textualizando-o, tendo em vista um leitor ideal. Assim, a mensagem do texto original é textualizada para o leitor ideal como sendo a mensagem do próprio autor, em outra língua, e levando em consideração aspectos relevantes da cultura alvo que poderiam interferir na compreensão da mensagem.

Dessa forma, após analisar a re-textualização da tradução do trecho escolhido, nas três línguas citadas e de acordo com as três metalinguagens da linguagem, Pagano observou que:

Apesar das diferenças, muitos leitores provavelmente iriam construir uma identidade entre o texto original e os textos traduzidos, precisamente pela presença de participantes e processos e não pela articulação dos mesmos na construção do mundo ficcional. (...) Os resultados da análise parecem confirmar as observações de Halliday (2001) sobre a primazia da analogia ideacional em qualquer avaliação de traduções, seguida de analogias nos níveis interpessoal e textual (PAGANO, 2008, p. 270-271).

A partir da conclusão acima, Pagano sugere uma abordagem sistêmica associada à Análise Crítica do Discurso, por esta valorizar a prática discursiva e social no que tange a produção textual. A autora cita Norman Fairclough como um teórico renomado e de grande competência no âmbito da Análise Crítica do Discurso. Segundo Pagano, de acordo com esse teórico, se estudarmos um texto a partir de sua afiliação a tipos discursivos, gêneros e discursos, podemos nos questionar sobre as especificidades desse texto, assim como de sua tradução, em

relação aos fatores sociais, políticos, culturais e as ideologias presentes e determinantes na sua construção. Isso abrangeria tanto textos originais como traduções.

Os trabalhos acima citados são os mais representativos na área, em âmbito nacional. No entanto, há vários pesquisadores, em universidades brasileiras, trabalhando na interface LSF e Tradução, como o trabalho de Rodrigues-Júnior (2010).

Este pesquisador apresenta uma abordagem linguístico-discursiva sobre a representação *gay* no discurso literário. Ao analisar um *corpus* paralelo, contos *gays* em língua inglesa e sua tradução em língua portuguesa brasileira, Rodrigues-Júnior mostrou como os corpos de personagens *gays* são usados para representar suas realidades de mundo. O autor faz a análise de excertos da obra *Stud* (ANDROS, 1969) e de sua tradução *As aventuras de um garoto de programa* (ANDROS, 1998), utilizando o sistema de transitividade como ferramenta para a investigação linguístico-discursiva da realidade *gay* nos corpora citados. Com isso, Rodrigues-Júnior salienta que os processos realizados pelos personagens envolvidos em suas análises representam, na verdade, as realidades de mundo de seus próprios leitores e sugere caminhos para outros estudos, relacionados tanto com os estudos *gays* quanto a personagens literários de forma geral.

Enfim, esta pesquisa faz-se necessária para compreendermos um personagem tão marcante para a Literatura Brasileira, como é o caso de Brás Cubas. Vale ressaltar que ele não é simplesmente um defunto ou um cadáver. Ele é também um analista, um ser capaz de explorar as intimidades humanas, fazendo emergir sentimentos como prazer, ambição, desejo, sentimentos, que apenas sua condição *post-mortem* é capaz de desnudar (BOSI, 2006).

Capítulo 4 Metodologia

Até o momento, falamos sobre a necessidade de se estudar a construção do personagem a fim de compreendermos a sua representação de mundo, uma vez que esse sujeito ficcional carrega consigo valores e visões de mundo próprios que, de certa forma, representam o contexto no qual ele está inserido. O personagem escolhido para ser objeto de estudo desta pesquisa foi Brás Cubas, pela importância da obra na qual ele é o protagonista e, ao mesmo tempo, autor e narrador. Além disso, o ponto de vista narrativo do personagem perpassa por sua fala e por suas formas de expressão (SIMPSON, 1993), o que faz com que ele seja tão único para a Literatura Brasileira.

Para compreendermos a importância desta pesquisa associamos o sistema de transitividade à noção de notabilidade (*prominence*), proposta por Halliday (1981). Este sistemicista tem usado o termo “notabilidade” como um nome genérico para distinguir fenômenos linguísticos por meio dos quais alguma característica da linguagem de um texto se destaca de alguma forma. Essas características podem ser encontradas nas regularidades de som e estruturas lexicais que se sobressaem de algum modo, ou que se destacam por meio de uma leitura criteriosa e detalhada. Vale ressaltar que, segundo Halliday (1981, p. 334), a descoberta da notabilidade de um texto contribui para a compreensão do significado total que o autor ou escritor do texto anseia transmitir. Segundo ele:

Este relacionamento é funcional: se uma característica particular da língua contribui, por meio de sua notabilidade, para o significado total do trabalho, é por virtude e por meio de seu próprio valor na língua – pela função linguística da qual deriva seu significado (HALLIDAY, 1981, p. 334)²⁵.

²⁵ Minha tradução de: *This relationship is a functional one: if a particular feature of the language contributes, by its prominence, to the total meaning of the work, it does so by virtue of and through the medium of its own value in the language – through the linguistic function from which its meaning is derived* (HALLIDAY, 1981, p. 334).

Assim, com o propósito de alcançar os objetivos citados anteriormente e destacar a notabilidade do texto analisando o personagem que intitula a obra, fiz, primeiramente, a releitura da obra original e selecionei todos os processos nos quais Brás Cubas foi o participante principal ou central, mapeando, dessa forma, as experiências de mundo ficcional desse personagem. Isso porque, como o objetivo da pesquisa é compreender o modo pelo qual Brás Cubas experiencia suas vivências de mundo, os processos relacionados diretamente ao personagem compõem a representação linguística de sua visão de mundo.

De início, pensei em escolher apenas alguns capítulos da obra, separadamente, e retirar deles as orações de meu interesse, para serem analisadas. Vale ressaltar que o livro conta com um número de 160 capítulos. No entanto, em muitos deles o narrador Brás Cubas conta histórias relacionadas a outros personagens, como é o caso do capítulo III, no qual o personagem fala sobre os membros que constituem a sua genealogia. Em outros capítulos, o autor narra praticamente ou absolutamente nada, deixando a história por conta da imaginação do leitor, como é o caso dos capítulos 55 e 139.

A partir das observações acima, decidi retirar manualmente todas as orações das 30 primeiras páginas da obra original bem como das 30 páginas do meio e do fim da mesma obra. Tais orações trazem Brás Cubas como participante principal ou central, quer seja ator, experienciador, comportante, dizente ou portador. Em seguida, classifiquei todos os processos observando seus participantes e circunstâncias. Por exemplo:

Excerto 9

Algum tempo	(eu)	hesitei
circunstância de tempo	comportante [participante elidido]	processo comportamental

Excerto 10

(Eu)	expirei	às duas horas da tarde de uma sexta-feira (...)
comportante [participante elidido]	processo comportamental	circunstância de tempo

Assim, fiz o mapeamento e a classificação do sistema de transitividade apenas dos excertos que representam a relação do personagem Brás Cubas com o mundo ao seu redor, por meio de processos exteriores ou interiores.

Com a tradução procedi da mesma forma: selecionei todos os processos que traziam Brás Cubas como participante principal das 30 páginas do início, bem como das 30 do meio e do fim do romance. Em seguida, retirei essas orações seguindo o princípio contrastivo, do mesmo modo com que foram realizadas as pesquisas de Halliday (1981) e Montgomery (1993).

A classificação dos processos do *corpus* desta pesquisa seguiu as orientações de Halliday (2004), que explica que os processos materiais são aqueles que realizam experiências do mundo externo, representando ações. Já os processos mentais, ao contrário dos materiais, realizam experiências do mundo interno. Os comportamentais são aqueles ligados às experiências fisiológicas, mas que, muitas vezes, no discurso, se aproximam do papel executado pelos materiais. Foram classificados como verbais aqueles processos que estavam diretamente relacionados ao discurso, como “dizer”, “falar”, entre outros. Por fim, foram classificados como relacionais os processos utilizados para caracterizar ou identificar os participantes das orações segundo os papéis sociais por eles exercidos de acordo com a construção semântica dessas relações.

Após a classificação, digitei todas as orações, retiradas das páginas citadas de ambas as obras, original e tradução, colocando-as sobrepostas, juntamente com a classificação dos processos contidos em cada uma delas. O resultado foi uma tabela que ficou da seguinte forma:

Oração original	Algum tempo hesitei
Classificação	Processo comportamental
Oração da tradução	<i>For sometime I debated</i>
Classificação	Processo verbal
Oração original	Se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim
Classificação	Processo material

Oração da tradução	<i>Over whether I should start these memoirs at the beginning or at the end</i>
Classificação	Processo material

Apesar de classificar apenas os processos, eu também observei os participantes e as circunstâncias envolvidas.

Percebi que a maior parte das orações retiradas do original e da tradução eram semelhantes, fato que não justificaria a análise de alguns capítulos, tampouco a escolha aleatória das orações retiradas do início, meio e fim do romance machadiano, como fora feito para o exame de qualificação. Em vista disso, no conjunto das 30 páginas do início, meio e fim da obra, decidi analisar apenas as orações da obra original que, em contraponto com a tradução, apresentaram alguma modificação em termos de processos, participantes e/ou circunstâncias. Desse modo, pude descobrir que experiências do mundo ficcional de Brás Cubas emergiam em ambas as obras a partir da análise da transitividade.

Com a tabela em mãos, verifiquei a classificação dos processos e, desta mesma tabela, retirei as orações que continham alguma modificação por parte do tradutor, não só em termos de processos, mas também de participantes e circunstâncias. Encontrei 41 orações que, em contraste com a tradução, sofreram algum tipo de modificação. Acrescento que essas 41 orações foram utilizadas para a análise desta pesquisa e que elas representam um recorte dos dados da obra original e da tradução. Portanto, doravante, quando eu me remeter à obra original e à tradução, eu estarei me remetendo, na verdade, a esse recorte dos dados.

As orações acima descritas foram analisadas, primeiramente, de forma quantitativa, com o intuito de medir a frequência das representações de Brás Cubas de forma geral. Assim, confeccionei uma nova tabela apenas com as orações que sofreram modificações. Em seguida, fiz a contagem de cada um dos tipos processos em cada uma das versões, original e tradução que, como citei, representam um recorte dos dados desta pesquisa. Por exemplo, na obra original, encontrei 11 orações que continham processos materiais e na tradução eu encontrei esses mesmos tipos de processos em 6 orações. Logo, por meio de uma regra de três simples, descobri a porcentagem da incidência de cada tipo de processo na obra

original e na tradução, seguindo o seguinte raciocínio: 41 orações representam 100% do recorte dos dados, assim, 11 orações que apresentaram processos materiais no original representam 26,8%. Já as 6 orações que continham processos materiais na tradução representam 14,6%. Resolvi, então, mostrar os resultados em um gráfico no qual utilizei as siglas Promat para os processos materiais, Procomp para os processos comportamentais, Promen para os processos mentais, Proverb para os processos verbais e Prorel para os processos relacionais - siglas adotadas originalmente em Rodrigues-Júnior (2006).

A partir da observação do primeiro gráfico, resolvi também contar e calcular o percentual das orações que sofreram modificação para processos relacionais, uma vez que estes se destacaram na tradução. Por exemplo, quantas orações que apresentaram processos materiais na obra original foram modificadas para orações que apresentaram processos relacionais na tradução? O cálculo foi o seguinte: se 41 orações representam 100% dos dados, 2 orações que continham processos comportamentais e que foram modificadas para orações contendo processos relacionais representam 4,8% dos dados. Os resultados encontrados foram mostrados em um novo gráfico - o gráfico 2.

Como citei, os dados quantitativos foram apresentados com o propósito de medir a frequência das representações de Brás Cubas de forma geral, mas também com o intuito de contribuir com a análise qualitativa ou textual, já que dados numéricos nos dão uma noção mais exata da análise, o que ajuda na compreensão sobre a formação do perfil ideacional do personagem objeto desta pesquisa.

Após a construção dos dois gráficos, para a análise textual comparativa foram retirados 30 excertos das 41 orações. Esses excertos foram escolhidos levando-se em consideração a classificação dos processos e suas modificações em termos de transitividade, ligadas aos processos e participantes, quando elas foram responsáveis por exibir uma representação do personagem Brás Cubas diferente da que o autor da obra original apresentou. Vale salientar que 10 orações não fizeram parte da análise textual, visto que em um dos excertos retirados para a análise foram apresentadas duas orações as quais foram transformadas em apenas uma na tradução. Assim, as dez orações excluídas da análise textual foram aquelas que repetiam a mesma mudança em termos de processos. Por exemplo, das 41 orações

retiradas, 6 seguiram o mesmo padrão de mudança de processos mentais para relacionais; 6 de processos materiais para relacionais e 3 de processos verbais para relacionais.

Portanto, dentre as 41 orações, os 30 excertos escolhidos para fazer parte da análise textual foram, em primeiro lugar, aqueles cujas análises das orações já tinham sido realizadas para o texto de qualificação, depois aquelas orações que apresentaram as primeiras modificações em termos de processos, na ordem em que apareciam na tabela. Por fim, selecionei as orações que considere mais importantes por estarem diretamente ligadas ao contexto de situação e por trazerem algo revelador em relação às escolhas do tradutor.

Para não excluir totalmente as dez orações que não entraram para a análise textual, resolvi utilizá-las como exemplos na análise dos dados relacionados aos gráficos 1 e 2.

Os dados foram analisados levando-se em conta o sistema de transitividade (HALLIDAY, 2004). As informações sobre o personagem e sobre a sociedade da época, foram baseadas em alguns pesquisadores da área da Literatura Brasileira como Lajolo (1980), Medina Rodrigues (2001), Bosi (2006; 2010) e Carvalho (2010), o que aponta para elementos da variável de campo que me permitiram fazer análises do registro e do contexto de cultura (HALLIDAY; HASAN, 1989) em que a obra surgiu, bem como de sua tradução por meio das observações de Munday (2008).

4.1- Os contextos de cultura e de situação em Memórias póstumas de Brás Cubas

Antes de iniciarmos a análise e a discussão dos dados levantados nesta pesquisa, discorrerei um pouco sobre o contexto de cultura e de situação em que a obra de Machado de Assis foi desenvolvida. A importância de compreendermos o gênero e o registro da obra machadiana se dá pelo fato de que “a noção do que é o contexto vai muito além do que é dito ou escrito: ela inclui outros acontecimentos

não verbais – o ambiente total no qual o texto se desenrola” (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 5).

O livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi originariamente escrito por Machado de Assis em forma de folhetim, de março a dezembro de 1880, e editado por um periódico carioca chamado *Revista Brasileira*. Esse gênero textual surgiu na França durante a primeira metade do século XIX. O folhetim era um suplemento literário que acompanhava os jornais e que traziam periodicamente capítulos de romances escritos pelos mais conhecidos escritores franceses. A moda dos folhetins estendeu-se para o Brasil, tendo como um de seus adeptos o nosso Machado de Assis (CARVALHO, 2010, p. 158). No ano seguinte, 1881, a Tipografia Nacional editou o livro, que mais tarde seria considerado um ícone na Literatura Brasileira.

O ano em que as *Memórias Póstumas* foram escritas, 1880, entra na história como fazendo parte do cenário do Segundo Império, ou Segundo Reinado, governado por Dom Pedro II. Nessa época, a sociedade brasileira ainda era sustentada pelo modelo escravocrata-liberal.

No entanto, as memórias de Brás Cubas retratam a sociedade brasileira a partir do ano de 1805, data do nascimento do personagem. Segundo Bosi (2010, p. 399):

Se a passagem se interrompesse nesse ponto, o nosso desfiador ideológico só poderia puxar uma linha, a que atravessa o contexto ainda extremamente conservador da burguesia dominante antes e depois de 1822, data explicitada no episódio de Marcela, e que coincide com os dezessete anos de idade de Brás. É o momento forte da instalação de um aparelho de Estado baseado em eleições censitárias, logo excludentes, e de uma economia nacional pesadamente apoiada no latifúndio, no agronegócio exportador e no trabalho escravo. Brás é o filho de um proprietário abastado cujos ascendentes enriqueceram no tempo da colônia.

Machado de Assis mostra, então, por meio do protagonista das memórias, uma sociedade firmada em interesses e cuja principal preocupação era a aquisição de bens. Um exemplo dessa preocupação é retratada por Brás Cubas no capítulo 46, no qual sua irmã e seu cunhado demonstram enorme interesse na herança deixada pelo falecido pai. Brás Cubas é quem desvenda esses tipos sociais por meio de suas histórias e análises psicológicas, dele mesmo e dos outros personagens que permeiam suas memórias. Brás Cubas e todos os outros

personagens do romance são a representação da sociedade brasileira do século XIX.

Vale lembrar também que Brás Cubas é um ser do além. Ele narra suas memórias do além. Suas lembranças são experienciadas na sua morte e é esta que lhe permite ser tão sincero já que, na condição de morto, possui liberdade de expressão. Ele está livre das amarras de etiqueta e ideologias do mundo, fato que o faz ser tão sincero e franco. Como Brás Cubas mesmo diz:

Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lentejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há plateia (ASSIS, 2001, p. 115).

A sinceridade de Brás se mistura com um cinismo capaz de fazer com que o leitor acredite que todas as suas afirmações são verdadeiras. Nesse sentido, Carvalho (2010) cita a oração que introduz o romance: “Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim”. O pesquisador afirma que:

Já nesta primeira frase do romance, o protagonista-narrador Brás Cubas diz a que veio. Terá hesitado mesmo? Como se ele não soubesse por onde iria começar sua autobiografia. Sabendo-se que Brás Cubas é um pseudo-narrador, é lícito afirmar que Machado de Assis já começa a narrativa embaçando o leitor (CARVALHO, 2010, p. 160).

A obra narrada pelo defunto-autor foi marcada por ter sido diferente das que eram escritas na época: estas eram caracterizadas como romances românticos. Por esse motivo, o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi taxado como uma obra realista, marcada pela franqueza dissimulada em irreverência. Brás Cubas utilizava os outros personagens para mostrar os sujeitos que compunham a sociedade da época, bem como ele mesmo como representação desta.

Apesar de construir muito bem os personagens das memórias e realizar neles as atitudes e sentimentos da época, Machado de Assis mostra uma sociedade sem um futuro promissor. Nas Memórias a sociedade é sempre a mesma, como uma

roda que gira, mas volta para o mesmo lugar apesar do tempo passar. Segundo Bosi:

Com raríssimas exceções, não há imagens de futuro nem pensamentos esperançosos na chamada segunda fase da narrativa machadiana. Os personagens e os narradores em primeira pessoa fazem o percurso do presente para o passado, voltando desenganados pelos reinos da memória. Brás, Bento-Casmurro e Aires que o digam. Quando muito, desfrutam de um presente fugaz e sem amanhã, que os levará à solidão, à velhice desencantada ou, quando muito, diplomática (BOSI, 2010, p. 414).

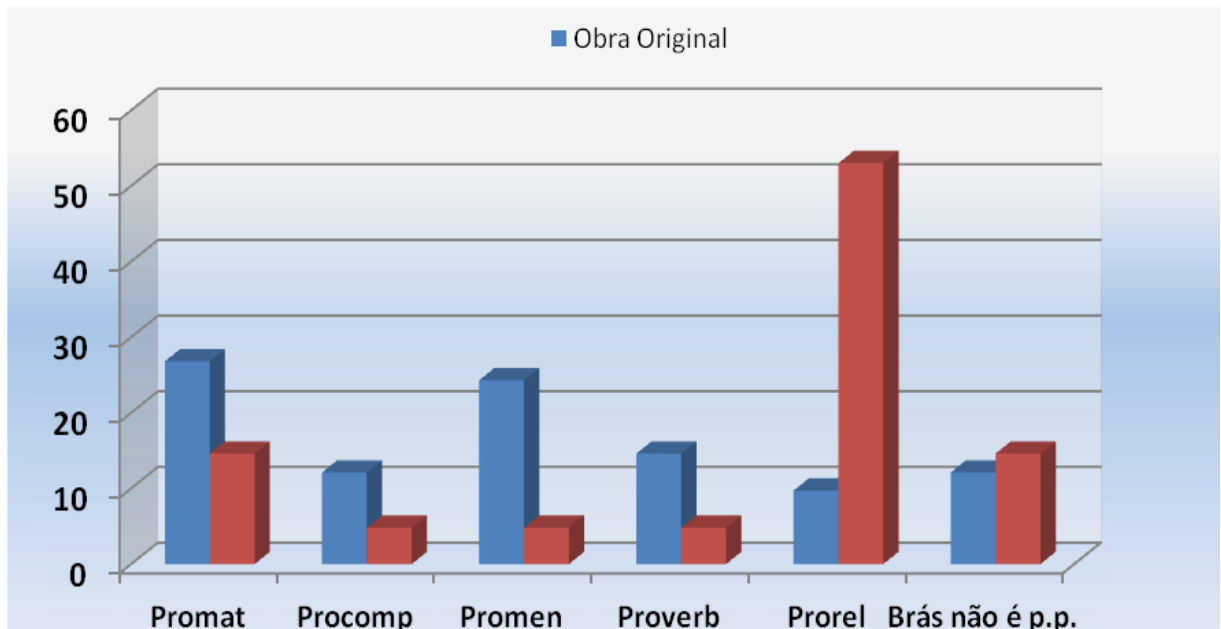
Dentro do contexto de cultura e de situação expostos acima, passemos para a análise e discussão dos dados.

Capítulo 5 Análise e discussão dos dados

5.1 Representação do personagem Brás Cubas por meio de tipos de processos

O resultado da quantidade dos tipos de processos referentes à representação do personagem no recorte feito das duas obras, original e tradução, pode ser visto no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – Pontos percentuais de processos nos corpora de estudo.



Como pode ser visto, Brás Cubas exerce o papel discursivo de ator em 26,8% do *corpus* na obra original. O número de processos materiais no original supera todos os outros, o que nos faz pensar na observação de Halliday (2004, p. 174) de que é comum que numa narrativa a linha do evento principal seja constituída por orações materiais. Na tradução, ele exerce o mesmo papel em 14,6% das orações. Brás Cubas, no original, constrói a linha de eventos de suas memórias a partir da realização das ações de quando ele vivia no mundo, mas também depois de morto, como defunto-autor.

Em segundo lugar, no original, em termos percentuais, Brás Cubas exerce o papel discursivo de experienciador de suas atitudes e emoções em 24,3% das orações. Isso se dá especialmente pelo fato de o defunto autor ser um personagem pensante. Brás Cubas analisa suas atitudes e mesmo seus sentimentos, e o que lhe permite fazer essa análise é a morte por ele experimentada.

Na tradução, por outro lado, o personagem é representado como experienciador em apenas 4,8% das orações. Em sua maioria, 53% das orações, Brás Cubas é representado como portador de algum atributo, deixando de ser um ser que age e experiencia, para ser representado especialmente como um ser que se relaciona com seus leitores e com ele mesmo por meio de seus atributos ou qualidades. Muitas vezes, estas são características pessoais do tipo confiante, ignorante, paciente entre outros. Consequentemente, Brás Cubas, na tradução, não é a representação de um personagem ativo, tampouco introspectivo, pensante, cauteloso e observador, características estas dos processos mentais que, segundo Halliday (2004), são aqueles que realizam experiências do mundo interno. Ele aparece, então, como um personagem que possui características distintas e que se identifica por meio delas.

Como comportante, Brás Cubas é visto em 12,1% das orações na obra original e em 4,8% na tradução. Vale lembrar que os processos comportamentais são um meio-termo entre os materiais e os mentais. De acordo com Eggins (2004, p. 233), os processos comportamentais são ações de cunho fisiológico e psicológico que têm de ser experienciadas por um ser consciente. Na obra escrita por Machado de Assis, Brás Cubas se comporta como um sujeito que age psicologicamente e muitas vezes com atitudes fisiológicas do tipo respirar, levantar, entre outras. Na tradução, houve uma diminuição nesse tipo de processo e Brás Cubas se porta menos como comportante. Essa diminuição em termos percentuais é resultado da mudança de processos que foram transformados em processos verbais, materiais e relacionais, como poderá ser visto na análise qualitativa dos dados.

Enfim, como dizente, Brás Cubas é representado em 14,6% das orações da obra original, enquanto que na tradução ele é representado da mesma maneira em 4,8%. Na obra escrita por Machado de Assis, Brás Cubas diz muito mais sobre si, sobre os que estavam à sua volta e sobre suas impressões *post mortem* do que na

tradução realizada por Rabassa. No original, o personagem é também um sujeito falante, que narra suas experiências e sentimentos tanto do passado como do presente, este último na eternidade. Ele fala consigo e com seus leitores. Na tradução, Brás Cubas deixa de se expressar verbalmente para, mais uma vez, relacionar-se, de forma geral, por meio de suas atitudes em processos materiais, como será mostrado na análise qualitativa dos dados, mas também por meio de seus atributos, como no exemplo abaixo.

Excerto 11

Original	(Eu)	calo	me	
Classificação	dizente [participante elidido]	processo verbal	extensão	
Tradução	<i>I</i>	<i>shall</i>	<i>be</i>	<i>silent</i> ²⁶
Classificação	portador	auxiliar	processo relacional	atributo

No original, Brás Cubas apresenta-se mais como ator e experienciador de suas vivências – 26,8% e 24,3% respectivamente. Na tradução, ele se apresenta mais como portador e ator – 53% e 14,6% respectivamente. Levando-se em consideração a citação de Halliday (2004, p. 174) a respeito do fato de ser comum um grande número de processos materiais em narrativas, uma vez que a linha de eventos é constituída, em sua maioria, por processos que representam ações que dependem algum gasto de energia, notamos que, na obra original, esses processos vêm em primeiro lugar, seguidos pelos processos mentais. Os processos verbais aparecem em terceiro lugar no *ranking* em termos percentuais, seguindo os processos mentais. Na tradução, esse lugar é ocupado pelos comportamentais, verbais e mentais, que aparecem na mesma quantidade. Brás Cubas, na obra original, além de ser um sujeito ativo, que executa alguma ação, e um sujeito pensante e psicológico, é também um sujeito que fala, que expressa verbalmente suas impressões, sentimentos, pensamentos, enfim, suas memórias. Na tradução, ele se destaca como um ser que possui características distintas por meio de

²⁶ Todos os excertos da versão traduzida da obra em análise foram retirados da seguinte edição: ASSIS, Machado de. *The posthumous memoirs of Brás Cubas*. Trad. Gregory Rabassa. New York: Oxford University Press, 1997.

processos relacionais que representam seu estado. Ele age menos por meio de processos materiais e se comporta, sente e fala nas mesmas proporções.

Por meio do gráfico 1, podemos perceber que houve mudanças no nível da transitividade do texto de Machado de Assis comparado à tradução de Gregory Rabassa. Uma dessas mudanças ocorreu entre os processos mentais, materiais, comportamentais e verbais que foram transformados em processos relacionais. Algumas dessas mudanças podem ser observadas nos excertos abaixo:

Excerto 12

Original	talvez	(eu)	senti	alguma coisa semelhante a despeito
Classificação	circunstância de dúvida	experenciador [participante elidido]	processo mental	fenômeno
Tradução	<i>I</i>	<i>might have</i>	<i>had</i>	<i>a feeling similar to spite</i>
Classificação	portador	modalizador e auxiliar	processo relacional	atributo

Excerto 13

Original	Mas,	ou	(eu)	muito	me	engano
Classificação	conjunção	conjunção	experenciador [participante elidido]	circunstância de intensidade	fenômeno	processo mental
Tradução	<i>But,</i>	<i>I</i>	<i>'m</i>	<i>either</i>	<i>mistaken</i>	
Classificação	conjunção	portador	processo relacional	conjunção	atributo	

Excerto 14

Original	mas	entre a manhã e a noite	(eu) [participante elidido]	fazia	uma grande maldade
Classificação	conjunção	circunstância de tempo	ator	processo material	meta
Tradução	<i>but</i>	<i>between morning and night</i>	<i>I</i>	<i>would be involved</i>	<i>in some terrible bit of morning</i>
Classificação	conjunção	circunstância de tempo	portador	processo relacional	atributo circunstancial formado por um sintagma preposicionado

Excerto 15

Original	Eu	transigiria	na extensão do corte	
Classificação	ator	processo material	circunstância	
Tradução	<i>I</i>	<i>was</i>	<i>ready</i>	<i>to compromise in the extent of the cut</i>
Classificação	portador	processo relacional	Atributo	expansão de melhoramento exercendo papel de propósito

Excerto 16

Original	(eu)	me	reconciliei	outra vez	com o Cotrim
Classificação	ator [participante elidido]	extensão	processo material	circunstância	circunstância
Tradução	<i>I</i>	<i>became</i>	<i>reconciled</i>	<i>once again</i>	<i>with Cotrim</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo	circunstância	circunstância

Excerto 17

Original	(eu)	Pacientei	quanto pude
Classificação	comportante	processo comportamental	expansão
Tradução	<i>I</i>	<i>Was</i>	<i>as patient as I could be</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo formado por uma oração hipotática

Saliento que há algumas orações na obra original que não apresentam Brás Cubas como participante principal ou central (no gráfico, representadas como Brás não é p.p.). Elas representam um percentual de 12,1% do *corpus*. Algumas dessas orações foram traduzidas por Rabassa utilizando processos relacionais, sendo Brás Cubas o portador desses processos, como no excerto abaixo:

Excerto 18

Original	Não	me	contentava	o rabo de papel nem o rabicho da cabeleira
Classificação	polaridade negativa	fenômeno	processo mental	experenciador
Tradução	<i>I</i>	<i>wasn't</i>	<i>content</i>	<i>with a paper tail or his pigtail</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo	circunstância

Excerto 19

Original	Mas	evidentemente	era	engano meu
Classificação	conjunção	circunstância de modo	processo relacional	portador
Tradução	<i>I</i>	<i>was</i>	<i>obviously</i>	<i>mistaken</i>
Classificação	portador	processo relacional	circunstância de modo	atributo

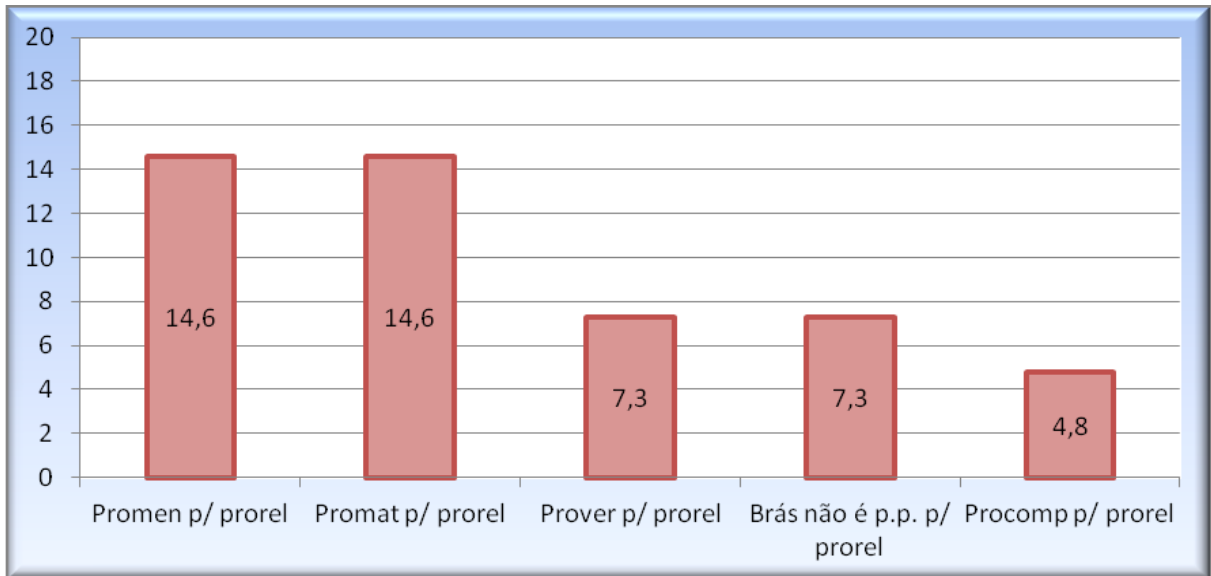
14,6% das orações, ao serem traduzidas, não apresentaram Brás Cubas como participante principal. Uma mudança desse tipo pode ser observada no exemplo abaixo:

Excerto 20

Original	(Eu)	não	podia acabar de <u>crer</u>	nos meus olhos	
Classificação	experenciador	polaridade negativa	processo mental	fenômeno	
Tradução	<i>It</i>	<i>was</i>	<i>hard</i>	<i>for me</i>	<i>to believe my eyes</i>
Classificação	experenciador	processo relacional	atributo	circunstância	expansão de melhoramento

Vejamos todas essas mudanças, em termos percentuais, no gráfico 2 a seguir:

GRÁFICO 2 – Pontos percentuais de processos modificados para processos relacionais no *corpus* de estudo.



As implicações das mudanças acima relatadas serão exploradas mais detalhadamente em termos qualitativos no item a seguir.

5.2 Análise textual da representação do personagem Brás Cubas na obra original e em sua tradução

Levando-se em consideração as discussões sobre a análise estilística de pares de traduções por meio da abordagem sistêmico-funcional, mais precisamente do sistema de transitividade (Halliday, 2004), apresento a análise textual do romance de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2001), e de sua tradução para o inglês *The posthumous memoirs of Bras Cubas*, realizada por Gregory Rabassa (1997).

Como foi dito na metodologia desta pesquisa, serão analisados 30 excertos que apresentaram modificações tanto em termos de processos quanto de participantes e/ou circunstâncias, quando comparados à obra original. Analisemos o primeiro:

Excerto 21

Original	Algum tempo	(eu)	hesitei
Classificação	circunstância de tempo	comportante [participante elidido]	processo comportamental
Tradução	<i>For some time</i>	<i>I</i>	<i>debated</i>
Classificação	circunstância de tempo	dizente	processo verbal

A oração apresentada no excerto acima abre o romance de Machado de Assis. Nela, o narrador e autor das memórias demonstra sua hesitação, sua dúvida, seu próprio dilema ao iniciar sua história. O processo que define tal sensação é o “hesitar”, caracterizado como comportamental por apresentar uma carga semântica que define seu conflito interno como um comportamento inseguro, duvidoso e mesmo cauteloso, uma vez que a decisão tomada pelo narrador definirá todo o restante de sua narrativa. Portanto, por meio desse processo, podemos perceber o nível de introspecção de Brás Cubas, como um personagem diferente, bizarro, um personagem que problematiza sua versão da história e que a estuda cautelosamente desde o início.

Por outro lado, o processo “hesitar” também demonstra certa falta de perspectiva do narrador em relação à importância de iniciar suas memórias pelo princípio ou pelo fim. Essa falta de certeza, essa dúvida concretizada pelo processo “hesitar” é a representação de um indivíduo que reflete as características de uma sociedade que é, conforme Medina Rodrigues (2001, p. 16), “sem futuro e sem retorno”. Uma sociedade subjugada pelos interesses de uma burguesia que não era nada democrática (BOSI, 2006). A escolha de Machado de Assis pelo processo “hesitar” parece refletir a problemática do contexto de situação da época no qual o romance foi escrito. Além disso, o processo também representa o estilo sinuoso de Machado de Assis. Segundo Carvalho (2010, p. 159):

Um dos exemplos mais representativos do estilo sinuoso de Machado de Assis é o emprego de fórmulas de caráter dubitativo, do tipo “creio que”, “hesitei”, “parece que”, “suponho que”, “minto”, “não sei se”, “talvez que”, e outras, por meio das quais o narrador simula não conduzir a narrativa e sim ser conduzido por ela.

Na tradução, Rabassa opta por utilizar o processo “*debated*” em detrimento de “*hesitated*”, uma possível tradução para “hesitar”. No entanto, “*debated*” é caracterizado como um processo verbal, visto que representa uma forma de expressão oral, com características discursivas próprias de um indivíduo que, ao problematizar seu dilema, discute, questiona, argumenta.

Diferentemente do processo comportamental “hesitar”, que possui características de um personagem introspectivo e cauteloso, “*debated*” carrega consigo o peso semântico de um personagem mais ativo, conflituoso.

De comportante, como sujeito passivo e introspectivo, para dizente, o personagem *Brás Cubas* adquire, na versão traduzida, uma característica mais ativa, marcante, em que ele age verbalmente ao discutir se deveria iniciar sua história pelo início ou fim de sua vida (e.g. *over whether I should start these memoirs at the beginning or at the end, that is, whether I should put my birth or my death in first place*). Possivelmente, o tradutor optou por essa escolha devido ao caráter indeciso do autor, que diante de tal situação decide discutir, falar consigo mesmo sobre seu dilema interno, antes de tomar alguma decisão (RODRIGUES-JÚNIOR; OLIVEIRA, 2010, p. 32).

A escolha de Rabassa se difere, semanticamente, da realizada por Machado de Assis. A tradução dá a *Brás Cubas* um tom mais encorajador, de um sujeito capaz de discutir e questionar suas próprias atitudes, por meio do processo verbal “*debated*”.

Brás Cubas, então, continua apresentando seu dilema: se ele deve iniciar suas memórias pelo início ou pelo fim de sua vida.

Excerto 22

Original	Se	(eu)	devia abrir	estas memórias pelo princípio ou pelo fim
Classificação	conjunção de subordinação	ator [participante elidido]	processo material	meta
Tradução	<i>Over whether</i>	<i>I</i>	<i>should start</i>	<i>these memoirs at the beginning or at the end</i>
Classificação	circunstância de contingência	ator	processo material	meta

Neste excerto, Brás Cubas utiliza o processo material “abrir” acompanhado do verbo modalizador “dever”. Vale salientar que o verbo “dever”, como modalizador, seguido de algum verbo no infinitivo, indica probabilidade, obrigação ou necessidade. Assim, o verbo que carrega o peso semântico da oração é o processo “abrir”, por representar o evento da oração, dentro do complexo verbal “dever abrir” (HALLIDAY, 2004, p. 336). Dessa forma, o narrador defunto, ao apresentar seu dilema, trata de suas memórias como se elas estivessem estocadas, guardadas em uma caixa. O “abrir” dessas memórias nos sugere a abertura de uma caixa, a caixa de suas memórias. Ao abri-la, o narrador iniciará a sua história com base em todas as suas experiências de vida e morte, ou mesmo morte e vida.

Na tradução, Rabassa optou por permanecer próximo ao original utilizando o processo material “*start*”, portanto, sem modificar a transitividade da oração, em termos de processo. Vale salientar que pelo fato de “*should*” ser um verbo modal, este não pode carregar o peso semântico da oração, passando, portanto, para o “*start*”.

Embora não haja uma mudança na transitividade em termos de processo, como ocorreu no excerto 21, podemos perceber que há uma mudança semântico-discursiva das duas orações, original e tradução, uma vez que, ao optar pelo processo “*start*” em detrimento de alguma tradução para o processo “abrir”, a imagem das memórias, guardadas em uma caixa de lembranças, desaparece. Em termos estilísticos, essa imagem das memórias, na tradução, está muito mais relacionada a uma simples história a ser iniciada do que à das memórias a serem exibidas, mudando o sentimento que o autor tencionou apresentar. Segundo Medina Rodrigues (2001), os pensamentos podem ser traduzidos de uma língua para outra, mas não os sentimentos, pois estes dependem de uma determinada palavra e não de seu sinônimo; dependem, de fato, da expressão exata daquela língua e não da outra.

Ao continuar a introdução do livro, o narrador das memórias tem dúvida se inicia seu discurso falando de seu nascimento, como a maioria das biografias, ou por sua morte, fato que o tornaria ainda mais bizarro – “se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte” (ASSIS, 2001, p. 69). O excerto 23 explica o porquê de toda essa problemática. O narrador e experienciador das memórias a serem

relatadas não é um simples mortal. Ele é, na verdade, um defunto, e o que explicita essa relação, portanto, é o processo relacional “ser”.

Excerto 23

Original	Eu	não	sou	propriamente	um autor defunto
Classificação	portador	polaridade negativa	processo relacional	circunstância de modo	atributo
Tradução	<i>I</i>	<i>am</i>	<i>not</i>	<i>exactly</i>	<i>a writer who is dead</i>
Classificação	portador	processo relacional	polaridade negativa	circunstância de modo	atributo elaborado por uma oração hipotática ²⁷

Na tradução, Rabassa utilizou o mesmo processo relacional, uma vez que é ele que define o atributo do narrador. O que, no entanto, podemos notar de diferente na tradução é o fato de Rabassa ter optado pela expansão da expressão “defunto-autor”, por meio da oração hipotática “*a writer who is dead*”, que caracteriza “*a writer*”. O tradutor poderia optar pela simples expressão “*a dead author*”, o que seria uma possível textualização para “um defunto-autor”. Essa mudança faz mais jus à característica descrita por Munday (2008), que se refere a Rabassa como um tradutor que muito se aproxima da forma textual do original.

Por meio da elaboração da oração hipotática “*a writer who is dead*”, Rabassa “filtra” a voz do autor das memórias, como sugere Munday (2008, p. 17). É, a meu ver, uma estratégia utilizada pelo tradutor para clarear o sentido da palavra “defunto”, o que permite ao público alvo compreender que Brás Cubas não é um ser do além, mas um personagem que, apesar de não ter mais seu corpo material, possui plenas capacidades mentais para exercer seu papel de autor.

No original, em contraponto com a tradução, essa associação deve ser feita pelo leitor. O autor das memórias não faz nenhum tipo de caracterização, no atributo, com vias de melhorar a compreensão do leitor.

²⁷ A oração hipotática, segundo Halliday (2004), é uma estratégia para introduzir, no discurso, uma informação que já foi apresentada; uma caracterização, como é o caso desse excerto; uma interpretação de algum aspecto da oração dominante ou uma forma de avaliação. É uma maneira de explicar melhor o sentido de algum comentário.

Assim, no tocante ao excerto 23, podemos concluir que houve uma mudança de nível (*rankshifting*), ou seja, saiu do nível do grupo nominal – autor-defunto/*dead author* – para o nível do grupo verbal – oração hipotática: *a write who is dead*²⁸.

Resolvido seu impasse, o narrador das *Memórias* decidiu iniciá-las a partir de seu falecimento.

Excerto 24

Original	Todavia,	(eu)	não	neguei	aos amigos	as vantagens pecuniárias (...)
Classificação	conjunção	dizente [participante elidido]	polaridade negativa	processo verbal	receptor	verbiagem
Tradução	<i>I</i>	<i>didn't</i>	<i>hide</i>	<i>from friends</i>	<i>however</i>	<i>he pecuniary rewards (...)</i>
Classificação	ator	polaridade negativa	processo material	beneficiário (client)	conjunção	meta

No excerto 24, Brás Cubas apresenta-se como um ser dizente que, diante da ideia de inventar um emplasto anti-hipocondríaco, relata aos seus amigos as vantagens financeiras que tal invenção poderia trazer para o governo, uma vez que esse “remédio” seria destinado a aliviar uma sociedade que, segundo ele, era cheia de melancolia (ASSIS, 2001, p. 71). Neste excerto, podemos perceber que, se ele não nega as vantagens do emplasto, afirma que há vantagens e as apresenta aos seus amigos. Para o leitor, no entanto, Brás Cubas revela que elas seriam tão boas para o governo quanto para ele próprio, uma vez que, segundo o enredo da obra, Brás Cubas ficaria mais abastado e alcançaria a fama. Ele mesmo diz: “Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória” (ASSIS, 2001, p. 71).

Ao afirmar, ou não negar, as vantagens de sua invenção, Brás Cubas é a representação de uma sociedade preocupada com seus próprios interesses. Como parte da burguesia da época, o personagem retrata a característica desse grupo de

²⁸ A esse respeito ver Halliday (2004, p. 9-10).

pessoas que tinham como objetivo alcançar o topo da pirâmide social, ocupada anteriormente pela aristocracia rural (CARVALHO, 2010).

Na tradução, Rabassa optou por empregar o processo material “*hide*”, em detrimento de uma possível utilização do processo verbal “*deny*”. Nesse caso, Brás Cubas perde a característica de dizente e passa a ser ator. Ele fala menos e age mais; de não negar ele passa a não esconder, na tradução, as vantagens que seu *Emplasto Brás Cubas* poderia trazer para a sociedade.

Excerto 25

Original	(eu)	Fio,	porém	que esse talento me hão de reconhecer os hábeis	
Classificação	experienciador [participante elidido]	processo mental	conjunção	fenômeno	
Tradução	<i>I</i>	<i>'m</i>	<i>confident</i>	<i>however</i>	<i>that the clever people will recognize this talent of mine</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo	conjunção	expansão

No excerto 25, Brás Cubas expõe sua característica mais intrigante e, dentro do modelo sistemicista, uma das características que mais se destacou na obra original, no *corpus* deste estudo (ver gráfico 1): a de um sujeito pensante, experienciador. O personagem de Machado de Assis apresenta-se como experienciador por meio do processo mental “fiar”, no sentido de esperar, confiar. No capítulo 2 da obra original, quando Brás Cubas continua sua fala sobre a ideia de inventar um emplasto e por meio deste tornar-se famoso, o personagem mostra-se como um ser pensante e, “na condição de proprietário desocupado faz-se esquema ideológico e psicológico, pré-formando as demais faculdades de Brás e ditando-lhe os seus modos de ser, pensar, sentir e dizer” (BOSI, 2006, p. 43).

Quando Brás Cubas confia, espera que os hábeis reconheçam seu talento, é a própria representação de seu sentimento. É a voz de Brás que ressoa em meio à

narrativa de sua vida, uma vez que ele, na eternidade, tem a oportunidade de ser sincero sobre os seus sentimentos e interesses. Estes refletindo os da própria elite de seu tempo, da qual ele fazia parte. A oração da obra original representa o *eu psicológico*, descrito por Bosi (2006), de um personagem que se autoanalisa com “pitadas” de humor.

Rabassa, neste excerto, transfere a característica de experienciador para portador. Isso implica dizer que Brás Cubas, na tradução, não representa um *eu psicológico* que analisa seus sentimentos. Ele passa a ser a representação de uma característica a ele atribuída, a de um ser confiante. O atributo de Brás, na tradução, modifica a representação do personagem de forma a transformá-lo em um ser que não mais se analisa, mas que se firma como um Brás Cubas confiante, certo de seus valores e concepções a respeito dele próprio e dos que permeiam suas memórias. No caso do excerto acima, Brás está confiante de que os hábeis hão de reconhecer o seu talento. De sujeito que mentaliza sua experiência, o personagem passa a ser a representação de um sujeito confiante, característica esta que se difere da obra original.

Neste ponto das análises, é importante frisar que das 41 orações retiradas da obra original, 6 sofreram a modificação de processos mentais para processos relacionais (ver gráfico 2), o que representa 14,6% do *corpus*. Assim, vale salientar que uma das características mais marcantes de Brás Cubas na obra original, a de um sujeito psicológico, que se analisa e analisa os outros ao seu redor, deixa de predominar na tradução que, como vimos no gráfico 1, passa a ser a de um sujeito que se firma por meio de seus atributos. Importa dizer que não avalio a tradução realizada por Rabassa, mas que apenas apresento as modificações de modo a comparar o aspecto ideacional das duas representações de Brás Cubas, uma na obra original, outra na tradução.

Prossigamos, então, com o estudo dos demais excertos.

Excerto 26

Original	Eu	deixo-me estar	entre o poeta e o sábio	
Classificação	portador	processo relacional	Atributo	

Tradução	<i>I</i>	<i>will take</i>	<i>my position</i>	<i>between the poet and the savant</i>
Classificação	comportante	processo comportamental	Extensão	circunstância de modo

No excerto 26, Brás, após dialogar com o leitor sobre sua ideia fixa do emplasto, apresenta dois de seus atributos, “poeta” e “sábio”. Ele prefere estar entre esses dois seres, a igualar-se aos nomes históricos por ele citados, que perderam sua vida por causa de uma ideia fixa. Nesse momento do romance, nosso personagem relaciona-se com o leitor por meio de seus atributos. Ele fica entre o poeta e o sábio, ora um, ora outro. Essa é uma das poucas orações, no *corpus* da obra original, em que Brás Cubas apresenta algum de seus atributos. Como pôde ser observado no gráfico 1, em apenas 9,7% das orações da obra original Brás é portador.

Na tradução, Brás é representado como comportante. Ele se coloca em uma posição que já não mais demonstra um atributo, mas a sua posição, a qual, mesmo sendo psicológica, deixa marcas lexicogramaticais de um comportamento, de uma atitude que varia entre o poeta e o sábio, por meio da expressão “*I’ll take my position*”. Dessa forma, ele não mais demonstra sua característica variante e psicológica entre poeta e sábio, mas seu comportamento como atitude entre os mesmos. Ora ele se posiciona como poeta, ora como sábio, tanto em termos mentais quanto em atitude, característica própria dos processos comportamentais que oscilam entre os mentais e os materiais. A mistura entre o psicológico e a ação é justamente o que define o processo comportamental. É uma atitude reveladora de um comportamento psicológico que ao mesmo tempo define sua atitude ou seu comportamento, mas não mais uma característica, um atributo, como no original.

Excerto 27

Original	(eu)	Adoeci	
Classificação	comportante [participante elidido]	processo comportamental	
Tradução	<i>I</i>	<i>fell</i>	<i>ill</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo

No excerto acima, Brás Cubas relata a raiz do mal que o levou à eternidade. Estando ele a preparar e apurar a sua invenção, recebeu um golpe de ar e logo adoeceu. Sem se tratar como deveria, acabou falecendo.

Por ser um processo que define algo fisiológico, “adoeci” é categorizado como processo comportamental. Na língua inglesa é o mesmo que dizer “*I got ill*” ou “*I was ill*”, considerando o princípio de “*agnation*” (HALLIDAY, 2004, p. 31), que nos revela que explicar algo não consiste em dizer apenas como tal informação está estruturada, mas em mostrar como ela está relacionada sistemicamente às outras coisas.

É possível que, na tradução, a opção de Rabassa por escolher o processo relacional “*fell ill*” deva-se ao fato de não haver um processo que, como no português “adoecer”, defina exatamente o ocorrido. Na língua inglesa seria necessária a escolha de uma das expressões citadas, “*got ill*”, “*was ill*” ou “*fall ill*”.

Em termos semânticos, “adoecer” e “*fall ill*” possuem o mesmo significado. No entanto, foi constatada uma mudança em termos de transitividade, de comportante para portador, devido às peculiaridades de cada língua. “*Got ill*”, “*was ill*” e “*fall ill*” são todos processos relacionais que exprimem o mesmo significado do processo comportamental “adoeci”, porém eles se diferem em termos de transitividade.

Excerto 28

Original	(eu)	pude ver	lhe	de perto	o rosto
Classificação	experienciador [participante elidido)	processo mental	Fenômeno	circunstância de modo	fenômeno
Tradução	<i>did</i>	<i>I</i>	<i>manage to get</i>	<i>a close look at her face</i>	
Classificação	auxiliar	ator	processo material	meta	

No capítulo VII, do qual o excerto 28 foi retirado, Brás Cubas discorre sobre o seu delírio. Logo no início do capítulo, o personagem deixa claro que o que virá pela frente são fenômenos mentais e, se o leitor não for dado à sua contemplação, que pule o capítulo e vá direto à narração. Com essa informação, vemos que Brás deixa claro que a maioria dos processos daquele capítulo seriam, então, representações

lexicogramaticais de seu estado mental, do que ele presenciara naquele momento de delírio.

Assim, na obra original, Brás Cubas é experienciador por meio do processo mental “ver”, caracterizado como o evento da oração. Entretanto, o elemento que é de certa forma destacado por Brás Cubas é o fenômeno “o rosto”, pelo fato de este ter sido escrito no final da oração.

Se, mais uma vez, pensarmos no princípio de “*agnation*”, Machado poderia ter escrito uma simples oração, do tipo “Pude ver seu rosto de perto”. No entanto, a mudança na escrita retórica de Machado de Assis mostra que, estilisticamente, o autor de *Memórias póstumas* era dado a enfatizar elementos oracionais que realizavam linguisticamente as experiências do mundo ficcional do personagem Brás Cubas. Assim, ao situar “o rosto” no final da oração, Machado escolhe uma forma de dar ênfase a ele. Rabassa, por sua vez, na tradução, buscou seguir essa mesma ordem, na tentativa de manter o estilo machadiano. Dessa maneira, ele não infringiu as regras gramaticais da língua inglesa, sobretudo no tocante à ordem dos elementos da oração e à escolha de um “colocado” frequente – *get a close look at* –, e que traduz o sentido do original, na língua alvo.

Na tradução, o processo mental “ver” foi substituído pela expressão “*manage to get*”, sendo o processo principal o “*get*”, caracterizado como material. Brás, então, passa de experienciador para ator, e o fenômeno que seria o rosto da Natureza transforma-se em meta, “*a close look at her face*”. O processo que foi usado por Machado de Assis ao compor as memórias de Brás Cubas traz consigo um significado que vai além do lexical. “Ver”, como processo mental, é a representação da percepção que Brás teve ao se deparar com uma figura tão poderosa como a Natureza. Por meio desse processo, Brás Cubas pôde perceber sua feição, seu poderio, seu egoísmo. Tudo isso ocorreu no seu interior, mentalmente. Na opção realizada por Rabassa, a percepção que Brás teve recai sobre a meta “*a close look at*”, não mais sobre o processo. O leitor da tradução consegue inferir que, se “*Brás Cubas got a close look at her face*”, ele a examinou.

O que, no entanto, é observado por meio da análise comparativa dos processos nas duas obras é a modificação em termos de transitividade dos dois textos. No excerto analisado, Brás Cubas, na obra original, expressa sua visão de

mundo por meio do processo “ver”. Na tradução, o processo garante a ele uma atitude de ação que só vai ser bem compreendida quando analisada a sua meta, “a *close look at*”.

Excerto 29

Original	(eu)	Não	pude reter	um grito de angústia
Classificação	ator [participante elidido]	polaridade negativa	processo material	meta
Tradução	<i>I</i>	<i>was</i>	<i>unable</i>	<i>to hold back a cry of anguish</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo	expansão

O capítulo VII, do qual foi retirado o excerto 29, descreveu o delírio vivido pelo protagonista de Machado de Assis. Após assistir ao desfile dos séculos, Brás Cubas vê os males da humanidade - a cobiça, a inveja, a cólera, a melancolia, entre outros - e o homem correndo atrás da figura da felicidade. Essa figura, no entanto, não era em nada romântica. No delírio do personagem, a felicidade era “uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação” (ASSIS, 2001, p. 83). Ao ver toda essa cena, o personagem não se contém e solta um grito de angústia.

Brás não pôde reter seu grito, ele foi incapaz de se controlar diante de uma cena tão aterrorizante. Tal cena indicava que tudo que o homem faz é correr em busca da felicidade, mas esta não é nada bela. Ela é maltrapilha e esquiva-se a todo o momento, isso quando simplesmente não desaparece ao ser alcançada. A escolha de Rabassa reflete toda essa luta de Brás Cubas. No entanto, na língua inglesa, Brás Cubas não é mais o ator de uma ação, e sim o portador de uma característica. Afinal, o processo “*be*” é um processo relacional, e “*unable*” é um atributo.

Lexicogramaticalmente, portanto, a representação de Brás Cubas foi modificada na oração do excerto 29: de um sujeito que agiu com a intenção de reter seu grito, para um sujeito que não conseguiu ou que não foi capaz de retê-lo.

Como vimos no gráfico 2, 14,6% das orações do *corpus* sofreram modificação: de processos materiais, na obra original, para processos relacionais, na tradução. Brás Cubas é menos identificado como sujeito que age para ser representado por meio de seus atributos. Segundo Halliday (2004, p. 211), tanto os processos mentais quanto os materiais, que representam nossas experiências internas e externas, podem ser interpretados por meio dos processos relacionais. Mas estes modelam as experiências de mundo como “sendo” ao invés de “fazendo”, o que implica dizer que Brás Cubas ganha uma característica de inércia, de sujeito sem ação ou reação.

Excerto 30

Original	(eu)	Encarei	-o	bem
Classificação	comportante [participante elidido)	processo comportamental	extensão	circunstância de modo
Tradução	<i>I</i>	<i>took</i>	<i>a good look</i>	<i>at him</i>
Classificação	ator	processo material	Meta	beneficiário (client)

No final do capítulo VII, Brás Cubas volta ao seu estado normal. Seu delírio é findo e, ao ser levado de volta à realidade, o hipopótamo, que no início do capítulo o levava à sandice, começou a diminuir, diminuir, até se transformar na figura de um gato. Era, na verdade, um gato. O gato cujo dono era o próprio Brás Cubas, o nome dele era Sultão.

Com o intuito de perceber que o hipopótamo já não era mais o mesmo e se transformara em um gato, Brás Cubas encara-o de modo a ter certeza de sua visão. O excerto 30, que descreve o comportamento de Brás, nos revela o modo como ele se comportou diante daquelas imagens, primeiro de um hipopótamo, em seguida, de seu gato.

O processo comportamental “encarar” carrega consigo o peso semântico de um processo que indica o arregalar dos olhos, o enxergar com atenção e o analisar. Processo este que é um misto de material e mental, característica própria dos processos comportamentais.

Em contraste com a tradução, o personagem não apenas “dá uma olhada”, não apenas vê. Há também toda uma atitude corporal e mental envolvida na ação de encarar. Encarar envolve parar, olhar com atenção e analisar.

Na tradução, o processo pelo qual Rabassa optou e que, com certeza, foi o que lhe pareceu a melhor opção na língua inglesa foi o material “*to take a look*”. No entanto, o mesmo é visto muito mais como simplesmente uma ação de olhar, do que como um comportamento de parar, olhar e analisar. O que faz com que o leitor da tradução perceba que foi mais do que uma simples olhada, está no adjetivo ligado à meta, “*a good look*”. Assim, nota-se que não foi qualquer olhada, mas uma olhada mais criteriosa, o que, no entanto, não interfere na categorização do processo como material.

Desse modo, a transitividade do texto de *Memórias póstumas* é afetada pela mudança sofrida pelo personagem Brás Cubas que, de comportante, no original, passa a ator, na tradução. Nesta, Rabassa atribui ao personagem uma característica mais ativa do que a que ele recebeu na obra original, que mescla uma atitude com um estado mental, olhar e analisar, ou seja, encarar.

Excerto 31

Original	(eu)	ignoro	a mor parte dos pormenores daquele famoso dia	
Classificação	experienciador [participante elidido)	processo mental	fenômeno	
Tradução	<i>I</i>	<i>am</i>	<i>ignorant</i>	<i>of the greater part of the details of that famous day</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo	extensão

No excerto 31, nas obras original e tradução, Brás Cubas, após iniciar suas memórias discorrendo sobre o seu velório, sobre a causa da sua morte e sobre o seu delírio, ele decide começar, então, a contar sobre a sua vida a partir do seu

nascimento. Como ele mesmo relata, tudo o que aconteceu no dia em que “a árvore dos Cubas brotou uma flor graciosa” (ASSIS, 2001, p. 85) ele ficou sabendo por terceiros. Assim, ele não sabe dizer sobre os pormenores.

O processo que indica o fato de Brás Cubas não ter conhecimento sobre os detalhes do dia que nasceu é o “ignorar”, categorizado como processo mental por representar um acontecimento interno, dentro da memória de Brás e, portanto, de sua mente.

Brás Cubas, mais uma vez, porta-se como experienciador do que ele reconhece saber. Além de ignorar, no sentido de não saber o que exatamente sucedeu no dia do seu nascimento, Brás parece desdenhar aqueles acontecimentos. Com um ar sóbrio, o narrador das memórias não faz caso se tais ocorrências eram ou não importantes para a sua vida. Importa apenas dizer que ele nasceu. Este era o acontecimento mais importante do dia, os outros, eram apenas pormenores.

Na tradução, o aspecto mental do personagem, de ignorar, é substituído pelo adjetivo ignorante. Brás Cubas já não age mais de forma interna, sem ação, e apenas mentalmente. O atributo ignorante é a própria representação exteriorizada do personagem. Enquanto que no original o processo mental “ignorar” é realizado na consciência do narrador, o processo relacional “*am*”, na escolha de Gregory Rabassa, é a exteriorização de um atributo, inerente ao personagem, o que o difere da sua representação na obra original.

Assim, mais uma vez, a escolha do tradutor modificou a representação de Brás Cubas de experienciador para portador. O personagem não mais é representado como ser consciente, pensante, sabedor de suas atitudes internas e externas. Na tradução, ele é um sujeito que recebe atributos que o caracterizam como confiante, visto na análise do excerto 25 e, neste momento, no excerto 31, como ignorante. Tais características passam a ser atributos que, por meio do processo relacional “*be*”, parecem estar inseparavelmente ligados ao personagem.

Excerto 32:

Original	No dia seguinte,	estando	(eu)	na Rua do Ouvidor
Classificação	circunstância de tempo	processo relacional	portador [participante elidido]	circunstância de lugar

Tradução	<i>The following day</i>	<i>on the Rua do Ouvidor</i>		
Classificação	circunstância de tempo	circunstância de modo		

O excerto 32 informa o lugar onde Brás Cubas se encontrava quando, já em sua fase adulta, na metade no livro, ele revê Virgília. Por meio do processo relacional “estar”, sem a especificação de um atributo, Brás Cubas mostra o lugar exato de onde aconteceu o fato que mudou e preencheu grande parte de sua vida e, conseqüentemente, de sua narrativa.

Na obra original, Machado de Assis, dentro do *corpus* desta pesquisa, ao escrever as memórias de seu personagem Brás Cubas utiliza poucos processos relacionais (ver gráfico 1). Estes foram utilizados: para se apresentar ao leitor, como no excerto 23; com o intuito de representar sua posição entre características distintas de poeta e sábio, de acordo com o excerto 26; ou para indicar uma circunstância de lugar, como ocorreu no excerto 32.

Neste último, o que difere a obra original da tradução, em termos de transitividade, é que, na primeira, Brás Cubas apresenta-se como portador por meio do processo relacional “estar”. Isso não acontece na tradução, uma vez que Rabassa optou por apresentar, no lugar de uma oração, apenas circunstâncias – de tempo e de lugar.

Na tradução, de acordo com o excerto 32, não é apresentada ao leitor a representação semântico-discursiva do personagem. Logo, ele deixa de possuir uma característica de portador, como no excerto da obra original.

Excerto 33:

Original	- É minha!	Repeti	Eu	a rir-me
Classificação	verbiagem	processo verbal	dizente	expansão indicativa de modo
Tradução	<i>“Mine!”</i>	<i>I</i>	<i>repeated</i>	<i>and laughed</i>
Classificação	verbiagem	dizente	processo verbal	processo comportamental

No excerto 33, Brás Cubas, após valsar com Virgília, ao voltar para a sua casa, encontra uma moeda de ouro no chão. Era, na verdade, uma meia-dobra. A verbiagem “É minha”, no excerto acima, exprime verbalmente o que Brás sentiu ao

ver aquela moeda no chão, um sentimento de posse. Essa verbiagem faz alusão ao sentimento que ele teve ao valsar com Virgília. Por esse motivo, Brás Cubas o faz “a rir”. A expansão indicativa de modo, “a rir-me”, demonstra que ele se lembrou de ter dito a mesma coisa logo que passou a dama para outro cavalheiro durante a valsa.

A moeda, ou a meia-dobra, representa o mesmo sentimento de posse que ele teve tanto ao dançar com Virgília quanto ao encontrar o dinheiro, sem dono, no chão. Mais adiante no romance, Brás tem um acesso de remorso e decide devolver a meia-dobra. Sem saber para quem o fazer, ele escreve para o chefe de polícia para que o ajude a encontrar um dono para a mesma. Segundo a nota explicativa contida na edição do livro de Machado escolhida para fazer parte desta pesquisa (ASSIS, 2001, p. 287), a meia-dobra seria a compensação entre o civismo e o adultério. Devolver a moeda seria abrandar o adultério, como se a consciência aceitasse esse tipo de negociação.

Interessa-nos, no entanto, observar o modo como Brás Cubas se expressou verbalmente, a rir. Na oração original, “a rir” é uma expansão indicativa de modo. Na tradução, Brás Cubas também se expressa verbalmente e, portanto, como sujeito falante, por meio do processo verbal “*said*”. Em termos de processos, a obra original e a tradução se igualam. A diferença está no fato de, na segunda, a expansão de modo ser modificada em uma oração aditiva, “*and laughed*”.

O fato de Rabassa ter acrescentado tal oração faz com que o personagem receba uma nova representação, a de um sujeito comportante. Houve, portanto, uma mudança em termos de transitividade, uma vez que, na obra original, neste mesmo excerto, Brás Cubas não se porta como comportante, apenas como dizente. Na tradução, é atribuída a ele outra representação, devido ao acréscimo da oração aditiva “*and laughed*”.

Excerto 34

Original	E	(eu)	meti	-a	no bolso
Classificação	conjunção aditiva	participante elidido	processo material	meta	circunstância de lugar
Tradução					
Classificação					

O excerto 34 é a continuação da oração analisada no excerto 33: “- É minha! Repeti eu a rir-me, e meti-a no bolso”. Brás Cubas apanha a moeda, repete a mesma frase que utilizara com Virgília e coloca a moeda em seu bolso. Nesse excerto, Brás apresenta um comportamento mais ativo, representado lexicogramaticalmente pelo processo material “meti”. Tal processo reflete a atitude que Brás Cubas teve de afirmar que aquela moeda era dele e, assim, guardá-la em seu bolso. Temos, então, um processo material que representa a base de sua narrativa, como citou Halliday (2004, p. 174).

Rabassa, na tradução, optou por não traduzir a oração do excerto 34. Ele traduziu apenas a oração do excerto anterior “*Mine! I repeated and laughed*”. A atitude de Rabassa de omitir a oração citada confere ao texto traduzido certo grau de reescrita. Dessa maneira, podemos notar a presença do tradutor no texto traduzido. Segundo Munday (2008), essa presença está, entre outras coisas, nas omissões realizadas no momento da tradução.

Assim, Brás Cubas, no original, é visto como um ator, um sujeito que realiza uma ação por meio do processo material “meti”. Na tradução, ele perde essa característica, por causa da omissão realizada por Rabassa. Tal fato implica na formação ideacional do personagem de maneira que a narrativa machadiana traduzida já não possua tantos processos materiais e, portanto, a linha de eventos da narrativa não tenha sido construída por meio de processos materiais, como na obra original. Isso também pôde ser notado na interpretação do gráfico 1, que mostra que na obra original 26,8% dos processos são materiais, enquanto que na tradução há uma diminuição desses processos para 14,6%. Brás Cubas, na tradução, não é tão ativo quanto na obra original.

Excerto 35:

Original	e	(eu)	digo	mal
Classificação	conjunção aditiva	dizente [participante elidido]	processo verbal	circunstância de modo
Tradução	<i>and</i>	<i>I</i>	<i>am</i>	<i>wrong</i>
Classificação	conjunção aditiva	portador	processo relacional	atributo

No excerto 35, podemos perceber a mudança na transitividade entre as duas orações analisadas, original e tradução. Na primeira, Brás Cubas é visto como um sujeito dizente, característica intrínseca, devido ao caráter narrativo de suas memórias. Brás conta suas lembranças aos seus leitores e, neste momento da narrativa, o personagem compara a si mesmo e sua amante a bois. Logo em seguida, ele se corrige, afinal, segundo o próprio Brás Cubas, eles eram outra espécie de animal:

SIM, SENHOR, AMÁVAMOS. Agora, que todas as leis sociais no-lo impedião, agora que nos amávamos deveras. Achávamo-nos jungidos um ao outro, como as duas almas que o poeta encontrou no Purgatório: e digo mal, comparando-nos a bois (ASSIS, 2001, p. 154).

Na tradução, o personagem da obra de Machado torna-se portador. Ele deixa de ser dizente para tornar-se o ser que recebe um atributo. Brás não mais diz de modo mal, por exagerar na sua comparação com bois. Ele se mostra como estando errado ao fazer tal comparação.

Brás Cubas perde, na tradução, uma característica que lhe é muito peculiar como narrador de suas memórias, a de sujeito dizente, e recebe um atributo. Ele não é mais o personagem que fala, que diz, que se expressa verbalmente, mas sim aquele que, mais uma vez, se relaciona. Na obra original ele é mais ativo, por meio de sua atitude de falar. Na tradução, por meio do processo relacional escolhido pelo tradutor, Brás Cubas é representado de maneira mais passiva, menos ativa, pois ele não mais diz, não mais age verbalmente.

Excerto 36

Original	(eu)	lobrigava,	ao longe,	uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso
Classificação	experienciador [participante elidido]	processo mental	circunstância de lugar	fenômeno
Tradução	<i>In the distance</i>	<i>I</i>	<i>could make out</i>	<i>a house of our own</i>
Classificação	circunstância de lugar	experienciador	processo mental	fenômeno

No excerto 36, podemos notar que, em termos de categorização de processos, ambas as obras se identificam, pois, tanto Machado de Assis quanto Rabassa escolheram realizar a representação de Brás Cubas por meio de processos mentais que significavam vislumbrar, ver ao longe. Brás Cubas imaginava um lugar onde ele e sua amante Virgília poderiam permanecer sem qualquer tipo de importuno.

O que difere as duas orações, original e tradução, neste excerto, é o fenômeno. Na obra original, Machado de Assis é detalhista e, ao mesmo tempo, repetitivo. Primeiramente detalhista, por especificar seus anseios – uma casa, uma vida, um mundo. Repetitivo, por utilizar três vezes o pronome possessivo “nosso(a)”. Segundo Carvalho:

Brás Cubas sonha com uma Virgília livre, só dele, sem ter que dividi-la com o marido. O possessivo posposto e repetido realça essa ideia de exclusivismo hipotético. Observa-se a vinculação semântica entre o possessivo *nosso(a)* e o pronome oblíquo *nos*, este com valor de posse: “que nos tolhasse a expansão da vontade” = da nossa vontade (CARVALHO, 2010, p. 106).

Na tradução, a ideia de exclusivismo hipotético é perdida pela falta de repetição do pronome de posse, uma vez que o tradutor optou por representar um Brás Cubas que desejava somente uma casa. Rabassa omite os outros anseios do personagem – “uma vida nossa, um mundo nosso”. Ao realizar tal decisão, o tradutor modifica o fenômeno, que representa o próprio desejo do personagem. Na obra original, Brás Cubas é enfático, direto, ativo. Ele quer Virgília, com uma casa, uma vida e um mundo que possam ser compartilhados pelos dois amantes. Na tradução, apenas uma casa lhe é suficiente, como um sujeito que com pouco se satisfaz. A representação do personagem, na tradução, por meio do fenômeno da oração, é a de um sujeito que nos parece mais calmo, tranquilo, passivo, que o pouco lhe é suficiente.

Nesse sentido, houve uma mudança semântico-discursiva da representação de mundo do personagem Brás Cubas.

Excerto 37

Original	Então,	afastando-me,	(eu)	respondi:
Classificação	circunstância de tempo	expansão indicativa de modo	dizente [participante elidido]	processo verbal
Tradução	<i>Then</i>	<i>pushing me away,</i>	<i>she</i>	<i>reported</i>
Classificação	circunstância de tempo	expansão indicativa de modo	dizente	processo verbal

No excerto acima, retirado do capítulo LXIV (ASSIS, 2001, p. 164), na obra original, Brás Cubas responde à Virgília sobre o fato de eles terem uma casinha só deles, onde ninguém pudesse atrapalhá-los, porém, sem a necessidade de fugirem juntos. Brás Cubas, na obra original, é o participante direto da oração, caracterizado como dizente mediante o processo verbal “respondi”.

O que difere as duas obras, original e tradução, é o fato de, na tradução, Rabassa colocar Virgília como dizente e não Brás Cubas. A oração da tradução difere da original em termos de participante e também em sentido, por meio da expansão indicativa de modo. Podemos interpretá-la de modo que Virgília, afastando Brás Cubas, reporta-se a ele. Na obra original é Brás Cubas quem responde. Ele é o dizente, não Virgília.

Neste excerto, o protagonista do romance deixa de adquirir a característica de dizente, passando-a para Virgília. Essa é uma das orações que fez como que o índice de processos verbais tenha diminuído na tradução. Brás Cubas é menos representado como um sujeito que fala, que se expressa verbalmente, na tradução, em contraposição com a obra original.

Excerto 38

Original	Chegando à rua,	(eu)	arrependi-me	de ter saído	
Classificação	oração com verbo não finito.	experienciador [participante elidido]	processo mental	expansão por melhoramento	
Tradução	<i>Out on the street</i>	<i>I</i>	<i>was</i>	<i>sorry</i>	<i>I'd left</i>
Classificação	circunstância de lugar	portador	processo relacional	atributo	expansão por melhoramento.

O excerto 38, retirado do capítulo LXV, mostra o sentimento experienciado por Brás Cubas após retirar-se da casa de Virgília. Na ocasião, após uma discussão com a sua amada e ainda na casa dela, ambos são surpreendidos pela visita da baronesa, cujo nome não nos é revelado. Tal baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam do romance entre Brás e Virgília. Por esse motivo, Brás, após uma breve conversa com a visitante, decidiu deixar a casa, mas “chegando à rua”, ele se arrependeu.

A primeira mudança que podemos notar no excerto 38 é na localização dada por Brás Cubas. No original, o personagem se localiza dizendo que ele estava “chegando à rua”, quando se arrependeu de ter saído da casa. Ou seja, ele se encontrava próximo à rua, já fora da casa de Virgília. Por ser uma oração com um verbo não finito, esta não pode ser classificada como circunstância, mas o que ela expressa é exatamente a localização do personagem.

Nesse caso, na tradução, Rabassa expressou a mesma localização sem, contudo, utilizar uma oração – “*out on the street*”. Ele optou por utilizar uma circunstância de lugar que, apesar de possuir o mesmo significado, não representa a mobilidade do personagem, de alguém que está a caminho de algum lugar, como ele mesmo narra, “chegando à rua”. Neste caso, a ação estava em processo, diferente da tradução que não nos transmite a mesma impressão.

Em se tratando dos processos utilizados em cada uma das versões, original e tradução, também houve uma mudança. Na primeira, Brás Cubas é experienciador por meio do processo mental “arrepender”. Ele demonstra lexicogramaticalmente o que se passou no seu interior, seu sentimento de arrependimento. Além disso, ele completa com o motivo de tal sensação, o fato de ter saído e deixado Virgília com alguém que desconfiava do romance entre os dois e que era uma senhora muito atenta e esperta.

Rabassa, na tradução, não optou pelo processo do tipo mental. Mesmo com a opção de utilizar processos desse mesmo tipo, como o “*regret*”, o tradutor optou por utilizar o processo relacional “*was*” que, seguido do atributo “*sorry*”, possui a mesma carga semântica da obra machadiana em sua forma original.

Apesar de a carga semântica desses dois tipos de processos ser a mesma, “arrepender” e “*be sorry*” se diferenciam em termos de transitividade. Como eu disse,

o primeiro é classificado como processo mental, carregado de um sentido que expressa algo ocorrido no interior do personagem, em sua mente. Já o segundo é classificado como um processo relacional que definiu o estado de Brás Cubas, estado de arrependimento e não de atitude interna. Essas duas concepções acerca dos processos escolhidos pelo autor original e por seu tradutor implicam diretamente no perfil ideacional do personagem. Brás, no original, é sujeito experienciador, introspectivo. Na tradução, ele é a representação de um estado, expresso lexicogramaticalmente por meio do atributo “*sorry*”.

Excerto 39

Original	nenhum merecimento da ação	me	cabe	
Classificação	atributo	portador	processo relacional	
Tradução	<i>I</i>	<i>deserved</i>	<i>no</i>	<i>credit for the act</i>
Classificação	portador	processo relacional	polaridade negativa	atributo

No capítulo do qual este excerto foi retirado, Brás Cubas discorre sobre o papel fundamental que suas pernas tiveram em seu enredo. É um capítulo que, ao mesmo tempo em que dá continuação à narrativa, dá uma pausa para revelar a gratidão e apreço do personagem pelas pernas que o conduzem aonde ele deve ir. Assim, ao personagem não lhe cabe o merecimento da ação de andar e, sim, às suas pernas.

No original, Brás é representado como o portador do processo relacional por meio do pronome oblíquo “*me*”. No caso deste excerto, o processo relacional “*caber*” tem o sentido de pertencer e, portanto, a quem nenhum merecimento da ação pertence é o próprio Brás Cubas, que passa a ser o portador do processo relacional *caber*.

Apesar de Brás Cubas ser um participante direto, a ênfase ou mesmo o que Machado de Assis destaca na oração, por meio de sua linguagem retórica é “*nenhum merecimento da ação*”, por vir em primeiro lugar na oração. Além disso, o

pronome oblíquo preposto coloca Brás Cubas em um segundo plano, ou seja, no plano da recepção e não do agenciamento.

Embora no excerto 39 Brás Cubas seja o portador, realizado lexicogramaticalmente pela pronominalização “me”, ainda assim ele recebe um atributo que a ele não cabia. Portanto, além de receptor, ele não é merecedor desse atributo.

Rabassa optou, então, por transformar a oração, colocando Brás como participante direto em primeiro plano, no de agenciamento, por meio do pronome pessoal / e utilizando um processo relacional que, dentro do complexo oracional, tem significado equivalente à oração do português. Isso porque Rabassa associou o significado de “merecimento” ao processo por ele escolhido, no caso, o *deserved*. A opção de Rabassa não fez com que a transitividade do texto fosse alterada. No entanto, o que Machado intentou destacar na oração do português, em inglês, ficou apagado, uma vez que de receptor, Brás Cubas passou ao nível de agenciamento, sendo tematizado pelo pronome /.

Excerto 40

Original	(eu)	Parei,	(eu)	olhei
Classificação	ator [participante elidido]	processo material	comportante [participante elidido]	processo comportamental
Tradução	/	<i>stopped</i>	<i>to look</i>	
Classificação	ator	processo material	meta	

O excerto 40, retirado do capítulo LXVIII, retrata o episódio em que, logo após ajustar a casa em que Brás Cubas e Virgília se encontrariam, o personagem presenciou uma cena que chamou sua atenção. Ao perceber um ajuntamento de pessoas, Brás decidiu ver o que era. Viu que um antigo escravo seu, chamado Prudêncio, batia em um escravo. É quando Brás Cubas para, olha e se assusta ao ver o antigo moleque Prudêncio fazendo com o escravo o que, no passado, o próprio Brás Cubas fazia com ele.

No original, Brás Cubas realiza duas ações, ele parou e olhou. “Parou”, como processo que despende um gasto de energia, é classificado como material e, portanto, apresenta Brás como ator. “Olhar” já é definido como um processo

comportamental e, assim, apresenta Brás como comportante. Nessas duas orações, apresentadas no excerto 22, Brás Cubas possui duas visões de mundo diferentes, uma como ator e outra como comportante.

Ao traduzir a obra machadiana para a língua inglesa, Gregory Rabassa optou por unir as duas orações criando apenas uma. Tal oração também representou Brás Cubas como ator do processo material “*stop*”, mas modificou a oração seguinte, que continha um processo comportamental, em meta, como extensão do processo material e não como uma nova oração.

Dessa maneira, Brás Cubas, na tradução, já não é mais representado como comportante, apenas como ator. Tal modificação é também responsável pela diminuição, em termos percentuais, de processos comportamentais na tradução, em comparação com a obra original.

Excerto 41

Original	cheguei	me		
Classificação	processo material	ator		
Tradução	<i>He</i>	<i>came</i>	<i>over</i>	<i>to me</i>
Classificação	ator	processo material	circunstância de lugar	meta

O excerto 41 é a continuação das atitudes de Brás Cubas, retirado também do capítulo LXVIII, em que o personagem avista seu ex-escravo Prudêncio agredindo o próprio escravo. Após parar e olhar, como relatado no excerto 40, Brás Cubas chega próximo ao agressor. Brás é ator ação “chegar”. Apenas esta atitude foi o suficiente para que Prudêncio parasse de agredir seu escravo. A ação de Brás gerou uma reação de respeito por parte de seu ex-escravo, a ponto de este parar a agressão.

Em termos de contexto de situação, temos a representação de uma sociedade que convivia com a escravidão. Prudêncio, apesar de liberto, tem para si um escravo. O ex-escravo conhecia o sofrimento de ser escravo, mas não abriu mão de ter o seu e o tratava de maneira sádica. Apesar do fato de não ser mais um escravo e de ter o seu próprio, Prudêncio manteve o respeito por Brás Cubas, como se este ainda exercesse algum poder sobre ele.

Na tradução, Brás Cubas não é representado como ator, mas sim o próprio Prudêncio. Rabassa optou por trocar os sujeitos e suas representações. Enquanto

na obra original Brás Cubas é o ator do processo material “chegar”, na tradução ele se tornou a meta. O ator é representado pelo antigo moleque Prudêncio.

Além de Brás Cubas deixar de ser ator e, portanto, perder sua característica de sujeito ativo, ao leitor, também não é transmitida a relação de temor e respeito que o ex-escravo de Brás Cubas, o Prudêncio, tinha para com esse. Na obra original, Brás Cubas chega e Prudêncio, ao vê-lo, para de bater em seu escravo. A presença de Brás é enfatizada como se ele fosse a autoridade naquele local, naquele momento. É a representação de um contexto social cuja relação entre escravos e sinhôs é mostrada por meio da narrativa de Machado de Assis. Na tradução, ao transferir o papel de Brás Cubas para a extensão do processo, sendo o personagem não mais o agente da ação, a impressão que causa na leitura da tradução se diferencia da original no sentido de a presença do personagem não ser enfatizada de modo a fazer com que o leitor percebesse que o cessar da agressão foi devido à chegada de Brás Cubas.

Ele deixou de ser representado como ator, para tornar-se meta, e a compreensão sobre o registro da obra ficou comprometida por não deixar clara a relação de submissão de Prudêncio, mesmo este não sendo mais escravo.

Excerto 42

Original	como	eu	a	achasse	[só] em casa
Classificação	circunstância de modo	ator	meta	processo material	circunstância de lugar
Tradução	<i>when</i>	<i>I</i>	<i>was</i>	<i>alone</i>	<i>in the house</i>
Classificação	circunstância de tempo	portador	processo relacional	atributo	circunstância de lugar

O capítulo do qual o excerto 42 foi retirado é visto como um trecho que mostra uma característica muito peculiar das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a digressão. Ele é considerado um miniconto dentro do romance, como um exemplo típico da mistura de gêneros (CARVALHO, 2010, p. 142), característica das obras de machado de Assis, mas que mais se destacou neste livro em estudo.

O excerto 42 é parte do capítulo dedicado à história de D. Plácida, a senhora que cuidava da casa onde Brás Cubas se encontrava às escondidas com Virgília. A oração acima é um aposto que explica o momento em que Brás Cubas conseguiu

desvendar um pouco da história daquela senhora que sempre lhe parecera muito reservada.

Brás Cubas encontrou D. Plácida sozinha e, então, começou a dialogar com a mesma a fim de conhecer um pouco de sua vida, que, no capítulo seguinte, mostra-nos não ter tido outra finalidade senão a de sofrer queimando os dedos no tacho e os olhos na costura.

Brás é quem a encontra em casa. Ela estava sozinha. Na obra original, o personagem objeto desta pesquisa é representado como ator do processo material “achar”, que possui o sentido de encontrar, de deparar com D. Plácida. Esta é a meta do processo material e o foco do capítulo LXXIV, cujo nome é a sua história.

Na tradução, Gregory Rabassa também utiliza a oração do excerto em questão como aposto. Porém, D. Plácida sequer aparece nela. Apenas Brás Cubas é citado neste aposto como o foco principal da oração, já que, em vez de dizer que D. Plácida encontrava-se só em casa, o tradutor escolheu omitir a empregada e dizer que era Brás Cubas quem se encontrava sozinho. Logo, ele realiza a representação do personagem por meio de um processo relacional, cujo atributo é atribuído somente a Brás Cubas, e não à D. Plácida.

Na obra original, Brás Cubas é o sujeito que realiza uma ação, a de encontrar D. Plácida sozinha em casa. Na tradução, ele é o portador de um processo relacional que apenas descreve seu estado no momento em que outra oração dará continuidade à narrativa.

O excerto 42 finda a análise das orações que sofreram algum tipo de modificação em sua transitividade e que foram retiradas das 30 páginas da metade da obra de Machado de Assis. Darei, neste momento, continuidade à pesquisa com análise dos excertos retirados das 30 páginas finais do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Excerto 43

Original	Doeu-	me	um pouco	a cegueira da epidemia
Classificação	processo material	meta	circunstância de intensidade	ator
Tradução	<i>I</i>	<i>was pained</i>	<i>a little</i>	<i>by the blindness of the epidemic</i>

Classificação	cliente	processo material	circunstância de intensidade	agente
---------------	---------	-------------------	------------------------------	--------

O excerto 43, retirado do capítulo CXXVI, retrata a dor sofrida por Brás Cubas com o falecimento da mulher que poderia ter sido sua esposa, Eulália, conhecida no romance como Nhã-loló. Ela morreu após ter sido infectada pela febre amarela. Brás Cubas relata que acompanhou todo o funeral e que se despediu da jovem de maneira triste, mas sem lágrimas.

No excerto em questão, Brás Cubas é vítima da dor causada pela “cegueira da epidemia”. Na oração, “a cegueira da epidemia” é caracterizada como ator, ela é a responsável pela ação, pelo processo material “doeu”, e Brás Cubas é o elemento afetado pela dor, caracterizado como meta.

O processo “doer”, segundo Halliday (2004, p. 173), é de difícil categorização. Ele fica no limiar entre processo material, comportamental e mental. O que o definirá é a interpretação dada a ele de acordo com o contexto. No caso deste excerto, o que determina a categorização do processo é mais a sua estrutura oracional do que o processo em si, uma vez que o processo “doer” é comportamental, mas a construção do processo no presente do indicativo, associada aos elementos “meta” e “ator”, configuram-no como material. Isso também se dá devido ao fato de que Brás Cubas foi afetado por ele. A “cegueira da epidemia” exerce uma ação sobre o personagem, uma vez que ela é a culpada pela matança de várias pessoas, inclusive de Eulália. É o que relata Brás Cubas no romance:

Vejam agora a que excessos pode levar uma inadvertência; doeu-me um pouco a cegueira da epidemia que, matando à direita e à esquerda, levou também uma dama, que tinha de ser minha mulher; não cheguei a entender a necessidade da epidemia, menos ainda daquela morte (ASSIS, 2001, p. 226).

A epidemia é o agente de ações como “matar” e “levar”. Assim, é ela quem pratica a ação, bem como a cegueira. Na obra original, Brás Cubas é o elemento afetado pela “cegueira da epidemia”, que é o ator do processo material “doer”. Na tradução, Brás também é representado como o elemento afetado pela ação exercida pela “*the blindness of the epidemic*”. O que diferencia a oração da obra original da

traduzida é o fato de Rabassa ter optado por utilizar uma oração na voz passiva, o que faz como que “a cegueira da epidemia” seja agente da passiva e não mais ator.

Além disso, na obra original, Brás Cubas, ao narrar seu sofrimento, não se coloca como sujeito aparente na oração. Ele é visto num segundo plano por meio do pronome oblíquo “me”. Na tradução, Rabassa optou por colocar Brás Cubas num primeiro plano, por meio do pronome “I”.

No original, Brás Cubas não é representado como ator e, sim, a “cegueira da epidemia”. Na tradução, com Brás Cubas em primeiro plano, por meio do pronome “I”, ele é o cliente, beneficiário, afetado pelo agente da passiva.

Excerto 44

Original	Eu	a	agradeço	ainda agora	do fundo do meu sepulcro	
Classificação	dizente	receptor	processo verbal	circunstância de tempo	circunstância de lugar	
Tradução	<i>I</i>	<i>'m</i>	<i>thankful for</i>	<i>it</i>	<i>even now,</i>	<i>at the bottom of my grave</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo		circunstância de tempo	circunstância de lugar

O excerto 44, na obra original, finda o primeiro parágrafo do capítulo CXXVII: “Grande coisa é haver recebido do céu uma partícula da sabedoria, o dom de achar as relações das coisas, a faculdade de as comparar e o talento de concluir! Eu tive essa distinção psíquica; eu a agradeço ainda agora do fundo do meu sepulcro” (ASSIS, 2001, p. 227). Brás Cubas demonstra, neste parágrafo, sua introspecção psicológica, característica intrínseca do personagem, ao refletir sobre a sua própria faculdade. Ao findar sua reflexão, o personagem utiliza um processo verbal que é a projeção de seu pensamento, de seu senso de gratidão, o processo verbal “agradecer”.

Podemos notar, neste excerto, que Brás Cubas, como dizente desse processo verbal, o faz à distinção psíquica, representada lexicogramaticalmente pelo pronome oblíquo “a”. Neste caso, a “distinção psíquica”, advinda de uma partícula da sabedoria por ele recebida, é personificada por Brás Cubas e classificada como receptora do processo verbal, ou seja, é para ela que a mensagem é direcionada.

Percebemos, no entanto, que, na tradução, Rabassa optou por utilizar mais uma vez um processo relacional, em detrimento de um processo verbal do tipo “*thank*”. Brás deixa de ser representado como dizente para tornar-se portador por meio do processo relacional “*be*”. Assim, a transitividade do texto é afetada, uma vez que o processo utilizado pelo tradutor foi modificado. Nesse caso, pode se dizer que é possível que o tradutor tenha optado pela expressão *thankfull for it* por ser uma linguagem mais atual, utilizada mais comumente.

Assim, podemos notar que a atitude do tradutor, refletida em suas escolhas, é vista como característica própria da textualização do texto original, por apresentar traços de reescrita, como foi o caso deste último excerto.

Excerto 45

Original	e	eu	achei	graça	a essa esperteza da faceirice mulçumana
Classificação	conjunção	experienciador	processo mental	fenômeno	complemento
Tradução	<i>And</i>	<i>I</i>	<i>was amused</i>	<i>by that cunningness of Muslim coquetry</i>	
Classificação	conjunção	fenômeno	processo mental	experienciador	

Na continuação do capítulo CXXVII, mais especificamente no segundo parágrafo, Brás Cubas nos apresenta mais um de seus pensamentos ao comparar o personagem Dasmasceno, pai da falecida Nhã-loló, às damas turcas:

De fato, o homem vulgar que ouvisse a última palavra do Damasceno, não se lembraria dela, quando, tempos depois, houvesse de olhar para uma gravura representando seis damas turcas. Pois eu lembrei-me. Eram seis damas de Constantinopla, — modernas, — em trajos de rua, cara tapada, não com um espesso pano que as cobrisse deveras, mas com um véu tenuíssimo, que

simulava descobrir somente os olhos, e na realidade descobria a cara inteira. E eu achei graça a essa esperteza da faceirice muçulmana, que assim esconde o rosto, — e cumpre o uso, — mas não o esconde, — e divulga a beleza. Aparentemente, nada há entre as damas turcas e o Damasceno; mas se tu és um espírito profundo e penetrante (e duvido muito que me negues isso), compreenderás que, tanto num como noutro caso, surge aí a orelha de uma rígida e meiga companheira do homem social (ASSIS, 2001, p.227).

É nesse contexto que aparece o excerto 45. Brás Cubas é representado como experienciador por meio do processo mental “achar”, que reflete seu sentimento interior em relação à faceirice mulçumana que, segundo ele, ao esconder o rosto não o esconde, mas divulga a beleza.

Ao comparar as duas versões das orações deste excerto, podemos notar que tanto Machado quanto Rabassa realizaram a visão de mundo de Brás Cubas por meio da utilização de um processo mental. Dessa forma, em termos de processos, não foi constatada modificação alguma. Porém, ao traduzir a oração da obra original na forma passiva, Rabassa modifica o papel oracional ocupado por Brás Cubas. No original, ele é o experienciador e, portanto, a representação da visão de mundo de um sujeito consciente, introspectivo, analista, que imagina situações, as relaciona e conclui, como ele mesmo menciona no parágrafo citado na análise do excerto 44. Na tradução, Brás Cubas ocupa o papel de fenômeno da oração, deixando de ser representado como o participante central do excerto, fato que afeta a sua representação enquanto sujeito social.

Como fenômeno, na tradução, Brás já não é mais a representação de suas experiências, uma vez que o experienciador passou a ser “*that cunningness of Muslim coquetry*”.

Excerto 46

Original	(eu)	Remocei	
Classificação	ator [participante elidido]	processo material	
Tradução	<i>I</i>	<i>was</i>	<i>rejuvenated</i>
Classificação	portador	processo relacional	atributo

No excerto 46, retirado do capítulo CXXXIV, Brás Cubas se aproxima do fim da narrativa de sua vida. Neste momento do romance, depois de alguns anos longe de sua amante, ele tem a oportunidade de contemplá-la novamente. Após tê-la visto descer as escadas do local onde ocorrera um baile e de replicar a uma calúnia de um antigo companheiro e oficial da marinha, Brás Cubas volta ao local do baile, dança um pouco e, ao viver aquele momento, ele diz ter rejuvenescido. Ele se sentiu novamente moço, jovem, cheio de vida. Por algum tempo, ele se esqueceu dos seus cinquenta anos, dos quais ele se lembrou ao chegar a seu carro, ao fim da noite, e sentir o cansaço que em outros tempos não o afetava como agora.

O processo “remoçar”, caracterizado como material, reflete a ação de um Brás Cubas jovem que age sobre si mesmo. Remoçar é se sentir e agir de forma jovial, com energia. Em inglês, não há um processo que sozinho represente a mesma ideia. Desse modo, Rabassa optou por utilizar o processo relacional “was” que, em conjunto com o atributo “*rejuvenated*”, é equivalente, em sentido, à obra original. Assim, o sentido da mensagem é o mesmo, mas a transitividade dela é afetada, uma vez que, em termos lexicogramaticais, Brás Cubas não é mais representado como ator, como ser agente de uma ação, e sim como portador, um sujeito inerte aos acontecimentos ao seu redor.

Excerto 47

Original	E	agora	(eu)	sinto que,	se alguma dama tem seguido estas páginas,	fecha o livro e não lê as restantes.
Classificação	conjunção aditiva	circunstância de tempo	experenciador [participante elidido]	processo mental	fenômeno	expansão
Tradução	<i>And</i>	<i>now</i>	<i>I</i>	<i>have</i>	<i>the feeling that if some lady has followed along these pages</i>	<i>she closes the book and doesn't read the rest.</i>
Classificação	conjunção	circunstância	portador	processo	atributo	expansão

	aditiva	de tempo		relacional		
--	---------	----------	--	------------	--	--

O excerto 47 é um dos que carregam consigo uma característica muito peculiar da obra machadiana: sua interação com o leitor. No caso da obra analisada, o narrador conversa com o leitor como se tivesse com este uma intimidade tal a ponto de ordenar que, se houvesse alguma dama lendo o livro, esta deveria fechá-lo e não chegar ao cabo de sua leitura. Segundo Castelar de Carvalho:

Em seus romances e contos, Machado de Assis faz questão de enfatizar o caráter de ficção de sua narrativa. Nesse sentido, suas conversas com o leitor estabelecem com este uma espécie de pacto, levando-o a exercer um papel ativo, chegando quase a incutir-lhe a ilusão de que ele é coautor da narrativa. Machado conduz seu leitor “pelo braço” de um lado para o outro, suscita-lhe reflexões, puxa-lhe as orelhas, convida-o a deslindar situações e comportamentos dos personagens, aplica-lhe piparotes, enfim não o deixa um só momento sossegado (CARVALHO, 2010, p. 139).

Devemos lembrar, neste momento da pesquisa, que as *Memórias póstumas de Brás Cubas* foram escritas originalmente em forma de folhetim (CARVALHO, 2010, p. 158), dirigido a um público diversificado. Esse tipo de gênero textual era o responsável pela interação entre autor e leitor. Como o leitor dos folhetins não tinham o privilégio de, a princípio, possuir o livro inteiro em suas mãos, Machado de Assis, por meio de seu defunto-autor, usa desse diálogo para estabelecer uma cumplicidade com o leitor, com o propósito de fazer com que este não perdesse o interesse e o suspense da narrativa (CARVALHO, 2010, p. 139).

Na obra original, o narrador das memórias demonstra sua percepção, por meio do processo mental “sinto”. Conhecendo seu leitor, ou sua leitora, e a alma feminina, ele ainda utiliza, após o fenômeno, uma expansão imperativa, indicando que o que virá mais adiante em sua narrativa não agrada às damas da época.

Na tradução, Rabassa preferiu utilizar um processo relacional, ao traduzir o processo mental “sentir”, em detrimento de um processo mental na língua inglesa, como o “*feel*”. Além disso, a expansão que, na obra original, foi dirigida ao leitor de forma imperativa por Brás Cubas, na tradução, ganha um aspecto muito mais de sugestão do que de ordem. Afinal, tanto na língua inglesa quanto na portuguesa, o uso de um imperativo é iniciado por um processo sem participante/agente. Na tradução, Rabassa optou por não utilizar um imperativo e sim uma oração comum,

em que a leitora conseguisse subentender que seria melhor ela não ler mais aquele livro.

Nesse sentido, a transitividade do texto foi modificada em relação ao tipo de processo utilizado e também em relação ao modo como a expansão foi interpretada pelo tradutor. Na obra original, Brás Cubas é um sujeito perceptivo, experienciador dos sentimentos do leitor e enfático na expansão imperativa. Na tradução, ele é portador de um sentimento classificado como atributo, e já não é mais um sujeito que ordena ao seu leitor, que o pega “pelo braço”, como observou Carvalho na citação acima. Na tradução, ele é mais sugestivo e menos ofensivo.

Excerto 48

Original	(Ele) [participante elidido]	Notou que	ao pé deles	estava um osso,
Classificação	experienciador	processo mental	circunstância de lugar	fenômeno
Tradução	<i>I</i>	<i>noticed that</i>	<i>there was a bone</i>	<i>under their feet,</i>
Classificação	experienciador	processo mental	fenômeno	circunstância de lugar

O capítulo CXXI narra uma conversa entre Brás Cubas e Quincas Borba. Brás estava decepcionado com o fato de não ter conseguido ser ministro de estado, e seu amigo resolveu consolá-lo com filosofias. Após convidar Brás Cubas para uma volta ao ar livre, os dois se deparam com uma briga de cães. Quincas Borba fez seu amigo parar e observar o fato. À medida que a briga se desenrolava, Quincas fazia suas ponderações a respeito da atitude dos cães e a comparava com a vida de forma geral.

A oração apresentada no excerto 48 foi retirada deste contexto. Observemos, no entanto, que foi Quincas Borba quem fez Brás Cubas parar para observar a briga, e foi este quem notou que próximo aos cães estava um osso. Nesse excerto, na versão original da obra de Machado de Assis, Brás Cubas não é representado como participante direto, mas Quincas Borba, o experienciador do processo mental “notou”.

Na tradução, Rabassa optou por colocar Brás Cubas como participante direto em detrimento de Quincas Borba. Brás é, então, representado como experienciador

do processo mental “noticed”. Logo, ele recebe uma representação a mais na tradução, a de um experienciador, como se fosse ele quem tivesse percebido o fenômeno e não o seu amigo Quincas.

Excerto 49

Original	E	(ele)	não	deixou de chamar	a minha atenção
Classificação	conjunção aditiva	dizente [participante elidido]	polaridade negativa	processo verbal	verbiagem
Tradução	<i>And</i>	<i>I</i>	<i>couldn't help having</i>	<i>my attention called</i>	
Classificação	conjunção aditiva	portador [participante elidido]	processo relacional	atributo	

O excerto 49 é a continuação da oração do excerto anterior. O primeiro também não apresenta Brás Cubas como participante direto e, sim, seu amigo Quincas Borba. Na obra original, Quincas Borba chama a atenção de Brás para o fato de não haver carne no osso disputado pelos cães. Na tradução, Rabassa empregou Brás Cubas como participante direto, e este tem sua atenção chamada pelo mesmo fato.

Dessa maneira, na obra original, Brás Cubas não é representado nesta oração, mas seu amigo, o Quincas Borba, como dizente do processo verbal “chamar”. Na tradução, o personagem principal das memórias adquire a representação de um sujeito portador, cujo processo relaciona-se com sua atitude de não deixar de ter a sua atenção chamada pelo fato de não haver carne no osso que fora o motivo da briga dos cães. Mais uma vez, Rabassa imputa em Brás Cubas uma nova representação alterando, assim, a transitividade do texto, se comparado à versão original.

Excerto 50

Original	(Eu)	Demonstrei	-lhe	que era saturada do mais puro Humanitismo
Classificação	ator [participante]	processo material	meta	expansão

	elidido]			
Tradução	(It)	<i>Was shown</i>	<i>to him</i>	<i>to be saturated with the purest Humanitism</i>
Classificação		processo material	meta	expansão

O excerto 50 descreve a atitude que Brás Cubas teve ao fundar seu jornal. Para o personagem principal, o programa do seu jornal pareceu-lhe uma obra prima. Além disso, a ameaça de acabar com aquela farsa existente na política, a qual não permitiu que ele fosse ministro, era saturada do mais puro Humanitismo. Tal fato foi demonstrado por Brás Cubas ao seu amigo Quincas.

O excerto acima traz consigo uma sátira ao positivismo de Augusto Comte que, segundo Bosi (2010, p. 415), “concebeu, nos seus anos derradeiros, uma verdadeira contrafacção do catolicismo, com dogmas e liturgia, centrada no culto do Grande Ser, a Humanidade evoluída e enfim redimida pela doutrina”.

Brás Cubas é ator do processo material “demonstrar”. Na obra original, Machado de Assis não omite seu personagem. Já na tradução, a mesma oração foi transmitida em forma de oração passiva, cujo agente da passiva foi omitido, deixando a cargo do leitor a inferência de que seria o próprio Brás Cubas.

No caso deste excerto, a transitividade do texto não foi modificada em termos de processo, mas na maneira como a oração foi transmitida ao leitor, uma vez que Rabassa tinha a opção de utilizar uma oração na voz ativa, assim como na obra original.

O excerto 50 finda a análise textual desta pesquisa. Vejamos as considerações finais, no tópico seguinte.

Discussão e considerações finais

Apresentarei, primeiramente, o retrato lexicogramatical do personagem Brás Cubas na obra original, de acordo com os dados investigados. Em seguida, o mesmo retrato de Brás Cubas na tradução e, finalmente, farei a comparação entre os dois.

Brás Cubas, na obra original, é representado como ator de processos materiais na maioria dos processos retirados para as análises quantitativa e qualitativa dos excertos. Tais processos são realizados em 26,8% das orações do *corpus*, de acordo com o gráfico 1. Eles apareceram na análise textual dos dados: por meio dos processos compostos “devia abrir” e “pude reter”, nos excertos 22 e 29 respectivamente; por meio do processo “meter”, no excerto 34; no de número 40, por meio de “parar”; no excerto 41, por meio de “chegar”; no excerto 42, por meio do processo “achar”; no 46, com o “remoçar”; no de número 50, com o processo “demonstrar”.

Durante a análise dos dados, citei que “a linha principal de eventos em uma narrativa é predominantemente constituída por processos materiais”, segundo Halliday (2004, p. 174). Ao cabo da análise, no entanto, levando em consideração a expressiva porcentagem de processos materiais na obra de Machado de Assis, 26,8%, em comparação com o percentual dos outros processos, cheguei à conclusão de que esse número não se deve apenas ao fato de eu estar lidando com um gênero de cunho narrativo. Assim, concluí que Brás Cubas original revela-se como um sujeito predominantemente ativo, que por meio de suas memórias age como ator dos processos materiais descritos no parágrafo anterior.

Ainda na obra original, de acordo com os dados levantados, o personagem composto por Machado de Assis, Brás Cubas, é também representado lexicogramaticalmente como um sujeito experienciador. Como foi apresentado no gráfico 1, Brás Cubas é participante direto de processos mentais em 24,3% das orações retiradas do *corpus* da obra original, número representativamente próximo ao dos processos materiais.

A característica de experienciador pode ser observada no excerto de número 25, por meio do processo mental “fiar”; no excerto 28, por meio do “ver; no excerto de número 31, com “ignorar”; no excerto 36, por meio do processo mental “lobrigar”; no de número 38, com “arrependi”; no excerto 45, com o “achar”; no 47, com o processo mental “sentir”.

Brás Cubas, com essa gama de processos mentais, é a representação de um sujeito que sente, que possui desejos e que os retrata por meio de orações que são o reflexo da experiência de mundo de sua própria consciência, como Halliday define em sua GSF (HALLIDAY, 2004, p. 197).

Por aparecerem em grande quantidade na obra original, os processos mentais vêm confirmar, agora linguisticamente, junto aos pesquisadores da Literatura Brasileira, como Bosi, Lajolo e Carvalho, uma das características que mais se destacou no personagem: a de um sujeito pensante, de um ser que se autoanalisa além de analisar os acontecimentos, os fatos e os outros sujeitos ao seu redor. Logo, podemos afirmar, com base nos dados levantados nesta pesquisa e nos críticos citados, que Brás Cubas é realmente um sujeito pensante, psicológico, analista e reflexivo. Sua representação faz-se a representação da própria sociedade na qual ele revivera suas memórias, como bem explica Alfredo Bosi:

Imagem de um país condicionado por um “estado mental” mal saído dos tempos coloniais. Imagem de uma sociedade presa a hábitos “inelutáveis”, o que exprime um estilo de pensar diferente do protesto encrespado, feito de amor e ódio, revolta e esperança, que sai das páginas abolicionistas de Luís Gama, André Rebouças, José do Patrocínio ou Cruz e Souza, mulatos e negros que se indignam, porque motivados por um ideal de futuro libertador (BOSI, 2006, p. 99).

Além disso, Bosi ainda cita Plekhanov que diz:

A psicologia das personagens adquire enorme importância aos nossos olhos, exatamente porque é a psicologia de classes sociais inteiras, e sendo assim, podemos verificar que os processos que se desenvolvem na alma das diferentes personagens são o reflexo consequente do movimento histórico a que pertencem (PLEKHANOV *apud* BOSI, 2006, p. 41).

O gráfico 1 também nos mostrou que Brás Cubas é, em terceiro lugar, em termos percentuais, um sujeito falante. Este sujeito que fala, que se expressa por meio de processos verbais, pôde ser notado nos excertos de número 24, com o processo verbal “negar”; no 33, por meio do “repetir”; no 35, com o processo “dizer”; por meio do “responder”, no excerto de número 37; com o processo “agradecer”, no excerto de número 44.

Com esses dados, podemos dizer que Brás Cubas, além de ser um personagem que vivencia suas experiências por meio de processos materiais e mentais, como sujeito ativo e reflexivo, ele também as vivencia por meio de processos verbais. Esses são a representação do próprio narrador das *Memórias* que, revivendo-as, conta, narra e relata aos seus leitores seu passado em vida e sua morte, na eternidade. Brás Cubas fala. O defunto-autor se comunica como se estivesse vivo. Ele tem intimidade com o leitor, como se estivessem num diálogo cotidiano, como podemos notar no capítulo LXXI:

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...
E caem! — Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-vos-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar...
Heis de cair (ASSIS, 2001, p. 172).

A partir das observações acima, referentes ao fato de Brás Cubas ser representado, na obra original, como sujeito ator, experienciador e dizente, retomemos a hipótese desta pesquisa: o personagem Brás Cubas revela-se como um elemento passivo diante dos eventos sociais que Machado tencionou apresentar em sua obra.

Neste momento, após a análise quantitativa e textual dos excertos, a hipótese lançada é questionada, uma vez que tanto os números quanto a interpretação dos

dados me levaram a concluir que, em se tratando da representação de Brás Cubas na obra original, de acordo com o sistema de transitividade, o personagem revela-se como um sujeito que age por meio de seus pensamentos, atitudes e de sua própria fala. Ele relata fatos, mas também os questiona por meio de suas críticas. É o caso, por exemplo, do capítulo LXVIII, intitulado “O vergalho”, no qual a atitude de Brás Cubas de “parar e olhar” o coloca numa posição de respeito, que fez o escravo Prudêncio logo parar de bater no outro escravo para dar atenção ao seu ex-dono. Após o fato, Brás reflete sobre o caso dizendo:

Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto! (ASSIS, 2001, p. 172).

Portanto, a hipótese lançada no início desta dissertação, com base nos dados e nas explicações acima apresentados, não foi comprovada.

Os outros processos, comportamentais e relacionais, aparecem em 12,1% e 9,7% das orações do *corpus* original, respectivamente. Os primeiros foram analisados no excerto 21, por meio do processo “hesitar”; no 27, com o “adoecer”; no excerto de número 30, com o processo “encarar”; no de número 40, com o processo comportamental “olhar”.

Os processos comportamentais, apesar de não aparecerem em grande quantidade em termos percentuais, nos mostraram, por meio da análise textual, que foram processos decisivos na representação do personagem. É o caso do processo “hesitar”, que traz consigo a carga semântica de um comportamento indeciso e cauteloso por parte de Brás Cubas.

Já os processos relacionais na obra original são os que menos se destacaram em termos quantitativos, apenas 9,7%. Eles foram utilizados como um modo de o personagem: se apresentar aos seus leitores, visto que ele não era um autor vulgar, mas um defunto-autor, como vimos no excerto 23; para demonstrar sua

característica oscilante entre poeta e sábio, apresentada no excerto 26; para falar sobre a sua posição espacial, no excerto 32.

Vejamos, neste momento, o perfil do personagem Brás Cubas representado na tradução realizada por Gregory Rabassa.

Primeiramente, levando em consideração o resultado quantitativo dos processos apresentados no gráfico 1, podemos perceber que Brás Cubas teve a sua representação semântico-discursiva como um personagem portador de algum atributo, representado em 53% das orações do *corpus* da tradução.

Na análise textual, essa característica foi notada nos excertos de número 23, 25, 29, 31, 35, 38, 42, 44 e 46, com o processo relacional “*be*” – presente e passado; no excerto de número 27, com o processo “*fell*”; no 47, por meio do processo relacional “*have*”; e no excerto de número 49, por meio do “*couldn't help having*”. Logo, podemos notar que a quantidade de processos relacionais na tradução é expressiva. Dessa maneira, Brás Cubas foi, principalmente, caracterizado em mais da metade das orações do *corpus* da tradução.

A representação de Brás Cubas, dentro dos moldes do sistema de transitividade, revela que o personagem de Machado de Assis é um sujeito que se relaciona especialmente por meio de suas características. Estas foram apresentadas no excerto 25, como um ser confiante; no 29, como incapaz; no 31, como ignorante; no trecho 35, como um sujeito errado; no 42, como sozinho; no 46, como rejuvenescido. Desse modo, na tradução, Brás Cubas foi representado, pelo tradutor Gregory Rabassa, como um sujeito carregado de atributos, os quais são a representação de sua emoção/atitude.

O número de processos materiais na tradução é de 14,6% das orações do *corpus* desta pesquisa. Na análise textual, os processos materiais apresentados na tradução foram vistos no excerto 22, com o “*should start*”; no excerto 24, com o processo “*hide*”; no de número 28, com o “*manage to get*”; no 30, com o “*took a look at*”; com o “*stopped to look*”, no excerto de número 40; nos de número 43 e 50, com as construções na voz passiva, por meio dos processos “*was pained*” e “*was shown*”.

No entanto, se compararmos o percentual de processos materiais com o de processos relacionais da tradução, veremos que este último é mais do que o dobro do primeiro, fato que nos leva a concluir que aqueles foram utilizados realmente

como base para a narrativa traduzida por Rabassa, não implicando diretamente a representação do personagem como um sujeito ativo, como vimos na obra original. Desse modo, na tradução, Brás Cubas é essencialmente um sujeito portador de atributos, cuja narrativa é embasada por processos materiais, sem, no entanto, refletir em seu caráter diretamente, uma vez que os processos relacionais excedem os outros em grande proporção.

Os processos comportamentais, mentais e verbais apareceram com o mesmo percentual na tradução, 4,8%. Na análise textual, os comportamentais foram analisados no excerto 26, com o processo “*take*” e no excerto 33, com o processo “*laugh*”. Os processos verbais foram analisados no excerto 21, com o “*debated*”; e no excerto de número 33, por meio do “*repeated*”. Por fim, os processos mentais foram analisados no excerto 36, por meio do “*make out*”, e por meio do “*notice*”, no excerto 36.

Por terem sido utilizados em pequena proporção, esses processos, apesar de contribuírem para a representação de mundo do personagem, não tiveram tamanha expressividade a ponto de caracterizarem Brás Cubas como sujeito comportante, experienciador, ou mesmo dizente, como ocorreu na definição da representação de mundo do personagem na obra original. Nesta, os processos materiais e verbais tiveram expressividade suficiente para influenciarem a caracterização do personagem.

Vejamos, então, como as mudanças de processos analisadas influenciaram a formação do perfil ideacional do personagem Brás Cubas em ambas as obras, original e tradução.

Nos trinta excertos analisados, foram observadas algumas mudanças relacionadas à transitividade do texto de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A primeira mudança constatada foi a relacionada aos processos escolhidos pelo autor da obra original em relação às escolhas desses mesmos processos feitas pelo tradutor. Estas puderam ser vistas no excerto 21, cujo processo comportamental “hesitar” foi modificado para o processo verbal “*debated*”. Tal mudança conferiu ao personagem Brás Cubas uma característica mais ativa em relação ao processo da obra original. Mudanças dessa mesma ordem, em termos de processos, puderam

ser vistas também nos excertos 25, 31, 38 e 47, os quais apresentaram processos mentais na obra original que, na tradução, foram modificados para relacionais.

No excerto de número 28, também foi analisada a mudança de perspectiva do personagem Brás Cubas quanto ao processo mental que, na tradução, foi apresentado como processo material. Neste excerto, de personagem experienciador, que mentaliza e expõe suas experiências internas por meio de seu discurso *post mortem*, Brás Cubas recebe uma característica mais ativa, de ator de processo material como “conseguir dar uma olhada”. Na tradução, essa mudança marcou o personagem, como se o fizesse agir mais, o que o ajudou a construir sua narrativa, sua própria memória. Também foram realizadas modificações de processos verbais e comportamentais para materiais, como indicaram as análises dos excertos 24 e 30, respectivamente.

No entanto, as mudanças que realmente afetaram a representação de Brás Cubas na tradução, em comparação com a obra original, foram aquelas realizadas linguisticamente por processos que passaram para relacionais. Assim, processos mentais foram transformados em relacionais, conforme mostra o Gráfico 2; processos materiais foram transformados em relacionais; bem como os verbais e comportamentais, que também foram transformados em relacionais.

Quantitativamente, a mudança de processos materiais para relacionais apareceu também em primeiro lugar, junto com os processos mentais transformados em relacionais. Essas mudanças foram retratadas em três excertos, os de número 29, 42 e 46. Nestes, Brás Cubas deixa de agir como ator, ou seja, sujeito que faz e acontece (Halliday, 2004, p. 179), para representar um ser que se mostra inerte aos acontecimentos ao seu redor, como vimos na análise do excerto 42.

Na passagem de número 27, o processo comportamental “adoecer” se transforma em processo relacional por meio do “*fell*”. Já nos excertos 35 e 44, o personagem deixa de ser representado como sujeito falante, narrador de suas memórias, para se tornar, mais uma vez, o portador de algum atributo. Primeiro, o de estar errado e, depois, o de estar agradecido.

Outra mudança na transitividade também foi relatada no excerto 26, com a modificação do processo relacional “deixo-me estar” para o comportamental “*take my position*”. No excerto 33, Rabassa optou por transformar a expansão indicativa

de modo em outra oração. Brás Cubas recebeu mais uma representação, neste caso, como comportante; além da representação de dizente, apresentada apenas na obra original. No excerto 40, Brás relata sua atitude por meio de duas orações – “parei, olhei”. Ele é representado como ator e comportante, ou seja, duas representações diferentes. Na tradução, Gregory Rabassa optou por traduzir essas duas orações em apenas uma, a qual deu o mesmo sentido à mensagem, mas que modificou a representação do personagem em relação à transitividade do texto – “*I stopped to look*”. Na tradução, Brás é representado apenas como ator.

Mudanças semântico-discursivas também foram apresentadas. A primeira por meio do processo “hesitar”, traduzido como “*debated*”, no excerto 21. Também na análise do excerto 22, por meio do processo “abrir”, que foi traduzido como “*start*”. Tal escolha realizada pelo tradutor fez com que as memórias de Brás Cubas fossem vistas de outra maneira pelos leitores, como uma história a ser contada e não como a caixa de suas lembranças a ser aberta. No excerto 23, tivemos uma mudança de nível devido ao uso da oração hipotática “*a writer who is dead*”, utilizada como atributo por Rabassa. Isso fez com que a apresentação do personagem, como não sendo um autor defunto, fosse explicada por ele, fato que diferencia a tradução da obra original, uma vez que Machado de Assis não deu esse tipo de explicação. Ele apenas disse que não era um autor defunto, mas um defunto autor. No excerto 32, o processo relacional utilizado pelo narrador das memórias foi omitido na tradução, a qual utilizou apenas circunstâncias de tempo e lugar.

No que tange às modificações em termos semântico-discursivos, vimos que, no excerto 36, Rabassa não traduziu a continuação do fenômeno “uma vida nossa, um mundo nosso”. Machado de Assis, na obra original, por meio da repetição do pronome possessivo, dá a Brás Cubas um aspecto de um ser detalhista. Na tradução, Rabassa optou por não dar toda essa ênfase ao desejo de Brás, perdendo seu aspecto detalhista, e seu desejo se torna simplista.

A última modificação em termos semântico-discursivos foi apresentada no excerto 50. Neste, Brás Cubas deixa de ser participante direto para se tornar agente da passiva, participante omitido pelo tradutor.

Modificações na transitividade do texto em termos de participantes também foram constatadas. Estas apareceram na análise do excerto 37, no qual Brás Cubas

deixa de ser representado como participante direto. Rabassa, na tradução, transfere essa característica para Virgília, por meio do pronome “*she*”. O mesmo aconteceu no excerto 41, no qual a característica de ator do processo material “chegar” foi transmitida a Prudêncio por meio do pronome “*he*”. No excerto 45, Brás Cubas torna-se o fenômeno da oração e, portanto, deixa de ser o participante principal ou direto. Nesses três excertos, Brás deixou de ser participante central na tradução; mas o oposto também aconteceu.

Em duas passagens, Brás Cubas, na obra original, não era o participante direto, mas na tradução ele passou a ser. No excerto 39, o participante principal é “nenhum merecimento da ação”; já na tradução, é Brás Cubas quem desenvolve esse papel: “*I deserved no credit for the act*”, adquirindo a característica de portador. No excerto 43, Brás Cubas é colocado como ator na tradução de Rabassa, no lugar de “a cegueira da epidemia”, por meio do processo realizado na voz passiva “*I was pained*”. A “cegueira da epidemia” passa a ser agente da passiva, enquanto que, na tradução, Brás Cubas é representado como participante principal e sujeito afetado pelo processo.

Outras mudanças que me chamaram a atenção foram as analisadas nos excertos 34, 48 e 49. No primeiro, Rabassa optou por não traduzir a oração “e meti-a no bolso”: neste caso, Brás Cubas deixou de ser representado. Já nos excertos 48 e 49, os quais apresentavam Quincas Borba como participante principal, Rabassa optou por colocar Brás Cubas como tal.

Com todas as observações apresentadas, constatei que, primeiramente, Brás Cubas, na obra original, é representado como sujeito ativo, ator de suas memórias, e como um ser pensante, reflexivo, por meio dos processos mentais apresentados em sua narrativa (bem como afirmaram estudiosos da Literatura Brasileira, como Bosi, Lajolo e Medina Rodrigues). Além disso, ele é um sujeito falante, que conta as suas memórias por meio de processos verbais.

Na tradução, a representação de Brás Cubas sofreu alteração no sentido de ele não ser retratado como sujeito ativo, reflexivo e falante, mas, excessivamente, como sujeito que vivencia suas experiências de mundo por meio de processos relacionais, como portador de algum atributo.

Segundo Halliday, tanto os processos relacionais quanto os mentais são reflexos de atitudes inertes. Assim, poderíamos pensar que, tanto na obra original quanto na tradução, estes se destacam. No entanto, não devemos nos esquecer de que cada processo possui suas peculiaridades. Além disso, na obra original, a representação de Brás Cubas também foi diretamente influenciada pelos processos materiais e verbais, o que não aconteceu na tradução, já que os processos materiais, verbais, e mesmo os comportamentais, não foram tão expressivos quanto os relacionais. Assim, na tradução, podemos enxergar um Brás Cubas inerte, passivo e sem grandes atitudes.

Rabassa, em seu livro *If this be treason* (2005, p. 20), relata que a tradução é baseada em escolhas, mas que, mesmo no melhor dos exemplos, uma tradução não consegue atingir exatamente o que foi dito no original. Para ele, uma obra literária não pode ser clonada, apenas imitada e que, assim como as cores de um espectro, as línguas são únicas e distintas. Elas podem apenas se aproximar umas das outras. No caso específico da tradução de Machado de Assis, Rabassa diz ter tentado ao máximo encontrar palavras que eram válidas no tempo do autor, bem como no tempo em que a tradução foi realizada. Como foi constatado, a maioria das orações retiradas da tradução se mantiveram bem próximas às do original. No entanto, as modificações encontradas nas escolhas de Rabassa influenciaram uma formação ideacional do personagem diferente da do original.

Nesse sentido, a Gramática Sistêmico-Funcional, com seu sistema de transitividade, vem contribuir tanto para os estudos relacionados à representação de personagens em *corpus* paralelo, como também para o trabalho do tradutor. Este, se levar em consideração as suas escolhas no momento da tradução e o que elas refletem em termos ideacionais, poderá obter um produto mais próximo do original.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, J. *Iracema*. São Paulo: Typ. de Viana e Filhos, 1865.
- AMADO, J. *Gabriela Cravo e Canela*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- ANDRADE, M. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Oficinas Gráficas de Eugênio Cupolo, 1928.
- ANDROS, P. *As aventuras de um garoto de programa*. Trad. Dinah Klebe. São Paulo: Summus [Edições GLS], 1998.
- ANDROS, P. *Stud*. Boston: Perineum Press, 1982. (Originalmente publicada em 1996).
- ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1899.
- ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1881.
- ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- ASSIS, M. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Record Editorial, 2001.
- ASSIS, Machado de. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Trad. Gregory Rabassa. New York: Oxford University Press, 1997.
- BAKER, M. *In other words – a course book on translation*. Londres e Nova York: Routledge, 1992
- BLOOR, T.; BLOOR, M. *The functional analysis of english: a hallidayan approach*. Londres e Nova York: Arnold, 1995.
- BLUM-KULKA, S., Shifts of cohesion and coherence in translation. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (eds.). *Interlingual and intercultural communication*. Tübingen: Narr, 1986. p.17-35.
- BOSI, A. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BOSI, A. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BUENO, L. T. *Transitividade, coesão e criatividade lexical no corpus paralelo Macunaíma, de Andrade, e Macunaíma, de Goodland*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. (Dissertação de Mestrado).

- CARVALHO, C. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- COSTA, W. *A linguistic approach to the analysis and evaluation of translated texts with special reference to selected texts by J. L. Borges*. Tese de Doutorado. Universidade de Birmingham, 1992a. Inédita.
- COULTHARD, M. Linguistic constraints on translation. *Ilha do Desterro, Studies in translation*. Florianópolis, n. 28, p. 9-23, 1992.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres e Nova York: Continuum, 2004.
- FIRTH, J. R. *Papers in linguistics 1934-1951*. Londres: Oxford University Press, 1957.
- FRANCO J.; GRAHAM R. Series editor's general introduction. In: ASSIS, Machado de. *The posthumous memoirs of Brás Cubas*. Trad. Gregory Rabassa. New York: Oxford University Press, 1997. p. VII-X.
- GOUVEIA, C. A. M. *Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional*. Rio de Janeiro: Matruga, v.16, n. 24, p.13-47, jan./jun. 2009.
- GOUVEIA, C. A. M.; BÁRBARA, L. Marked or unmarked, that is not the question. The question is: where is the theme? In: *Ilha do desterro*. Florianópolis, n. 46, p. 155-177, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. Londres e Nova York: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to functional grammar*. 3 ed. Rev. Christian M. I. M. Matthiessen. London & New York: Arnold 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. London e New York: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's "The Inheritors". In: FREEMAN, Donald C. (Ed.). *Essays in modern stylistics*. London & New York: Methuen, 1981, p.325-360.
- HALLIDAY, M. A. K. Text as semantic choice in social contexts. In: HALLIDAY, M. A. K. *Linguistic studies of text and discourse*. London & New York: Continuum, 2002.

- HALLIDAY, M. A. K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E., YALLOP C. (Ed.). *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001, p.13-18.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HANSEN, J. A. Dom Casmurro, the fruit and the rind: an afterword. In: ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. Trad. John Gledson. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 245-257.
- HASAN, R. *Linguistics, language, and verbal art*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HATIM, B.; MASON, I. *Discourse and the translation*. Londres e Nova York: Longman, 1990.
- HATIM, B.; MASON, I. *The translator as communicator*. Londres e Nova York: Routledge, 1997.
- HOLMES, J. S. The name and nature of Translation Studies. In: VENUTI, L. (org.). *The Translation Studies Reader*. Londres; Nova York: Routledge, 2000.
- HOUSE, J. *A model for translation quality assessment*. Tübingen: Gunter Narr, 1977.
- HOUSE, J. *Translation quality assessment: a model revisited*. Tübingen: Gunter Narr, 1997.
- JACKSON, K. D. (Ed.). *Oxford anthology of the brazilian short story*. New York: Oxford University Press, 2006.
- LAJOLO, M. *Machado de Assis. Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- MEDINA RODRIGUES, A. Forma e sentido nas Memórias póstumas de Brás Cubas. In: ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 3ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 15-60.
- MONTGOMERY, M. Language, Character and action: a linguistic approach to the analysis of character in a Hemingway short story. In: SINCLAIR, Jonh M.; HOEY, Michael; FOX, Gwyneth (eds.). *Techniques of description – spoken and written discourse*. Londres; Nova York: Routledge, 1993. p.127-142.

- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies – Theories and applications*. Londres; Nova York: Routledge, 2001.
- MUNDAY, J. *Style and ideology in translation – latin american writing in english*. Londres; Nova York: Routledge, 2008.
- PAGANO, Adriana Silvina. Abordagens sistêmicas da tradução. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Desvendando Discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 255-288.
- RABASSA, G. *If this be treason – translation and its discontents: a memoir*. Nova York: New Direction Books, 2005.
- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S.. Abordagens discursivas dos Estudos da Tradução. *Polissema*, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, v. 6, p. 41-64, 2006.
- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S.. Representação gay em corpus literário paralelo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (Impresso), v. 10, p. 603-624, 2010.
- RODRIGUES-JÚNIOR, A. S.; OLIVEIRA, T. M. V.. Uma abordagem estilística das representações memorialísticas do narrador bizarro em Memórias póstumas de Brás Cubas. *Revista da Pesquisa & Pós-Graduação*, p. 26-36, 2010.
- SAUSSURRE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1916.
- SIMPSON, P. *Language, ideology and point of view*. London and New York: Routledge, 1993.
- SIMPSON, P. *Stylistics*. London and New York: Routledge, 2004
- VASCONCELLOS, M. L.; PAGANO, A. Explorando interfaces: Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de Corpus. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 177-207.